

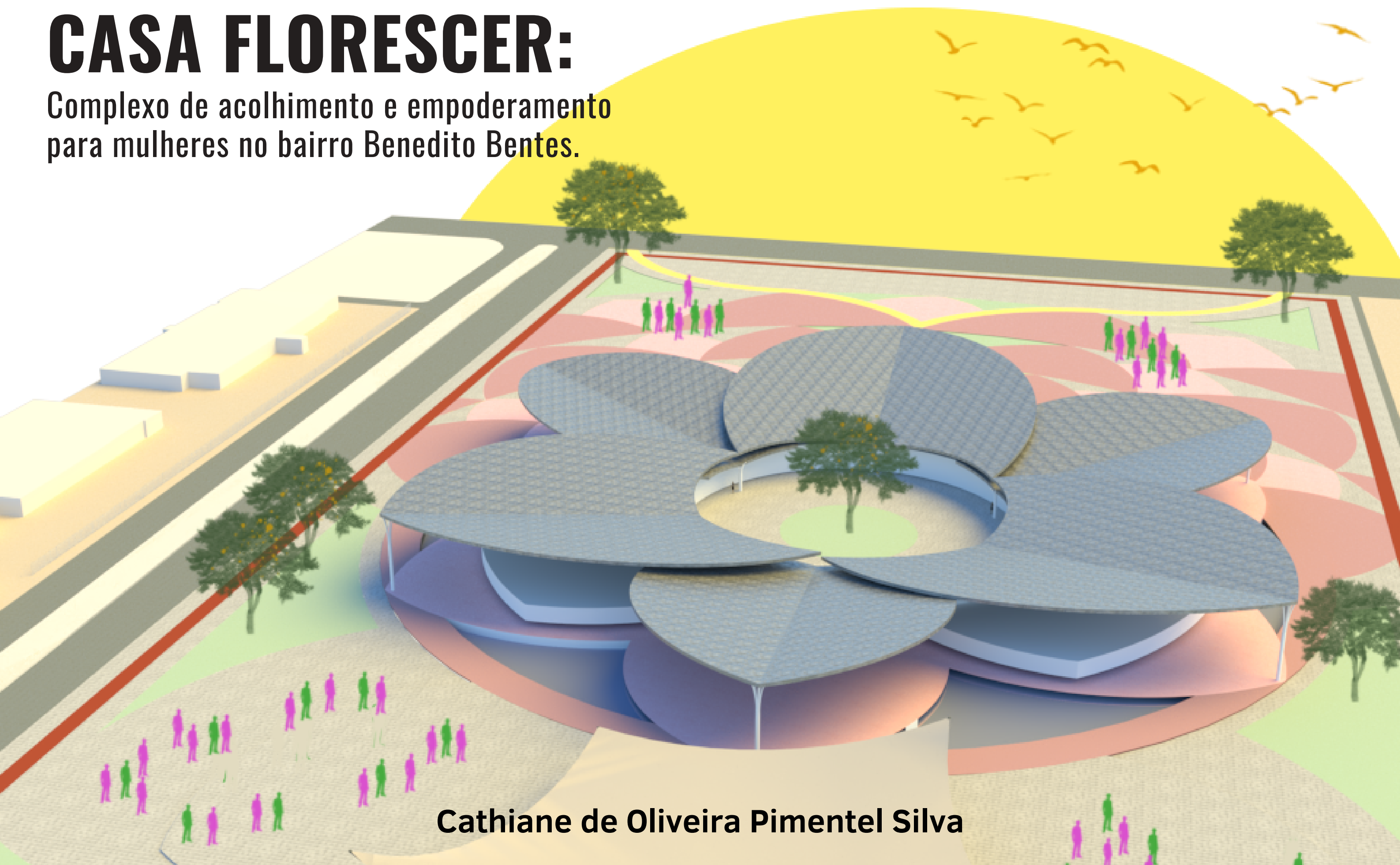


UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
CURSO: ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
ORIENTADORA: PROFª DRª DIANA HELENE RAMOS
MACEIÓ, AL - 2024

CASA FLORESCER:

Complexo de acolhimento e empoderamento
para mulheres no bairro Benedito Bentes.



Cathiane de Oliveira Pimentel Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU

Cathiane De Oliveira Pimentel Silva

Casa Florescer:

Complexo de acolhimento e empoderamento para mulheres no bairro Benedito Bentes.

Maceió - AL
Março de 2024

Cathiane De Oliveira Pimentel Silva

Casa Florescer:

Complexo de acolhimento e empoderamento para mulheres no bairro Benedito Bentes.

Trabalho Final de Graduação apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Diana Helene Ramos.

Maceió, Al

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586c	<p>Silva, Cathiane de Oliveira Pimentel. Casa Florescer : complexo de acolhimento e empoderamento para mulheres no bairro Benedito Bentes / Cathiane de Oliveira Pimentel Silva. - 2024. 68 f. : il. color.</p> <p>Orientadora: Diana Helene Ramos. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2024.</p> <p>Bibliografia: f. 67-68.</p> <p>1. Direito à moradia. 2. População em situação de rua. 3. Vulnerabilidade. I. Título</p> <p style="text-align: right;">CDU: 725.55(813.5)</p>
-------	---



*A flor que desabrocha na adversidade é a mais rara e bela de todas.
(Mulan)*

Dedicatória

*Dedico esse trabalho e toda minha vida acadêmica à Isabel Cristina da Silva.
Obrigada por me ensinar a ver a vida com os olhos do coração. Sinto sua falta.*

Agradecimentos

Durante o processo de florescer desse Trabalho Final de Graduação, me deparei com a necessidade do meu próprio florescer pessoal. A trajetória percorrida durante a graduação foi árdua, desafiadora e por vezes frustrante, mas também bonita, transformadora e encantadora. Por isso, como disse a pensadora contemporânea Anitta, eu queria muito agradecer a mim porque eu não desisti. Mas, para além disso, quero agradecer a todos que estiveram segurando minha mão durante essa jornada:

Agradeço principalmente a Kim, minha parceira de vida, meu tesourinho, minha felicidade, simplesmente por existir. Mas não só por isso, agradeço por ser a minha motivação, por me compreender, me ajudar, por lavar a louça quando era minha vez e por todas as pipocas com brigadeiro que você fez pra gente jantar enquanto eu escrevia. Vivo todos os dias pra te ver feliz.

À minha família, que me apoiou durante toda a vida, me ajudou na graduação, me acolheu e soube respeitar o meu tempo sem me pressionar. Agradeço a minha mãe, meus pais Carlos e Edgar, a vó Bia e a vó Salete por serem rede de apoio enquanto eu era tantas outras coisas além de universitária; à tia Bel *[in memorian]* que sempre acreditou em mim e no meu potencial mesmo quando eu duvidava. Sei que você está feliz nesse momento aí de onde está; agradeço as mais amadas florzinhas do meu jardim, minhas avós Margarida *[in memorian]* e Célia, que sempre floriram a minha vida e inspiraram esse projeto a florescer no meu coração. É graças a vocês que hoje há flores em tudo que eu vejo.

Ao meu melhor amigo Adriano, meu companheiro de jornada e meu irmão de alma, por todo apoio, paciência, incentivo e ajuda durante esses 11 anos de amizade. Eu não teria chegado até aqui se você não estivesse caminhando comigo.

Agradeço meus companheiros de graduação e de vida: Mariana, Naira, Laura, Luria, Babs, Babi, Andrea, Vivian, Adrielly, Hugo e Sirius, por toda a alegria que me proporcionaram durante todos esses anos, pela ajuda nos trabalhos e por fazerem parte da minha vida até hoje. Quero levar vocês pra sempre. Também agradeço aos companheiros que essa profissão me deu: Fabio, Bianca, Beatriz, Vitor e Leonardo, que tornaram as rotinas nos ambientes de trabalho muito mais felizes.

Agradeço ao Júnior, por todas as linhas apagadas no Cad, por aprender circuitos elétricos para me ensinar duas horas antes da prova, por me levar pra tantas apresentações de seminário, por tantas noites viradas pra me apoiar. Eu nunca esquecerei disso, e como disse um certo professor, você merecia um diploma também.

Agradeço a todos os meus amigos da Casa de Caridade Ponto de Luz, pois foi através de vocês que eu pude aprender na prática sobre as vivências das ruas e entender a importância de trabalhos voltados para quem precisa.

Agradeço ao Jean por toda a cobrança, todo apoio e toda paciência. Por todos os desafios, prazos e cronogramas que você fez pra mim, os quais eu não cumpri nenhum, mas que me ajudaram a me manter motivada durante a finalização deste trabalho. Obrigada amigo, você é um amigo.

Agradeço às minhas professoras, em especial as da minha banca: Diana - desde que ouvi sua palestra pela primeira vez, tive a certeza que seria a minha orientadora. Obrigada pela paciência, dedicação e cuidado com a minha pessoa e com o meu trabalho; Roseline - mesmo com o pouco contato acadêmico, me ajudou a ver com outros olhos o caminho a ser percorrido em minha graduação, e me mostrou na prática que nada adianta saber todas as respostas se não soubermos fazer as perguntas certas; Flávia Araújo - além de excelente profissional, também se importa e acolhe os seus alunos e; Carol Gonçalves, que como ela mesma disse, caiu de paraquedas nessa banca, mas se mostrou um verdadeiro presente com as suas contribuições para a melhoria deste trabalho. Não poderia deixar de agradecer também a Manu, Hidaka, Adriana e Capretz. Todas vocês são fonte de admiração e inspiração para a profissional que quero ser.

Por último e mais importante, agradeço a deus, fonte da energia criadora do universo, razão pela qual tudo isso foi possível e que sem dúvida tem um propósito maior através da minha jornada profissional que se inicia oficialmente a partir daqui.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Homem segurando um cartaz. Vitória, ES.	15
Figura 02: Idoso com carrinho e cartaz, Minas Gerais.	15
Figura 03: Pessoa dormindo em frente a banco com barreira	15
Figura 04: Barreiras físicas em degraus.	16
Figura 05: Barreiras físicas sob viaduto de Maceió - AL e	16
Figura 06: Protesto realizado pela população de rua de Maceió - AL.	16
Figura 07: Equipamentos públicos para população de rua em Maceió.	17
Figura 08: Componentes para cálculo do déficit habitacional brasileiro.	21
Figura 09: Déficit habitacional no Brasil por gênero em 2016 - 2019.	21
Figura 10: Localização do terreno no estado, município e bairro.	23
Figura 11: Vista aérea dos conjuntos habitacionais Benedito Bentes 1 e 2.	23
Figura 12: Conjuntos entregues pelo PMCMV no Benedito Bentes.	24
Figura 13: Equipamentos públicos no entorno do terreno.	25
Figura 14: Projeto Parque da Criança visto de cima.	26
Figura 15: Projeto Parque da criança.	26
Figura 16: Elementos do direito à moradia.	26
Figura 17: Concentração de pessoas em situação de rua nas imediações do terreno proposto.	27
Figura 18: Extensão total do recorte escolhido, sem cobertura nem pontos de iluminação.	27
Figura 19: Rosa dos ventos de Maceió	28
Figura 20: Carta solar de Maceió.	
Figura 21: Ventilação e insolação do terreno.	28
Figura 22: Demarcação de bacia endorreica do Tabuleiro dos Martins.	28
Figura 23: Parte do terreno empoçado mesmo durante dia de sol.	29
Figura 24: Entorno imediato do terreno proposto.	29
Figura 25: Fachada do CAIC José Maria de Melo	29
Figura 26: Fachada do CAIC José Maria de Melo	29
Figura 27: Moradores jogam futebol em campo insalubre no Benedito Bentes.	30
Figura 28: Show de rua realizado no terreno proposto.	30
Figura 29: Localização do terreno em relação às vias do entorno.	30
Figura 30: Trajetos feitos pelos usuários do local.	31
Figura 31: Vista da sala de aula	33
Figura 32: Vista do pátio	33
Figura 33: Fachada principal da escola	33
Figura 34: Vista aérea.	33
Figura 35: Planta baixa dos dormitórios	34
Figura 36: Vista externa do abrigo.	34
Figura 37: Vista interna do abrigo.	34
Figura 38: Vista interna do abrigo.	34
Figura 39: Vista externa New Shoots	34
Figura 40: Pátio interno da Kakapo Creek.	34
Figura 41: Planta baixa da Creche Chrysalis.	34
Figura 42: Shabono Yanomami.	35
Figura 43: Vista de cima Templo de Lótus	35
Figura 44: Vista aérea do Templo de Lotus.	35
Figura 45: Marquise do Ibirapuera.	35
Figura 46: Pilotis do MASP	35
Figura 47: Pilotis do MAM RIO.	35
Figura 48: Coberta da Casa Folha	36
Figura 49: Vista externa de Casa Folha.	36

Figura 50: Áreas de convívio da Casa Folha.	36
Figura 51: Áreas de convívio da Casa Folha.	36
Figura 52: Corte longitudinal da Casa Folha.	36
Figura 53: Aeroporto de Barajas visto de fora	36
Figura 54: Vista interna do aeroporto de Barajas.	36
Figura 55: Estrutura da cobertura do aeroporto de Barajas.	37
Figura 56: Corte longitudinal do aeroporto de Barajas.	37
Figura 57: Modelo tradicional x Modelo Moradia Primeiro.	37
Figura 58: Brasão da luz	37
Figura 59: Flores escolhidas para a proposta.	37
Figura 60: Mandala	38
Figura 61: Fotografia de uma antiga aldeia Xavante publicada na revista O Cruzeiro.	42
Figura 62: Evolução da planta baixa da edificação.	44
Figura 63: Croquis da concepção da coberta.	45
Figura 64: Croqui da concepção da coberta.	45
Figura 65: Evolução da maquete física da coberta.	45
Figura 66: Evolução da maquete física da coberta.	45
Figura 67: Evolução volumétrica da área edificada.	45
Figura 68: Painel Semântico.	46
Figura 69: Esquema de setorização.	48
Figura 70: Fluxograma de espaços do Complexo.	49
Figura 71: Esquema de amarração da coberta.	50
Figura 72: Esquema de amarração da coberta.	50
Figura 73: Croqui estrutura de cobertura da proposta.	50
Figura 74: Sistema de pilar árvore no Terminal Parque Olímpico - RJ.	50
Figura 75: Sistema de pilar árvore no Terminal Parque Olímpico - RJ.	50
Figura 76: Esquema estrutural de amarração por pilar árvore em cobertura plana.	50
Figura 77: Vista aérea da área edificada com cores diferentes para cobertas mais altas e mais baixas	51
Figura 78: Representação esquemática da altura da coberta.	51
Figura 79: Planta baixa esquemática de locação e cobertura.	51
Figura 80: Planta baixa esquemática de piso do Complexo.	52
Figura 81: Esquema de funcionamento de jardim de chuva.	52
Figura 82: Esquema de escoamento de águas pluviais.	52
Figura 83: Vista aérea com destaque para edificação.	53
Figura 84: Vista aérea da proposta.	53
Figura 85: Vista aérea - Estudo de massa.	54
Figura 86: Vista aérea da fachada principal do restaurante escola.	55
Figura 87: Esquema de fluxos do setor habitacional.	56
Figura 88: Esquema de ventilação no setor habitacional.	57
Figura 89: Esquema de dormitório com divisórias internas.	57
Figura 90: Estudo de massa Fachada principal do restaurante	58
Figura 91: Croqui de espaço de convívio do MAM e Ibirapuera..	58
Figura 92: Espaço de convívio coberto.	58
Figura 93: Ponto de ônibus próximo ao setor comercial.	59
Figura 94: Feira da Avenida Benedito Bentes antes de ser removida.	59
Figura 95: Feira da Avenida Benedito Bentes antes de ser removida.	59
Figura 96: Realocação da feira para área irregular na Rua Caxeú.	59
Figura 97: Realocação da feira para área irregular na Rua Caxeú.	59
Figura 98: Localização antiga e atual da tradicional Feira do Benedito Bentes.	60
Figura 99: Estudo de massa do Setor comercial.	60

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01: Parâmetros urbanísticos da ZR-8.	50
Quadro 02: Zoneamento dos ambientes.	75
Quadro 03: Programa de necessidades	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	- Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais
CAIC	- Centro de Atenção Integrada à Criança
CRIA	- (Programa) Criança Alagoana
EJA	- Educação de jovens e adultos
FAU	- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FJP	- Fundação João Pinheiro
FNHIS	- Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFAL	- Instituto Federal de Alagoas
InRUA	- Instituto Nacional de Direitos Humanos da População de Rua
IPEA	- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
FJP	- Fundação João Pinheiro
MAM - Rio	- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MASP	- Museu de Arte de São Paulo
MNPR	- Movimento Nacional da População de Rua
MSR	- Mulheres em situação de rua
PMCMV	- Programa Minha Casa Minha Vida
PMRR	- Plano Municipal de Redução de Risco
PNPR	- Política Nacional para a População de Rua
UBS	- Unidade Básica de Saúde
UFAL	- Universidade Federal de Alagoas
USF	- Unidade de Saúde da Família

RESUMO

As dificuldades encontradas pelas pessoas em situação de rua são diversas, e aumentam quando se observa que no Brasil, as políticas públicas existentes a fim de mitigar ou resolver tais questões, não são cumpridas de forma efetiva. Dentro desse contexto, mulheres cis e trans geralmente encontram mais dificuldades tanto para permanecer como para sair da situação de rua já que, estas sofrem mais com os atravessamentos impostos pela violência, insegurança e dificuldades para encontrar trabalho. Além disso, frequentemente são responsabilizadas pelos cuidados dos mais vulneráveis, como crianças e idosos. Concomitantemente, o bairro do Benedito Bentes, maior bairro periférico de Maceió - Al e que, formado no final da década de 1980 a partir da segregação socioespacial da população mais pobre da cidade, sofre até hoje com os problemas trazidos por essa separação, tornando sua infraestrutura precária e ineficiente. Diante da necessidade da redução do déficit habitacional da capital alagoana - agravado pela catástrofe ambiental provocada pela extração de Sal-gema através da mineradora Braskem - e a consequente necessidade de melhoria na qualidade de vida em bairros periféricos, aliadas às necessidades de moradia de qualidade do público-alvo, escolheu-se o bairro como o local da implantação do projeto, a fim de gerar maiores impactos socioeconômicos para ambos. A partir das problemáticas apresentadas, o presente trabalho, tem por objetivo propor um Complexo de acolhimento atrelando um espaço habitacional voltado a mulheres em situação de rua/vulnerabilidade social e seus dependentes, a um espaço de atividades diversas voltadas à comunidade em geral do bairro. A intenção é contribuir para a formação de atributos que facilitem a inserção do público-alvo, tanto no mercado de trabalho quanto em uma habitação de qualidade, gerando autonomia e empoderamento para estes, bem como trazer aumento da qualidade dos espaços públicos da região e consequente melhoria na qualidade de vida da população local.


Palavras-chave: Direito à moradia de qualidade; População de rua e em vulnerabilidade social; Inserção digna na sociedade.

ABSTRACT

The difficulties found by the people living on the streets are adversarial, and increase when it is observed that in Brazil, existing public policies to mitigate or resolve such issues are not fulfilled effectively. Within this context, cis and trans women generally face more difficulties both in staying and leaving the streets, as they are prone to obstacles imposed by violence, insecurity and difficulties in finding work, in addition to being held responsible for the care of more vulnerable people, such as children and the elderly. At the same time, the neighborhood of Benedito Bentes, the largest peripheral neighborhood in Maceió-AL and which, formed at the end of the 1980s from the socio-spatial segregation of the city's poorest population, suffers to this day from the problems brought about by this separation, which makes its infrastructure precarious and inefficient. Faced with the need to reduce the housing deficit in the capital of Alagoas – aggravated by the environmental catastrophe caused by the destruction of Rock Salt by the mining company Braskem – and the consequent needs for quality housing in peripheral neighborhoods, combined with the needs for quality housing in the target audience, the aforementioned neighborhood was chosen as the location for implementing the project, in order to generate greater socioeconomic impacts for both. Based on the questions presented, the current work aims to propose a Welcoming Complex linking a housing space aimed at homeless/socially vulnerable women and their dependents, to a space for various activities for the general community of the neighborhood. The intention is to contribute to the formation of attributes that facilitate the insertion of the target audience, both in the job market and in quality housing, therefore generating autonomy and empowerment for them, as well as bringing an increase in the quality of public spaces in the region and consequent improvement in the quality of life of the local population.

Keywords: Right to quality housing; Street and socially vulnerable populations; Dignified insertion into society.

SUMÁRIO

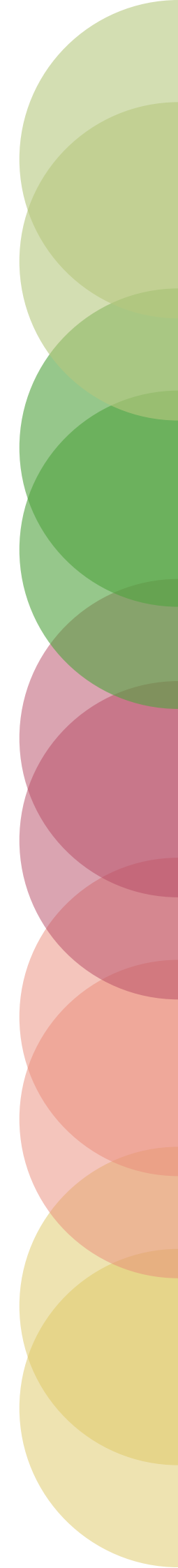
	1. Por onde for, floresça - Introdução	10	6. Um novo tempo há de vencer para que a gente possa florescer - Proposta de modelo arquitetônico	35
	1.1. Problemática	11	6.1. Quando se unem, são a flor que inspirou a canção - Princípios norteadores e o impacto esperado do empreendimento:	36
	1.2. Justificativa	11	6.2. Há flores por todos os lados, há flores em tudo que eu vejo - Conceito e Partido:	37
	1.3. Objetivos:	12	6.3. Flores na cabeça e pétalas no coração - Aspectos funcionais do Complexo	38
	1.4. Estrutura do trabalho	12	6.4. Passei por tantas flores, não foram só espinhos - Caminhos para a concepção da proposta	39
	2. Ah se toda flor nascesse em um canteiro - Caracterização dos indivíduos como população de rua	12	6.5. Ser duplamente flor: encanta, colore e faz bem - Elementos projetuais:	43
	2.1. Como surge a população de rua?	13	7. Pra não dizer que não falei das flores - Considerações finais	56
	2.2. Como são tratados os direitos da população de rua?	14	8. A flor que muito pensa, a flor que fecha ao sol - Referências:	59
	2.3. Percepção de como a sociedade (não) enxerga o real problema	14		
	2.4. Arquitetura hostil: quando a ciência é usada para repelir	15		
	2.5. Equipamentos públicos para pessoas em situação de rua na cidade de Maceió	16		
	3. E as flores dali me fizeram lembrar as canções esquecidas - Caracterização das mulheres como público-alvo da proposta	18		
	3.1. Queixo-me às rosas, que bobagem, as rosas não falam - Os atravessamentos impostos às mulheres na situação de rua	18		
	3.2. Parece a mesma flor só muda o coração - O recorte das mulheres trans	19		
	3.3. Pela estrada, pela rua, na calçada, flores num jardim - Vivências e percepções na cidade de Maceió	19		
	3.4. Sonhando com amor sem dor, amor de flor - Mulher, trabalho e cuidado no contexto do direito à moradia de qualidade	20		
	4. Posso te falar dos sonhos, das flores, de como a cidade mudou - O Complexo Residencial Benedito Bentes como escolha para implantação	20		
	4.1. Caracterização histórica do bairro	21		
	4.2. Vivências e percepções no Benedito Bentes	22		
	4.3. Equipamentos públicos já existentes no bairro	23		
	4.4. Caracterização do público-alvo no bairro	24		
	4.5. Características geomorfológicas do terreno	25		
	4.6. Caracterização de seu entorno	27		
	4.7. Acessos e fluxos	28		
	4.8. Legislação	28		
	5. Mas deixe seu rastro, flor, pra eu poder te seguir - Referenciais arquitetônicos	29		
	5.1. Escola para Garotas Rajkumari Ratnavati	30		
	5.2. Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica	30		
	5.3. Referências projetuais diversas e sua contribuição para a proposta	31		


01

Por onde for, floresça¹

INTRODUÇÃO

¹ Utiliza-se licença poética para intitular os capítulos a partir de canções com temáticas de flores e jardins, representando as abordagens trazidas no conceito do projeto.





No Brasil, dos 203,1 milhões de habitantes do país, cerca de 281.400 pessoas vivem nas ruas, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2022). Durante a pandemia da Covid-19 e sua consequente crise financeira, muitas pessoas perderam suas rendas e consequentemente as condições de pagar pela sua moradia, fazendo o número de sem-teto aumentar significativamente, o que perdura até hoje.

Em Maceió, estima-se que 4.500 pessoas vivem nas ruas, e apesar de representar apenas 0,5% da população total de 957.916 maceioenses (IBGE, 2022), ainda assim, é um número bastante alto. Durante o período de 2012 a 2022, os dados do IPEA demonstram que o aumento da população de rua na capital alagoana foi de 211%, ao passo que a população em geral cresceu 11% (Calheiros, 2023).

Diversos são os motivos que levam alguém a esta situação, desde dificuldades financeiras, perda ou quebra de contato com a família, dívidas, vícios, entre outros. Há também as questões de violência, seja ela de gênero, sexual, doméstica, ou outras. A verdade é que muitos não escolheram estar na rua e desejam voltar a ter sua estabilidade econômica para sair deste contexto, já que muitas das pessoas nas ruas, estão lá porque foi sua única opção e permanecem lá porque não tem meios para sair. Portanto, é preciso que encontrem na sociedade equipamentos e ferramentas que fomentem a mudança de sua realidade.

Existe também a necessidade de prevenir que pessoas que já se encontram em situação de extrema vulnerabilidade social tenham como única opção de sua situação ir para as ruas. Considerando que o contexto de vulnerabilidade por si só já é desafiador, é necessário existirem outras alternativas referentes à habitação, já que, muitas das vezes, elas estão sobrevivendo de doações de familiares e não possuem uma fonte de renda que permita arcar com os custos de sua moradia.

No que tange às questões arquitetônicas, as edificações onde funcionam as casas de passagens e demais instituições de apoio à população de rua que existem em Maceió, não foram pensadas para tal fim, sendo na maioria das vezes espaços improvisados e sem infraestrutura adequada para atender seus usuários.

1.1. Problemática

A falta de moradia denuncia não apenas uma falha do Estado em garantir o acesso a esse direito para todos, mas também se associa à violação de outros direitos básicos dos cidadãos. A solução mais usual e imediata do poder público para essa problemática, inclusive em Maceió, são os albergues de acolhimento para moradores de rua.

No entanto, Costa (2010, p.13) afirma que o albergue convencional não oferece liberdade ao indivíduo nem o ajuda a cortar relações com as ruas, pois não o (re)insere na sociedade, nem o

encaminha de volta para a sua família ou para o mercado de trabalho.

Outro ponto é que, quando se fala em projetos de habitação social incentivados e realizados por parte do governo, pouco se fala em atender pessoas em situação de rua. Um dos motivos para tal descaso é a falta de um plano de ação efetivo para cumprir as políticas públicas existentes, limitando-se muitas das vezes, segundo Costa (2010, p.12), a abrigos e uma inscrição em um cadastro feito pelos órgãos públicos que é totalmente ineficiente. Essa falta de ação em relação à pessoa de rua só evidencia o quanto a sociedade ignora o problema.

Se faz necessária a criação de medidas protetivas e mitigadoras na vida da população de rua e, para isso, a arquitetura e o urbanismo aplicados efetivamente podem ajudar a oferecer espaços habitáveis confortáveis e acolhedores na cidade.

1.2. Justificativa

A intenção da proposta nasce diante da experiência da autora morando durante toda a vida no bairro do Benedito Bentes, onde por diversas vezes conviveu com situações de pessoas próximas nas quais é difícil e muitas vezes impossível habitar uma residência digna, precisando mudar-se para habitações insalubres e muitas vezes de risco, por falta de condições de manter-se de outra forma.

A própria autora, durante sua adolescência, viveu uma situação de risco iminente de despejo de sua casa, onde teve muito medo de ir parar nas ruas. Desde então, preocupa-se muito com a questão e enxerga a necessidade de mecanismos que impeçam as pessoas de estarem nessa situação.

Também foi vivenciado pela autora, em vários momentos, principalmente durante e após a pandemia do Covid-19, o aumento da quantidade de pessoas nas ruas¹, revirando entulhos de lixo em busca de alimento, bem como o aumento da vulnerabilidade social em geral na região. Sendo assim, é de extrema importância pensar em projetos que ajudem a evitar que mais pessoas cheguem à situação de vulnerabilidade extrema, bem como subsidiar reintegração habitacional daquelas que estão sem moradia.

A partir disso, a presente proposta surge com o intuito de formular uma alternativa para a falta de moradia digna na cidade de Maceió, sobretudo no Benedito Bentes, local onde, de acordo com o Plano Municipal de Redução de Risco (PMRR, 2007, p. 22) no ano de 2007, quando foi realizado o último monitoramento, encontrava-se uma das maiores concentrações de moradias irregulares da cidade (cerca de 6000 unidades habitacionais).

Para isso pretende-se projetar um espaço seguro e acolhedor, onde existam mecanismos mais efetivos para retirar o indivíduo das ruas, fazê-lo se manter longe dela e ao mesmo tempo autônomo

¹ Segundo dados do IPEA (2022), entre os anos de 2019 e 2022, a população em situação de rua do Brasil cresceu cerca de 38%.

na sociedade, através de seu empoderamento².

Ferreira e Machado (2007, p.13), relata que o perfil das pessoas em situação de rua em geral é bastante diversificado, tendo homens, mulheres, idosos e crianças e, dentre eles, pessoas com deficiência (PCD 's), transtornos mentais, etc.

No entanto, o público-alvo escolhido para este trabalho são mulheres³ cis como trans⁴, e seus dependentes, que estejam em situação de rua ou em vulnerabilidade habitacional extrema (aquelas que apresentam grande risco de perder a moradia em que vivem). A escolha do público alvo se deve ao fato de que mulheres estão mais expostas à violência e importunação, e encontram mais dificuldades em se manter morando nas ruas, tanto pela violência de gênero que sofrem no espaço público, como por estarem, geralmente, como cuidadoras responsáveis de crianças e idosos (Helene, 2019, p. 957).

Além disso, são o grupo social que encontra mais dificuldades em sair da situação de rua, já que os mecanismos que as atravessam impõe a elas uma maior dificuldade de conseguir condições de existência autônomas na sociedade, como será explorado mais adiante neste estudo. Um outro fator para a escolha é que alguns abrigos não atendem adultos e crianças no mesmo espaço, mandando crianças para uma Casa de acolhimento institucional infantil, separando-os de suas famílias.

Ademais, devido à diferença sexuada relacionada ao acesso à moradia entre gêneros, o projeto demanda um programa de necessidades especialmente pensando para as condições relacionadas ao déficit de acesso à moradia do gênero feminino, e seus dependentes (Helene, 2019, p. 961)

1.3. Objetivos:

Objetivo Geral:

Propor um modelo de Complexo habitacional e de atividades diversas, ao nível de estudo de massa, mesclando espaços livres e edificações que ofereçam subsídios socioambientais a mulheres em situação de rua e vulnerabilidade social, resultando em um equipamento público que também melhore a qualidade urbana do bairro do Benedito Bentes, Maceió, Alagoas.

² Dar ou adquirir poder ou mais poder. Aumento da liberdade de escolha, sobre os recursos e decisões que afetam suas próprias vidas. A pessoa empoderada pode definir os seus objetivos, adquirir competências, ter as suas competências reconhecidas, resolver problemas e desenvolver seu próprio sustento. (Organização das Nações Unidas - ONU Mulheres, 2017). Neste trabalho tratar-se-á principalmente do empoderamento de mulheres em situação de pobreza, mulheres negras, mães-solo e todas aquelas que vivem em relações de subordinação ou desprivilegio social.

³ O público-alvo é mencionado por meio de pronome feminino, mesmo que alguns espaços também sejam utilizados por usuários masculinos. A escolha se dá pelo fato de que as mulheres são protagonistas da idealização dessa proposta.

⁴ Mulher trans é o termo utilizado para nomear aquelas mulheres que não se identificam com o gênero designado em seu nascimento, de acordo com sua genitália. Engloba-se nesse termo pessoas transexuais, transgêneros, travestis, não binárias, etc. Já mulher cis é o termo utilizado para definir mulheres que se identificam com o gênero do seu nascimento, designado pela genitália. A palavra cisgênera, traduzida do latim, significa “do lado de cá”. (Transcendemos, 2023)

Objetivos específicos:

- Traçar um perfil das pessoas em situação de rua em Maceió e das fragilidades e potencialidades do bairro do Benedito Bentes, para compreender quais são suas necessidades, a fim de trazer melhorias para ambos;
- Pensar sobre os espaços e os mecanismos necessários às mulheres em situação de rua e seus dependentes, destinados a atividades básicas cotidianas (abrigo, alimentação, educação, saúde e lazer), com intuito de reinseri-las na sociedade;
- Identificar e apontar soluções projetuais adequadas às necessidades de infraestrutura das usuárias do Complexo e do local de implantação, resultando em um ambiente que possua relação de harmonia com o entorno.

1.4. Estrutura do trabalho

O presente Trabalho Final de graduação, está estruturado em 6 capítulos principais, sendo eles:

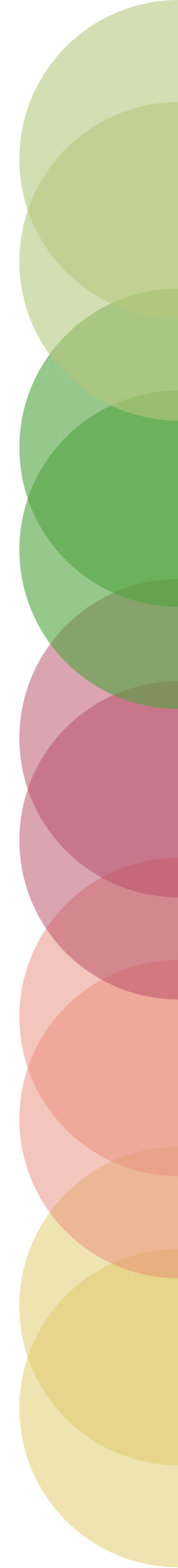
- 01** Introdução - onde é feita breve apresentação da problemática, do público-alvo e onde se justifica a necessidade das intervenções propostas;
- 02** Caracterização da população de rua - onde são abordados temas como o surgimento dessa população, os mecanismos que as levam às ruas e que lhes impedem de sair, bem como os direitos da população e como ela está inserida no contexto social atual;
- 03** Caracterização das mulheres como público-alvo da proposta - apresenta as dificuldades encontradas pelas mulheres para se manterem de forma digna, diante da violência, insegurança, falta de oportunidade de trabalho, e como isso as leva ao topo da lista do déficit habitacional brasileiro, além de trazer o recorte das mulheres cis e trans, com suas individualidades e necessidades diversas de acolhimento;
- 04** O Complexo Residencial Benedito Bentes - onde caracteriza-se o bairro, seus habitantes, o terreno escolhido para implantação e seu entorno;
- 05** Referências arquitetônicas que inspiraram a escolha das soluções projetuais da proposta e;
- 06** Proposta arquitetônica, onde constam os detalhes técnicos, formais e estruturais do Complexo, bem como as condicionantes arquitetônicas necessárias para a elaboração do projeto;

Além de Considerações Finais e Referências bibliográficas.

02

Ah se toda flor nascesse em um canteiro

**CARACTERIZAÇÃO DOS INDIVÍDUOS
COMO POPULAÇÃO DE RUA**



O Decreto n.º 7.053, de 23 de dezembro de 2009, considera população de rua:

O grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular. Também o grupo que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009, p.1)

Ao aprofundar-se nos estudos sobre a problemática, a autora resolveu considerar como público-alvo para a proposta não só indivíduos sem moradia, mas também pessoas em vulnerabilidade social extrema residentes no bairro Benedito Bentes. Estas, destituídas de acesso ao capital econômico, cultural e social, têm suas vidas tomadas por violências e estigmatização, visto que as realidades socioeconômicas e ambientais que lhes atravessam são bastante semelhantes.

2.1. Como surge a população de rua?

Pastorini (2004, p.12) afirma que é possível dividir a exclusão social sofrida pelas pessoas em situação de rua em três conjuntos, são eles: a) **exclusão social com a fragilização e/ou ruptura dos laços sociais** que integram o indivíduo à sociedade, sendo este um processo resultante de situações de vulnerabilidade, fragilidade ou precariedade que podem afetar os aspectos econômico-ocupacional, sociofamiliar, da cidadania, das representações sociais e da vida humana; b) **exclusão social como a não cidadania ou a negação dos direitos humanos**, restringindo a liberdade e a participação na comunidade, influenciando negativamente o seu reconhecimento como pessoa e; c) **exclusão social como conjunto de privações e vulnerabilidades relacionais, em processos de contradição**, onde são incluídas a pauperização e desigualdade social, resultantes das transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas nos últimos 30 anos, explicando as principais manifestações da questão social contemporânea e a relaciona à temática da pobreza, da desestabilização dos trabalhadores antes estáveis, e da perda dos padrões de proteção social.

O principal contribuinte para a exclusão social das pessoas em geral é a pobreza, não só a econômica, mas também a política, onde o indivíduo não tem condições de traçar seu destino e ter autonomia que lhe permita emancipação. Além disso, também existem questões como orientação sexual e de gênero, condições de difícil aceitação como AIDS, hanseníase, deficiências e os diversos transtornos mentais, bem como episódios de violência, alcoolismo, consumo de drogas, desemprego, problemas de saúde, perda de renda, dentre outros (Ferreira e Machado 2007, p.13).

Para entender como alguém vai para rua, é preciso analisar o processo chamado por alguns autores de “rualização”. Este, nada tem a ver com a ideia de que os sujeitos são da rua, mas sim, pertencentes a um processo social originado de múltiplos fatores. Para esse processo ser quebrado, é necessária aplicação de ações preventivas ou mitigadoras assim que ele se inicia, ou mesmo antes desse início, a fim de aumentar as chances do indivíduo de sair dessa condição. (Prates *et. al.*, 2011, p.

212).

No contexto de crise econômica e precarização da assistência social do poder público, entre 2012 e 2020, a quantidade de indivíduos nesta situação teve um aumento de 140% (Richwin e Zanello, 2023, p.2). Vale ressaltar que esses levantamentos quantitativos são precários e os números oficiais geralmente são apenas uma estimativa.

Estima-se ainda que cerca de 70% da população de rua é negra, fator que se estende desde o período de pós-escravidão. Campos (2005, p.74) afirma que o quilombo se transformou nas novas favelas e, desse modo, a concentração de terras gerou um exército de miseráveis que até hoje são vistos pela sociedade como ‘indignos de um habitat privilegiado’. Assim, sobram-lhes apenas a exclusão e marginalização, por vezes em favelas e grotas e, por outras vezes, ainda mais infelizes, nas calçadas.

2.2. Como são tratados os direitos da população de rua?

A população em situação de rua tem muitos dos seus direitos violados, dentre eles os previstos no Decreto n.º 7053, de 23 de dezembro de 2009-a Política Nacional para a População de Rua (PNPR)-onde no Artigo 7º, prevê como função do Estado: assegurar acesso da população de rua a políticas públicas que integram serviços de saúde, educação, previdência, assistência social, moradia, segurança, cultura, esporte, lazer, trabalho e renda bem como facilitar o seu acesso ao mercado de trabalho, caso seja desejo do usuário.

Também há o Projeto de Lei 5740/16, que assegura à população em situação de rua por lei ou por outros meios: o usufruto e a permanência na cidade; todas as formas de preservação de sua saúde física e mental, a fim de facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

A proposta veda a discriminação da população em situação de rua em qualquer atendimento público ou privado e destina também parte dos recursos do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS) para os programas de habitação de interesse social em benefício da população em situação de rua. Além disso, estabelece prioridade para a população em situação de rua para atendimento no Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), por meio de alteração na lei que trata do programa.

Mais especificamente em Maceió, existe o “Guia de serviços para a população em situação de rua”, que foi criado em 2018, com o propósito de trazer orientações básicas para os usuários, informando os lugares onde há a possibilidade de um banho, uma refeição, (que muitas vezes é a única do dia) e um lugar para pernoitar.

Devido à proporção que tomou o número de pessoas em situação de rua devido à pandemia, foram criadas a Resolução n.º 40, de 13 de outubro de 2020 e o Decreto n.º 9.894, de 27 de junho de

2019, voltadas para mitigar o problema de moradia gerado pela crise da Covid-19.

Estas portarias foram estudadas como forma de embasamento deste trabalho, no intuito de entender o que o Poder Público faz em benefício destas pessoas. É possível afirmar que, mesmo existindo uma legislação diversa, a cidade de Maceió não consegue oferecer os mecanismos de assistência social capazes de solucionar o problema relacionado à habitação, previsto em lei, para esse grupo. Muitas das vezes atua apenas como paliativo ao suprimento de suas necessidades mais básicas, sem conseguir garantir o cumprimento de seus direitos.

2.3. Percepção de como a sociedade (não) enxerga o real problema

“A gente faz um acordo enquanto povo, numa corda/ Em cada lado da corda estão parados ao chão/ E a gente vai trabalhando para estancar a sangria/ A gente é cobra da cria do mundo, cobra criada/ E a cega lá, malcriada, fingindo que não enxerga/ Criando vis mecanismos, para proteger ou trancar/ Os cabras que lhe interessa./ Não vai ter choro nem reza, nem comida na tua mesa/ Amamos nossa beleza não essa gente banguela/ A gente apaga a favela. Na vala, só vagabundo/ Mas vagabundo fodido que na noite vadia nessa pátria desigual/ Não que usa gravata e assiste pornografia na câmera federal/ Um que a gente mata a pau/ E o cidadão bata palma/ A gente vende a alma, pro velho diabo chifrudo/ Com nossa voz de veludo/ Cresceremos feito lodo, nesse nosso grande acordo/ Com o supremo, com tudo” [...] Cabidela - Seu Pereira e coletivo 401. (Falcão, 2012)

O trecho citado demonstra por meio das palavras do intérprete e compositor Jonathas Falcão, um retrato escancarado de uma sociedade que fecha os olhos para as necessidades de quem está na rua, pintando-os como bandidos, drogados, vagabundos que estão assim porque querem e responsáveis pela sua condição.

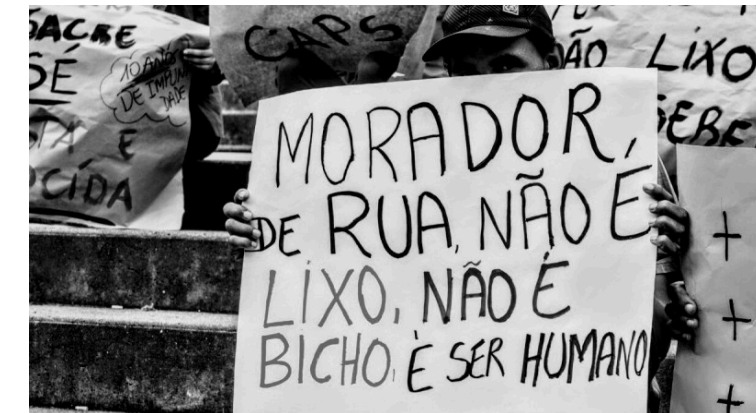
Culpa-se o indivíduo vítima do sistema-vítima essa que tem cor (preta) e classe social (pobre)-para aliviar sua consciência quando se cobra por políticas higienistas no intuito de varrer para baixo do tapete social todo aquele que não se encaixa em seus padrões, ao invés de cobrar medidas para equidade social de todos os cidadãos.

A justiça, que deveria estar em favor de todos, é apontada na música como ‘a cega’, que faz vista grossa para as negligências e violências cometidas contra quem não pode pagar por sua defesa, justificando as punições, agressões e o encarceramento de pessoas sempre vistas como vilãs.

Pessoas em situação de rua e de vulnerabilidade não são vistas nem ouvidas por grande parte da sociedade, ao contrário, têm suas existências marcadas por preconceito, negligência e exclusão. Esses fatos fazem com que a sociedade não se disponha a debater e compreender que o problema não são as pessoas e sim o que o sistema capitalista faz com elas e ignora a necessidade de quebra de paradigmas e estigmas impostos às pessoas de rua.

No cartaz da Figura 01, é possível ver um forte apelo para se enxergar pessoas de rua simplesmente como pessoas.

Figura 01: Homem segurando um cartaz. Vitória, ES.



Fonte: Davi Esmael, 2018.

[...] “Cheiro de sangue, rastro de bala/ Não me abala tanto quanto aquele pivete pedindo/ Hoje é um pedinte, amanhã um ladino/ O menino crescendo, o diabo sorrindo/ A polícia matando, traficante vendendo/ O menor cheirando cola no calor do meio-dia/ Um velho pedindo esmola, tocando na campainha/ Ai seu moço, já tem almoço? Algum trocado no bolso?/ Pra eu completar a passagem/ É que eu tô só de passagem/ Olha, eu vim lá do cafundó do Judas/ Ai me ajuda, ai me ajuda, ai me ajuda/ Tenha misericórdia de um pobre *fêla da puta*” [...] Cabidela - Seu Pereira e coletivo 401. (Falcão, 2012)

Nesse trecho da mesma música, Falcão explana sobre como a situação de vulnerabilidade pode levar o indivíduo a cometer crimes pela necessidade de sobrevivência e como alguns são empurrados pelas circunstâncias ao roubo, uso de drogas, violência e, na pior das hipóteses, à morte. Outro fato apontado na letra é que, quando não há interferência efetiva para tirar o cidadão da rua, o mesmo, em sua idade avançada, encontra como única solução depender de terceiros para sobreviver.

É preciso entender que nem toda pessoa de rua comete crimes ou está envolvida com drogas e prostituição (práticas vistas ainda com extremo preconceito pela sociedade). Devido a isso, ainda se vê campanhas de conscientização para lembrar a sociedade que morador de rua também respira, retratando o óbvio sendo dito, (Figura 02), quando, na verdade, ao invés de marginalizar os indivíduos, a sociedade deveria estar cobrando do Poder Público a melhor solução a essas questões.

Figura 02: Idoso com carrinho e cartaz, Minas Gerais.



Fonte: UFMG, 2018.

2.4. Arquitetura hostil: quando a ciência é usada para repelir

Para pessoas em situação de rua, os espaços públicos são os locais onde eles realizam grande parte de suas atividades, como comer, socializar, dormir e se higienizar. Para tanto, apropriam-se de equipamentos como bancos, praças, parques, cobertas de prédios, pontos de ônibus, etc. Sendo assim, existem artifícios que podem atrair ou repelir a permanência de pessoas nestes locais.

Observa-se o crescimento da chamada arquitetura hostil, que consiste em instalar medidas e barreiras que desincentivam a estadia de pessoas em áreas públicas. São exemplos bancos com divisórias e formatos desconfortáveis, muretas com pinos metálicos, grades no entorno de praças e jardins, construções sem marquises ou com gotejamento de água programado, cercas elétricas, arame farpado, pedras pontiagudas embaixo de viadutos, etc.

Muitas vezes as intervenções são discretas e pouco atrapalham o uso do espaço no dia a dia, mas impossibilitam de alguém conseguir deitar para dormir no espaço (Souza e Pereira, 2018).

Figura 03: Pessoa dormindo em frente a banco com barreira e Figura 04: Barreiras físicas em degraus.



Fonte: Archtrends, 2023 e Archdaily, 2023.

Em Maceió, começa a se notar o mesmo acontecendo. Além da permanência dos sem-teto nas ruas ser fortemente combatida na parte baixa, como orla marítima e no centro da cidade, recentemente um exemplo de técnicas construtivas hostis foi verificado na atual área de expansão imobiliária - o bairro de Cruz das Almas e adjacências. Observou-se que no viaduto próximo à avenida Pierre Chalita, foram feitas intervenções arquitetônicas nas calçadas (Figura 05) para evitar a concentração de pessoas que dormiam embaixo dele.

Diante disso, o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), liderado por Rafael Machado, ex-morador de rua e representante nacional da causa, realizou protesto (Figura 06) no viaduto, porém até agora os órgãos competentes não se manifestaram e nada foi feito.

Figura 05: Barreiras físicas sob viaduto de Maceió - AL.



Fonte: Tribuna hoje, 2023

Figura 06: Protesto⁵ realizado pela população de rua de Maceió - AL.



Fonte: Mídia Caeté, 2023.

2.5. Equipamentos públicos para pessoas em situação de rua na cidade de Maceió

Como dito anteriormente, o albergue é o principal método paliativo da situação de rua atualmente na cidade de Maceió. Porém, a inclusão nesse serviço não garante autonomia à pessoa de rua, mas sim a mantém presa em uma relação de dependência permanente da instituição, seja para comer, dormir ou tomar um banho.

Essa dependência é respaldada pelo fato de que há uma preocupação maior com a entrada do que com a saída dos seus usuários. (Costa, 2010, p. 12), explica esse fenômeno a partir da existência de uma maior pressão sobre o processo que acontece no fluxo de entrada do que no

⁵ Na imagem pode ler-se os dizeres “Maceió não é massa para o povo de rua!”, fazendo alusão ao slogan “Maceió é massa” da Prefeitura do Município. Massa é uma gíria local que significa legal, bacana, etc. e nesse caso, é uma crítica à atual gestão de JHC, que investe bastante em marketing, eventos de grande porte e pontos ‘instagramáveis’ por toda cidade e investe muito pouco no bem-estar da população, em especial a de rua.

fluxo inverso, numa tentativa mais de higienismo do ambiente durante a noite que de cuidado com a população de rua.

Segundo Costa (2010, p.12), “para a reinserção social, o indivíduo tem de participar da sociedade e para isso, ele tem de sair do albergue. Porém, às vezes o indivíduo não tem qualificação para disputar emprego, a família não quer recebê-lo, ou eles nem têm família”. Além disso, a sociedade empurra as pessoas por ela indesejadas para uma dinâmica de dependência de medidas paliativas de subsistência, por meio de serviços que funcionam como soluções de curto prazo, tais como as intervenções policiais e assistenciais no espaço público.

Foi realizado o levantamento dos abrigos e albergues que existem em Maceió, localizados em sua maioria na parte baixa da cidade, atendendo às necessidades básicas dos usuários de forma temporária e ineficiente. As principais casas de passagem e abrigos noturnos, bem como os serviços públicos existentes para a população de rua na cidade de Maceió, estão mapeados na Figura 07.

Observa-se nas imagens os distritos atendidos por cada equipamento separados por cor, demonstrando a insuficiência de equipamentos para atender toda a cidade e a consequente sobrecarga dos existentes, visto que precisam atender demandas de vários bairros ao mesmo tempo.

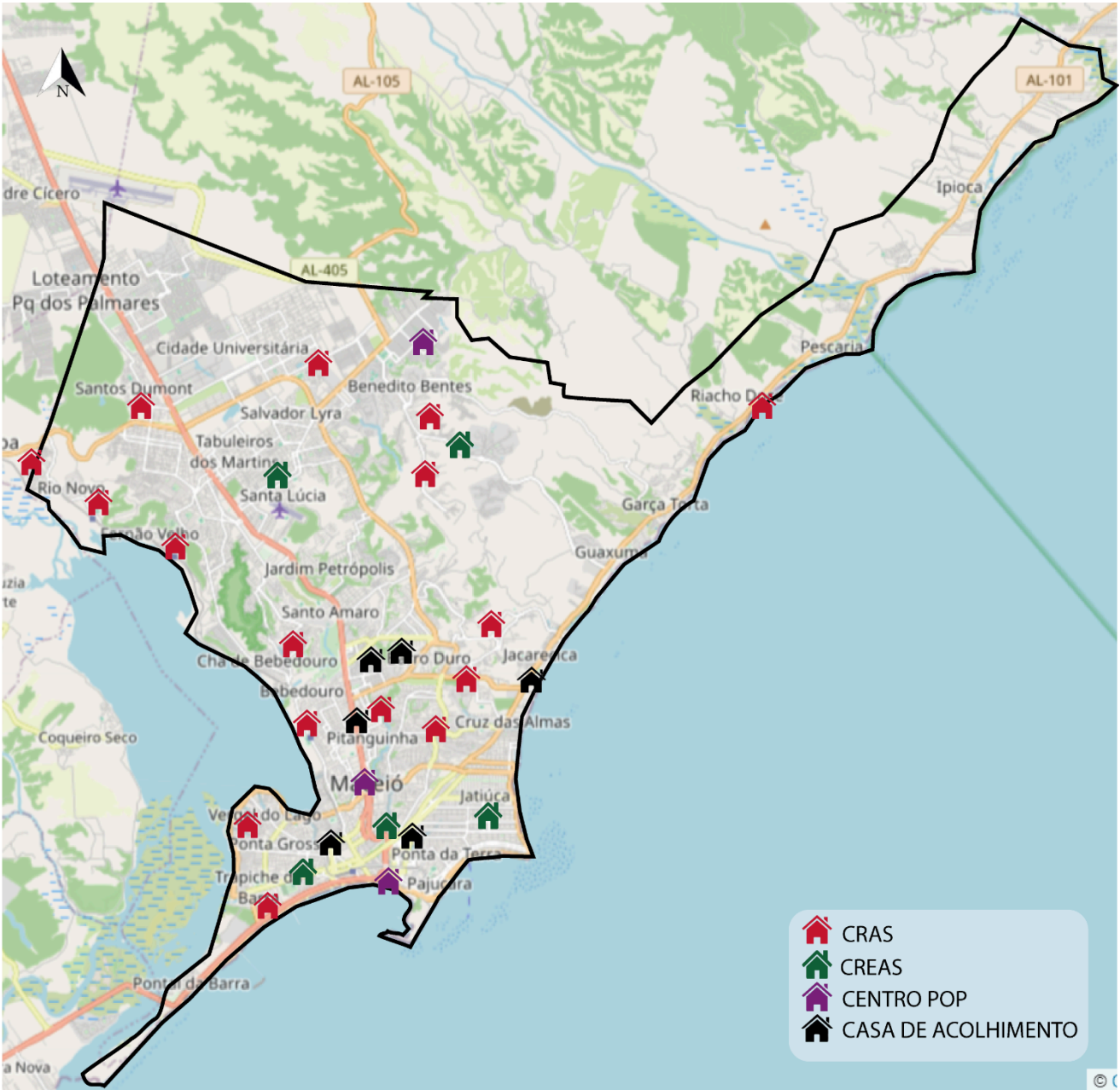
Em teoria, a maioria destas instituições informa oferecer encaminhamento para serviços de assistência social do Estado, porém, sem mecanismos de ressocialização eficazes é impossível que a reintegração social seja alcançada.

Observa-se, a partir desse levantamento, que os serviços de atendimento como CREAS, CRAS e CENTRO POP estão muito distantes uns dos outros na cidade, não havendo uma lógica espacial muito clara para a disposição destes. Seria interessante agrupar os equipamentos para facilitar a integração de suas funções aos usuários, evitando o aumento do deslocamento destes, quando forem em busca de atendimento a questões diversas.

Outro ponto a se observar é que alguns bairros, como os do Litoral Norte de Maceió, não possuem esses equipamentos, dificultando o atendimento das demandas sociais da população dessa região. Vale ressaltar que com a tragédia provocada pela Braskem e a consequente evacuação de quatro bairros de Maceió, vários serviços foram fechados nestas localidades, deixando a população afetada pelo desastre ainda mais vulnerabilizada.

Quando se fala em casas de acolhimento para a população de rua, é ainda pior, já que a grande maioria desses serviços são oferecidos apenas no centro da cidade e suas adjacências, não contemplando todos os possíveis usuários desses serviços de Maceió e concentrando compulsoriamente estes no Centro e região.

Figura 07: Equipamentos públicos para população de rua em Maceió.

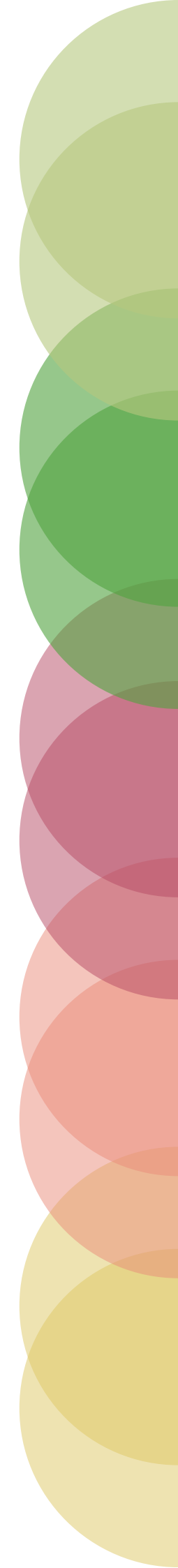


Fonte: OpenStretMaps, 2024 (modificada pela autora).

03

E as flores dali me fizeram lembrar as canções esquecidas

**CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES COMO
PÚBLICO-ALVO DA PROPOSTA**



Neste capítulo, serão abordadas as questões das mulheres em situação de rua e como suas vivências se diferem das vivências masculinas, além de refletir sobre o déficit habitacional brasileiro, suas causas e consequências às mulheres, e como isso as leva a situação de vulnerabilidade social.

3.1. Queixo-me às rosas, que bobagem, as rosas não falam⁶ - Os atravessamentos impostos às mulheres na situação de rua

As mulheres são minoria nas calçadas, porém, pode-se dizer que são as que sofrem os mais variados tipos de violência, sendo este o principal motivo que as leva e as mantém lá.

Richwin e Zanello (2023, p. 4), colheram relatos de algumas moradoras de rua de Brasília e através deles afirmam que dentre as violências que levam mulheres às ruas destacam-se: a) **abuso e maus tratos na infância** — cometida geralmente por seus cuidadores e/ou familiares, muitas vezes acompanhado de violência sexual; b) **violência doméstica** — principal motivo de mulheres recorrerem à rua. Com medo de ser assassinada por seus companheiros, quem não tem uma rede de apoio ou um lugar seguro para ir, esta é a única alternativa; c) **pobreza extrema** — a dinâmica das ruas atrai meninas e mulheres nessa situação para conseguir comida. Uma vez nas ruas, muitas adentram no mundo de crimes, drogas e prostituição e estes mecanismos as mantêm lá.

Na calçada elas correm os mesmos, se não maiores riscos de sofrerem novos tipos de violência, alimentando o ciclo de violência estrutural, que impõe estreitamentos e bloqueios resultando em três categorias principais de implicações: a) **criminal** — levadas a cometer crimes, seja por necessidades próprias ou por coação de seus companheiros, muitas são por vezes encarceradas e ao saírem precisam voltar para as ruas; b) **exploratória** — MSR's sofrem exploração física, sexual e financeira por parte de homens próximos e; c) **laboral** — para estas é mais difícil de conseguir um emprego, devido ao estigma de irresponsabilidade e insalubridade colocados sobre elas. (Richwin, 2023, p.10)

A carência de políticas públicas efetivas nas áreas de saúde, educação, profissional, cultural, de lazer e segurança resulta em vulnerabilidades socioeconômicas e emocionais acentuadas, gerando para MSR's uma carência de escolhas. Assim, tornam-se vítimas mais fáceis do que Zanello (2018, p.7) classifica como dispositivo amoroso e materno, termo utilizado para referir-se a subjetivação e controle dos corpos femininos através da auto culpabilização imposta a mulheres, atrelada a total desresponsabilização do homem nas relações heterossexuais.

Além disso, o trabalho infantil, a exploração sexual, a evasão escolar e tantas outras violências sofridas por elas deveriam ser evitadas através do cumprimento das políticas públicas já existentes. Ao contrário, o Estado entra em cena apenas para retaliação de crimes, por meio de encarceramento e

⁶ Nos capítulos 3 e 6, os subtópicos também são intitulados a partir de canções com tema floral, como forma de representar o público alvo (mulheres cis e trans), que de acordo com o conceito projetual apresentado posteriormente são, de forma figurativa, as flores desse canteiro.

violência policial, caracterizando o poder público, mediante ações e inações, como produtor e reprodutor dessa violência estrutural e de gênero.

No dia a dia das calçadas, Zanello e Richwin (2023, p.10) relatam que a sensação descrita por suas entrevistadas é de “bater ou levar, matar ou morrer”. Para sobreviver, as mulheres encontraram alguns mecanismos de autodefesa nas ruas, como pedras, pedaços de pau e garrafas quebradas; drogas para fugir da realidade da sua situação; ou mesmo um companheiro do sexo masculino que as proteja da violência de outros homens.

Em muitos casos, foi relatada à Richwin e Zanello (2023, p.9) a necessidade de escolher entre comer ou se abrigar, já que, na rua, sempre tem pessoas que lhes entregam comida ou doam dinheiro para comprar comida. Quando uma delas obtém condições para finalmente alugar um teto, se veem obrigadas a voltar para as ruas para comer, pois o dinheiro que consegue muitas vezes não dá para fazer as duas coisas.

3.2. Parece a mesma flor só muda o coração - O recorte das mulheres trans

Concomitante a estas problemáticas, encontra-se um grupo ainda mais fragilizado, pois além de todos os percalços gerados por se estar na rua, as mulheres trans enfrentam também a interseccionalidade das opressões combinadas em preconceito de raça, etnia, situação financeira e gênero (Duarte, 2021, p.43).

Tais questões devem ser discutidas com o cuidado de evitar que suas dificuldades sejam tratadas homogeneamente junto às das mulheres cis. Mulheres trans possuem suas próprias necessidades e que os processos de rualização de mulheres cis e trans são bem diversos, tornando necessário criar resolutivas diferentes para sua reinserção na sociedade.

As mulheres trans, bem como a população LGBTI+ em geral, geralmente chegam às ruas bem cedo, ainda na infância ou adolescência. Esta é a fase em que fica mais evidente a sua orientação sexual e inclinação à transição de gênero, que, segundo Duarte (2021, p. 44), com o aumento da aceitação e da visibilidade pela sociedade, tem ocorrido por volta dos 15 anos.

É nesse ponto em que muitas são expulsas de casa, devido ao preconceito de suas famílias. Por não terem qualificação nem idade para ingressar no mercado de trabalho formal, se veem sem ter onde morar e impossibilitadas de garantir seu próprio sustento. Daí é que surgem as ONGs e casas de acolhida voltadas ao público LGBTI+, visto a necessidade desse público em lidar com a falta de moradia e a discriminação encontrada inclusive por parte do poder público, já que as políticas públicas existentes não contemplam a pluralidade das existências femininas (Duarte, 2021, p. 45).

Outro ponto importante é que segundo Barbosa (2018, p.52), a falta de apoio da família, o afastamento da escola, a falta de acesso a serviços de saúde, a exclusão do mercado de trabalho formal, a dificuldade em tirar um documento ou alugar um apartamento marginalizam mulheres trans,

e tantos corpos não adequados a sociedade heteronormativa.

Desse modo, estas violências físicas e simbólicas resultam nas violências sociais, econômicas e culturais que levam à morte de transexuais no Brasil, que lidera o ranking dos países que mais mata pessoas trans no mundo e ocupa o 5º lugar no ranking mundial de países que mais mata mulheres (Barbosa, 2018, p. 50). Esses dados caracterizam todo o território nacional como um lugar hostil e inseguro a estes corpos, devido ao preconceito e intolerância difundida em larga escala por várias gerações.

Barbosa (2018, p.52) afirma ainda que 90% da população trans feminina no Brasil trabalha no mercado da prostituição, nem sempre por opção, mas sim porque esse é o único espaço onde sua feminilidade é reconhecida e respeitada e essa acaba sendo a única alternativa de sustento. Por vezes, é apenas nesse espaço que mulheres encontram seus vínculos de amizade e proteção entre si. Sendo assim, é importante criar mecanismos que garantam possibilidades múltiplas de escolha dos seus destinos.

Além disso, muitas destas mulheres precisam ser inseridas na sociedade a partir de sua nova identidade, sendo necessária a alteração de nome em documentos, mudança de vestimentas, cabelo, etc. O local que irá atendê-las precisa estar preparado para lidar com essas demandas.

3.3. Pela estrada, pela rua, na calçada, flores num jardim - Vivências e percepções na cidade de Maceió

Durante o período de outubro de 2022 até a finalização deste trabalho, tive a oportunidade de realizar trabalho social de distribuição de alimentos nos bairros do Centro, Jaraguá, Farol e Pajuçara, através da Instituição Casa de Caridade Ponto de Luz. Assim, tive contato com pessoas em situação de rua e pude observar suas dinâmicas.

Uma das informações mais relevantes observadas é que uma parcela considerável das pessoas que permanecem nas praças — e dentro dessa parcela, a maioria são mulheres com seus filhos — possuem habitação, mesmo que precária, e procuram geralmente as ruas para conseguir alimento para suas famílias.

Outro ponto importante é que nem sempre é possível descobrir qual a disposição dessas pessoas ao longo do dia. Foi observado que antes e durante a distribuição de alimentos há uma concentração delas nas praças, principalmente nas praças Martírios, Deodoro e Sinimbu. Em outros momentos, onde nada está sendo distribuído, quase não há ninguém ocupando as mesmas. Imagina-se que estes abriguem-se em edifícios abandonados/ocupações nas imediações do centro da cidade — locais muitas das vezes insalubres e que não possuem infraestrutura adequada para habitação — ou circulam por ruas mais movimentadas a fim de conseguir comer através das dinâmicas do trabalho informal.

Também observa-se que grande parte das mulheres em situação de rua, principalmente nas proximidades da orla da Praia da Avenida e da Praça Sinimbu, exerce o ofício da prostituição. O número de mulheres trans nas ruas de Maceió, seja por não aceitação familiar ou por falta de oportunidade de inserção na sociedade, é crescente.

Por fim, observa-se que, no geral, a população de rua não carece só de comida e abrigo, mas as pessoas querem ser notadas. Muitas delas têm o desejo de conversar sobre si e suas vidas e precisam só de ouvidos que lhes escutem, o que a maioria das pessoas não faz.

3.4. Sonhando com amor sem dor, amor de flor — Mulher, trabalho e cuidado no contexto do direito à moradia de qualidade.

Desde a origem da sociedade capitalista, as mulheres são marcadas por um cenário de exclusão, desigualdade e violência. As diversas violências praticadas contra as mulheres caracterizam um fenômeno multifacetário (político, econômico, cultural) que perpassa gerações e entrelaça as perspectivas de raça, classe social e gênero (Duarte, 2021, p. 23).

Helene (2019, p. 957) afirma que o acesso à moradia adequada, as dificuldades de morar na rua ou “morar de favor” também são maiores para o gênero feminino. Não só pelo medo constante de sofrer qualquer tipo de violência, mas também porque estas ocupam-se dos cuidados das crianças, idosos e outros, tornando a moradia algo muito mais que um bem ou uma conquista, mas um espaço de proteção de si e dos seus.

A questão de gênero relaciona-se com a questão da moradia devido ao entendimento de que os espaços voltados para habitação e atividades domésticas são espaços onde as mulheres são maioria. Essa condição deriva do surgimento do capitalismo e da divisão sexual do trabalho. Em consequência, mesmo quando inseridas no mercado de trabalho formal, seu trabalho é remuneradamente desvalorizado e suas carreiras são prejudicadas em decorrência das atividades domésticas e de cuidado, colocando a mulher em situação periférica no sistema de produção. (Helene, 2019, p. 955, *apud* Safiotti, 1979).

A sobrecarga do trabalho não remunerado, somada à marginalidade no mercado de trabalho e à baixa remuneração, faz com que o acesso à moradia, que, no Brasil, já é bastante inalcançável, fique mais difícil para mulheres e mães-solo. É ainda pior se considerar as desigualdades sociais e raciais, dificultando consideravelmente o acesso à moradia de qualidade por mulheres pretas e pobres, visto que, no geral, estas são ainda mais mal remuneradas em relação a homens e a mulheres brancas. (Helene, 2019, p. 956)

É importante salientar que, segundo a Fundação João Pinheiro (FJP), entre 2016 e 2019 o déficit habitacional no Brasil — calculado a partir de condicionantes variáveis presentes nas habitações, como demonstrado na Figura 08 — foi majoritariamente feminino.

Figura 08: Componentes para cálculo do déficit habitacional brasileiro.



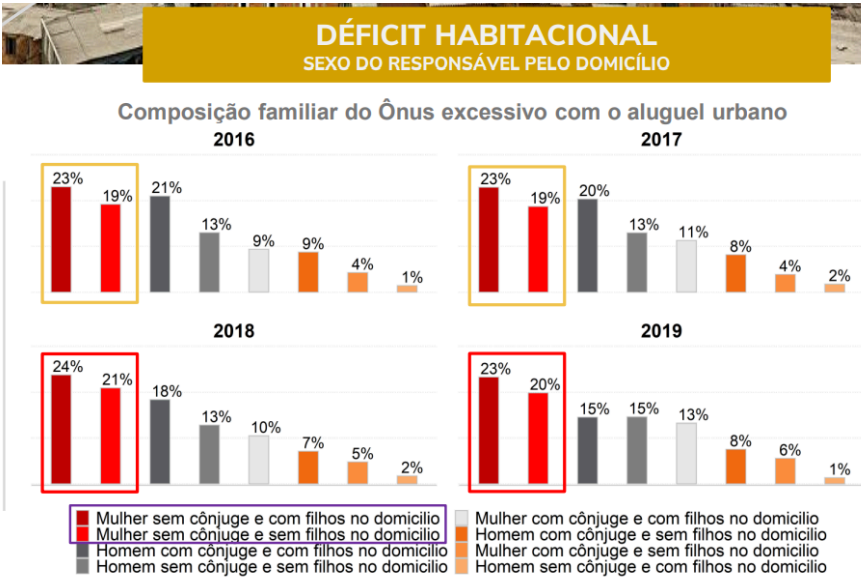
Fonte: De Paula, 2019.

Esses números devem ser compreendidos a partir dos processos sociais e urbanos, como mudanças demográficas e de arranjos familiares, bem como violências de gênero históricas que atravessam gerações. (Lacerda *et al.*, 2021)

Para Lacerda (*et. al.*, 2021), o principal fator que leva a este déficit são as mudanças de configurações familiares no país, que passaram a ser em sua maioria monoparentais (mães-solo e seus filhos). Em 2018, eram 11 milhões de famílias com esta composição, e desse total, 61% era composto por mulheres negras. Além disso, 63% das residências com mães-solo negras de filhos até 14 anos estavam, em 2018, abaixo da linha da pobreza.

Para as mães-solo em geral fica a inteira responsabilidade pelas contas da casa, a responsabilidade com os filhos e o emprego. A insuficiência de renda somada ao ônus exorbitante dos aluguéis, essas mulheres se veem obrigadas a habitarem com seus filhos em condições insalubres, tais como domicílios rústicos, improvisados, de apenas um cômodo e/ou em coabitação involuntária. A Figura 09 aponta o déficit habitacional no período de 2016 a 2019 por gênero e composição familiar:

Figura 09: Déficit habitacional no Brasil por gênero em 2016 - 2019.



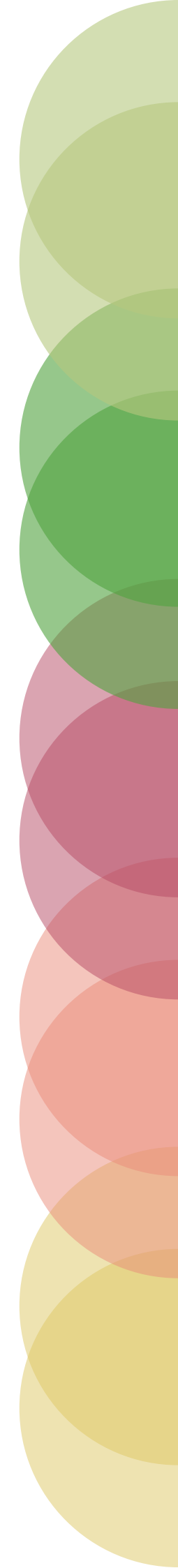
Fonte: Fundação João Pinheiro, 2020

Segundo a FJP, em Maceió, o déficit habitacional de famílias chefiadas por mulheres variou entre 51,1% e 61,4% no mesmo período de 2016 a 2019. É importante ressaltar que na capital alagoana, a catástrofe ambiental causada pela mineradora Braskem, através da extração do minério Sal-gema, acarretou a remoção de aproximadamente 40 mil famílias de suas casas (SECOM, 2023). Diante disso, o déficit habitacional total da cidade, que em 2016 era de 3230 unidades, atualmente está em cerca de 63 mil unidades residenciais em situação insalubre (FJP, 2021).

04

Posso te falar dos sonhos, das flores, de como a cidade mudou

**O PARQUE RESIDENCIAL BENEDITO BENTES
COMO ESCOLHA PARA IMPLANTAÇÃO**

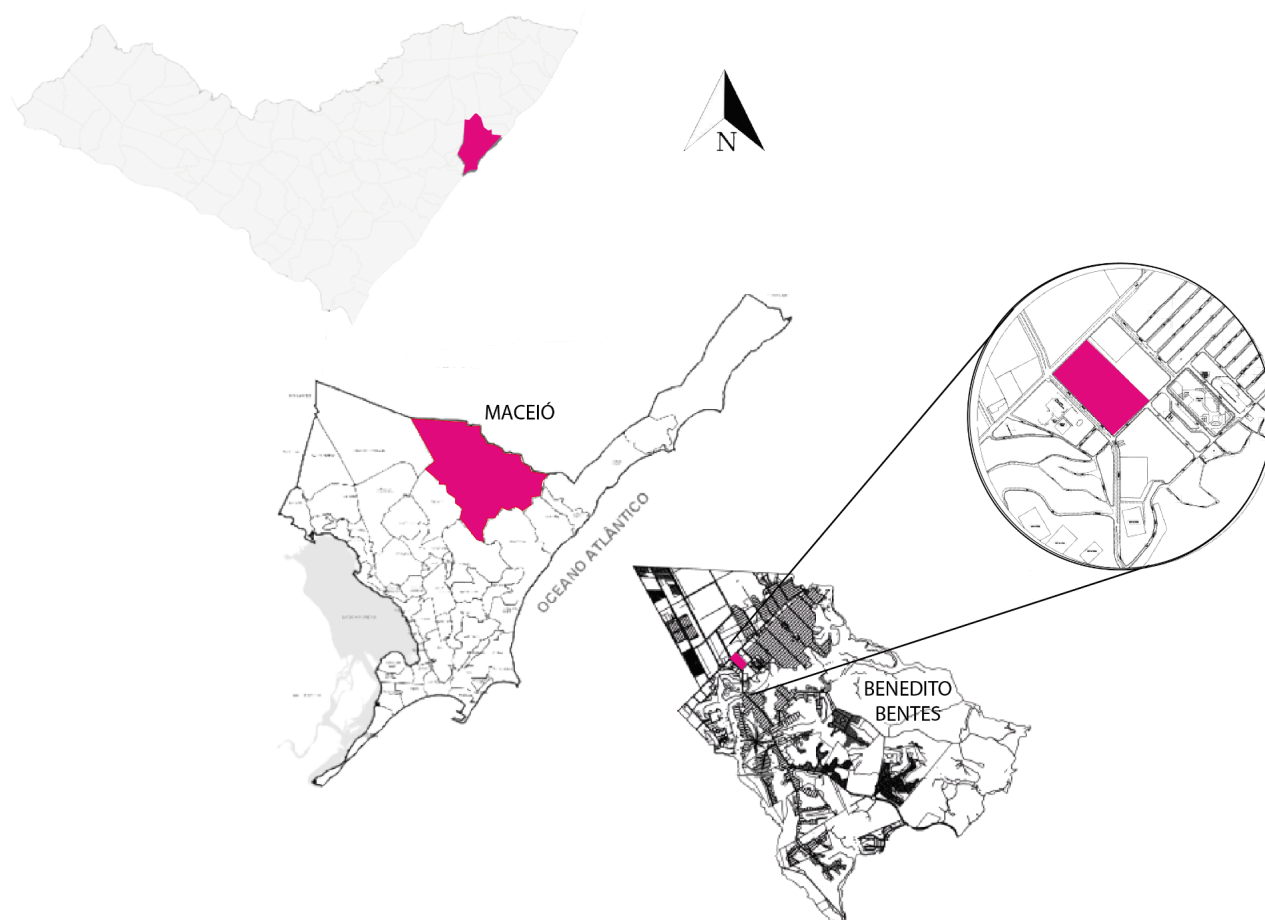


Para compreender as características do local de implantação do projeto, foram reunidas neste capítulo informações do bairro e do terreno escolhidos.

4.1. Caracterização histórica do bairro

O terreno escolhido para a implantação do projeto está localizado no bairro Benedito Bentes, na capital de Alagoas, Maceió. O bairro limita-se ao norte com o município de Rio Largo, ao sul com os bairros Serraria e Jacarecica, ao Leste com os bairros Guaxuma, Garça Torta e Riacho Doce e a Oeste com os bairros Antares e Cidade Universitária. Com uma extensão territorial de 24.627 km² e uma população de cerca de 90 mil habitantes (IBGE, 2010), é o maior e mais populoso bairro da cidade (Bairros de Maceió, 2020).

Figura 10: Localização do terreno no estado, município e bairro.



Fonte: elaborado pela autora, 2023.

O conjunto habitacional Benedito Bentes surgiu em meados da década de 1980, quando o Brasil enfrentava um contexto de recessão nacional, que influenciou diretamente o aumento do processo de informalização do trabalho e a queda do número de carteiras assinadas.

Assim, houve aumento do êxodo rural, que acontecia desde a década de 1940 em todo o país. O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1991 demonstra o agravamento da periferização das metrópoles, que resultou em favelas e cortiços marginalizados, bem como

problemas de trânsito caótico, violência, poluição, baixa qualidade de vida, etc. (Maricato, 1996, p. 55). É nesse contexto em que foi implantado o Complexo Residencial Benedito Bentes, um conjunto residencial periférico projetado com o intuito de construir moradias para a classe operária que inevitavelmente resultaria desse processo.

Os primeiros habitantes do conjunto enfrentaram questões comuns a outros espaços de moradia da classe trabalhadora no Brasil, como as apresentadas por Maricato (1996, p. 55): dificuldade de acesso a serviços de transporte, saneamento deficiente, drenagem e abastecimento de água precários, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, menores oportunidades de emprego formal e profissionalização, maior exposição à violência marginal e policial, discriminação racial, falta de acesso ao lazer de qualidade, etc.

O conjunto Benedito Bentes foi inaugurado em 1986 pela extinta Companhia de Habitação Popular de Alagoas (COHAB-AL), com projeto assinado por Acácio Gil Borsoi (Ticianeli, 2017). O intuito era reduzir o déficit habitacional para famílias de baixa renda, atendendo cerca de 27.000 pessoas, distribuídas em 5.528 unidades (Figura 11).

Figura 11: Vista aérea dos conjuntos habitacionais Benedito Bentes 1 e 2.



Fonte: Maceió Viva, 2015.

Na ocasião da implantação, a área escolhida para sua construção era muito afastada da cidade, permeada de grotas e vazios urbanos que dificultavam sua adesão ao tecido urbano da cidade. Isso trouxe e continua trazendo muitos problemas de infraestrutura, segurança e mobilidade para os moradores, e que só se agravaram com o passar do tempo.

Considerado um “fim de mundo”, a sua população até hoje é constituída majoritariamente por pessoas de baixa renda. Com o passar do tempo, os moradores foram se adaptando à distância, ao passo que o complexo habitacional era absorvido pela expansão imobiliária da cidade. Foram

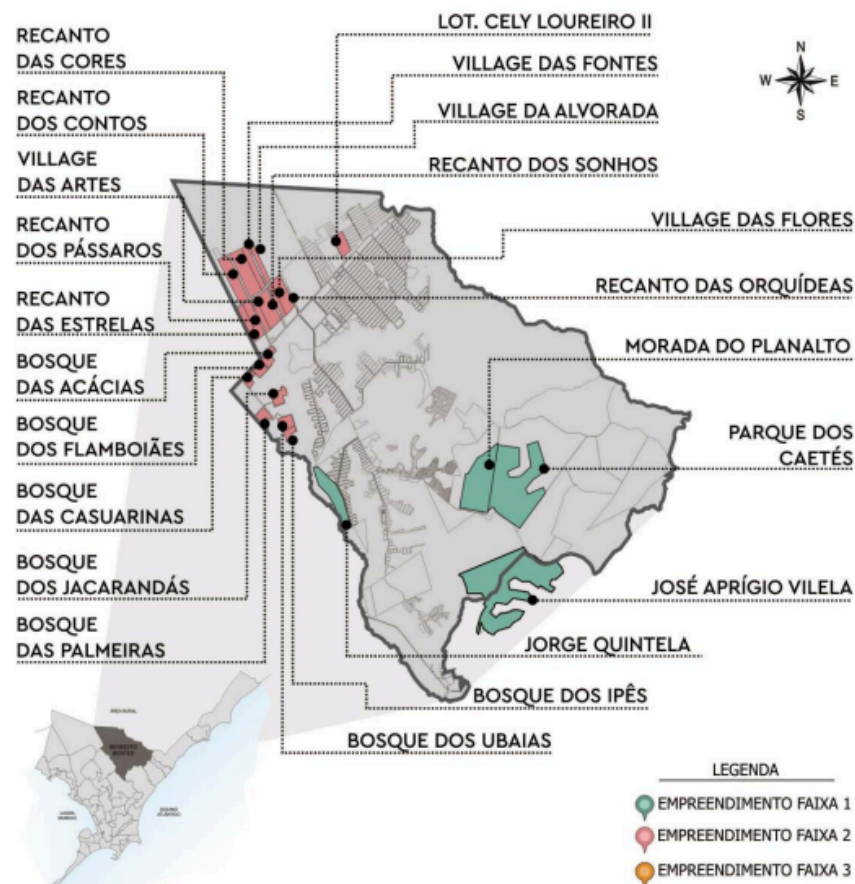
implantadas novas linhas de ônibus e o comércio começou a crescer. (Barbosa, 2007). Após a construção de novos conjuntos no bairro, essa infraestrutura continua insuficiente para atender toda a população.

Ao que se percebe, o projeto do Benedito Bentes não considera o acesso aos equipamentos básicos que possibilitam essa expansão, como: transporte coletivo de qualidade, sistema de educação abrangente, postos de trabalho, geração de emprego e renda, espaços culturais, de lazer e prática de esportes, entre outros equipamentos para a garantia dos direitos dos habitantes.

Em 2007, devido às proporções de sua expansão desordenada, ele foi instituído como um bairro de Maceió ao se entrelaçar à malha urbana, desvinculando-se do Tabuleiro dos Martins, bairro ao qual pertencia anteriormente. Entre 2010 e 2014, o PMCMV entregou 3 milhões de novas unidades habitacionais no entorno dos conjuntos existentes (Rocha, *et al.* 2019), o que fez o bairro, já bastante populoso, aumentar ainda mais sua população.

A Figura 12, mostra quais são essas unidades, classificados por seus respectivos conjuntos e legendadas a partir das faixas de renda de cada conjunto, sendo elas: faixa 1: de 0 a 3 salários mínimos, onde as unidades habitacionais são de Interesse social e custeadas a partir de recursos públicos; faixa 2: de 3 a 6 salários mínimos e; faixa 3: de 6 a 10 salários mínimos, sendo estas últimas custeadas por meio de recursos da iniciativa privada.

Figura 12: Conjuntos entregues pelo PMCMV no Benedito Bentes.



Fonte: De Paula, 2019.

A partir da análise do mapa, observa-se que, dos 22 empreendimentos habitacionais mapeados, 5 são da faixa 1 (0 a 3 salários mínimos) e o restante, da Faixa 2 (3 a 6 salários mínimos) e da Faixa 3 (6 a 10 salários mínimos). Observa-se no mapa a clara segregação espacial no próprio bairro, onde as habitações da Faixa 1 estão bastante segregadas das de Faixa 2 e do resto do bairro, e encontram-se em locais de difícil acesso e consequentemente distantes dos principais equipamentos públicos do local.

Atualmente, a região do Benedito Bentes está em expansão comercial, já que desde os anos 2000 têm chegado indústrias, escolas, diferentes tipos de comércio, bancos e um shopping. Ainda assim, os serviços não contemplam a todos os usuários e o local necessita da instalação de equipamentos públicos, representando uma grande oportunidade para novos empreendimentos. Com a construção da Ecovia Norte, hoje conhecida como Avenida Rota do Mar, a região do Benedito Bentes 2 está bem mais movimentada e o comércio local se desenvolveu bastante.

Através desse levantamento histórico, é possível afirmar que o Benedito Bentes é um bairro residencial periférico de dimensões territoriais amplas e de população extremamente carente. Apresenta ainda infraestrutura precária e, apesar de ter alguns equipamentos urbanos relevantes para a região, carece ainda de mecanismos que fomentem o aumento da qualidade de vida e equidade social.

4.2. Vivências e percepções no Benedito Bentes

Sou moradora do bairro desde que nasci e meus pais adquiriram a residência que moro até hoje na segunda etapa do projeto. Eles relatam que os problemas já apresentados na primeira etapa (Benedito Bentes 1) eram bastante acentuados na segunda (Benedito Bentes 2), visto que o conjunto “Dois”, como é até hoje conhecido, era ainda mais segregado do que a parte “Um”, já em desenvolvimento por ser inaugurado antes.

O deslocamento de um conjunto para o outro só era possível a pé ou por transporte próprio, pois não havia nenhuma espécie de transporte coletivo ou particular na época, quase 40 anos atrás. Como os meus pais possuíam apenas uma bicicleta, utilizada para o transporte das quatro pessoas da família ao mesmo tempo, a travessia era muito difícil. Quando íamos à igreja ou à casa da minha vó, ambos no conjunto “Um”, precisávamos passar por caminhos estreitos onde havia plantio de cana dos dois lados desses caminhos. Não tinha asfalto, às vezes a lama batia no joelho e havia o risco de assalto e/ou outros tipos de violência, como estupro. No começo, também só havia supermercados no Um e, para fazer compras, minha família dependia de caronas ou carros de frete.

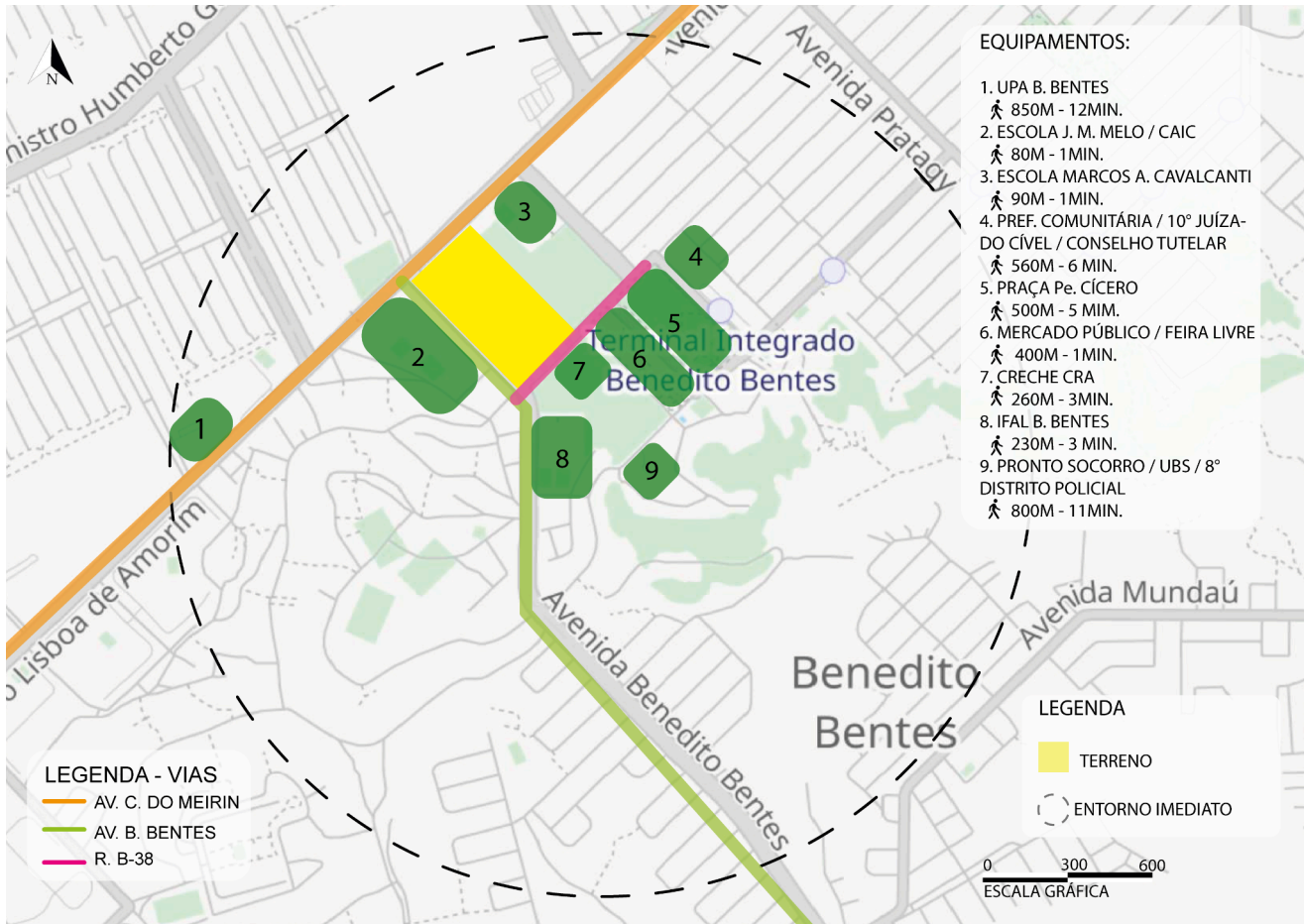
Meus estudos sobre o bairro Benedito Bentes se iniciaram no ano de 2020, durante a matéria eletiva de Habitação de interesse social e espaço urbano (graduação FAU/Ufal), quando realizei a apresentação de um seminário de conteúdo crítico sobre sua história, construção, implantação e desafios. Neste trabalho foram levantadas diversas informações e as quais serviram como principal

embasamento para esse capítulo.

4.3. Equipamentos públicos já existentes no bairro

A escolha do local também considera a proximidade dos principais equipamentos públicos existentes no bairro, o que trará comodidade às usuárias e oferecerá suporte às atividades desenvolvidas no Complexo. Na Figura 13, estão indicados estes equipamentos juntamente com informações de distância e tempo de chegada a pé, partindo do centro do terreno, onde estará localizada a edificação do projeto.

Figura 13: Equipamentos públicos no entorno do terreno.



Fonte: OpenMap Street, 2023 (modificado pela autora.)

Os equipamentos listados na Figura são:

1. Unidade de Pronto Atendimento (UPA): Oferece atendimento simplificado à urgência e emergência 24h, além de raio-x, eletrocardiografia, pediatria, laboratório de exames e leitos de observação e poderá atuar como suporte aos casos mais graves de saúde das residentes.
2. CAIC/ Escola Dr. José Maria de Melo: São serviços públicos que funcionam no mesmo local, sendo o CAIC uma Unidade de Saúde da Família (USF). Oferece serviços como vacinação, acompanhamento pré-natal, tratamento de tuberculose e atendimento psicológico. Estes serviços serão essenciais para as pessoas atendidas pelo Complexo. Já a Escola Estadual

atende crianças do ensino fundamental e a proposta é que também sejam reservadas vagas para as crianças atendidas.

3. Escola estadual de ensino integral Marcos Antônio Cavalcanti: A escola oferece educação para alunos do ensino médio atrelado a um curso profissionalizante (marketing, recursos humanos e informática). A proposta é firmar parceria para reservar determinada quantidade de vagas anuais para as pessoas atendidas pelo Complexo em idade escolar de ensino médio.
4. 10º Juizado Cível: Principal juizado do bairro, oferecerá apoio jurídico a questões judiciais das pessoas atendidas no Complexo.

— Prefeitura Comunitária/Conselho Tutelar: Local para atender as demandas do bairro, onde ficam o prefeito comunitário e o conselheiro tutelar, responsáveis por problemas relacionados respectivamente às demandas gerais do bairro e às demandas referentes a menores de idade. Pode servir como apoio para reinserção de menores em suas famílias, bem como encaminhá-los para centros de reabilitação de drogas, quando necessário.

— Restaurante Popular: Funciona ao lado do terminal integrado e oferece alimentação a preço popular. Como o Complexo irá possuir um restaurante que fornece alimentação gratuita tanto às moradoras como a pessoas em extrema vulnerabilidade alimentar dos arredores, o restaurante popular pode servir como apoio, podendo ser feita uma parceria para que o mesmo também possa oferecer algumas refeições gratuitas a pessoas cadastradas previamente.

5. Praça Padre Cícero: Principal equipamento urbano de lazer da região. Conta com uma pequena infraestrutura, com pistas de skate, bicicleta e corrida, campo de vôlei, coreto, playground e equipamentos de ginástica. Atualmente está em reforma para ser transformada pela prefeitura no “Parque da Criança”.

Figura 14: Projeto Parque da Criança visto de cima.



Fonte: 7segundos, 2021

A proposta de uma nova praça próxima a praça já existente preocupa-se em implantar atividades diferentes das que existem, como espaço de eventos e exposições de arte e aulas ao ar livre, já que o Parque da Criança, como o nome sugere, é voltado para o público infantil. Espera-se que a diversificação do uso possa aumentar o fluxo de pessoas e trazer vitalidade.

Figura 15: Projeto Parque da criança.



Fonte: Prefeitura de Maceió, 2021.

- 6. Feira livre/ Mercado Público do Benedito Bentes: Principal local de comercialização de alimentos perecíveis, bem como artigos diversos. Tem bastante movimentação durante o dia e a noite muitas pessoas em situação de rua da região dormem por lá. A intenção é retirar as pessoas que dormem nesse local e realocá-las em moradia segura, através dos serviços ofertados no Complexo.
- 7. Creche CRIA: está sendo implantada nas imediações do terreno uma creche do Programa Criança Alagoana — CRIA, especializada em reforçar a educação na primeira infância, que compreende as idades entre 0 a 5 anos. Assim como com o CAIC será estabelecida parceria para fornecimento de vagas a crianças que estiverem sendo atendidas no setor habitacional.
- 8. Instituto Federal de Alagoas (IFAL): Oferece curso técnico de logística integrado ao ensino médio e os cursos técnicos de logística e enfermagem subsequentes ao ensino médio. Como fica próximo ao local escolhido para o Complexo, a proposta é firmar parceria com o IFAL para existirem vagas reservadas para as residentes nesses cursos.
- 9. 8º Distrito Policial: É a principal delegacia local. Pode servir como ponto de apoio a usuárias da habitação após terem sofrido agressão ou outro tipo de crime, ou que precisem de serviço policial de qualquer tipo, como fazer boletim de ocorrência de documentos e objetos perdidos ou roubados.
- 10. UBS Dr. Hamilton Falcão/ Pronto Socorro Denilma Bulhões: Duas unidades de saúde integradas em um mesmo edifício. É o local de atendimento médico mais próximo do terreno proposto. Oferece serviços como: atendimento de urgência e emergência, pequenas cirurgias

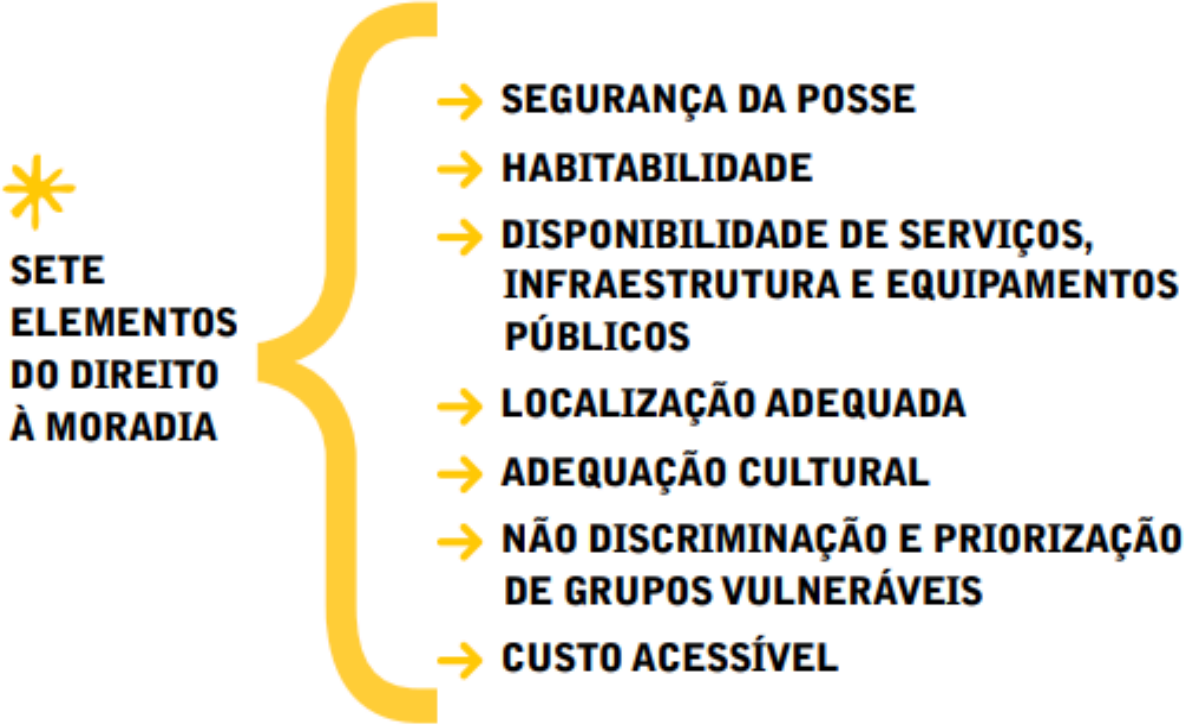
de urgência, consultas clínicas de rotina, parto cesariano e alguns exames laboratoriais simples. Oferece os mesmos serviços que o CAIC, acrescidos de entrega de remédios na farmácia e exames de diagnóstico por imagem.

4.4. Caracterização do público-alvo no bairro

Como visto anteriormente, desde sua fundação o bairro enfrenta problemas de infraestrutura e segregação socioambiental, impactando negativamente a vida de seus moradores já que, para locais periféricos, onde grande parte das habitações são precárias, o espaço público se limita aos espaços residuais no entorno da casa.

A escolha do bairro como local para a implantação baseia-se ainda nas afirmativas da Cartilha Como fazer valer o direito das mulheres à moradia, onde Raquel Rolnik (2012), listou 7 elementos fundamentais para o cumprimento desse direito conforme Figura 16.

Figura 16: Elementos do direito à moradia.



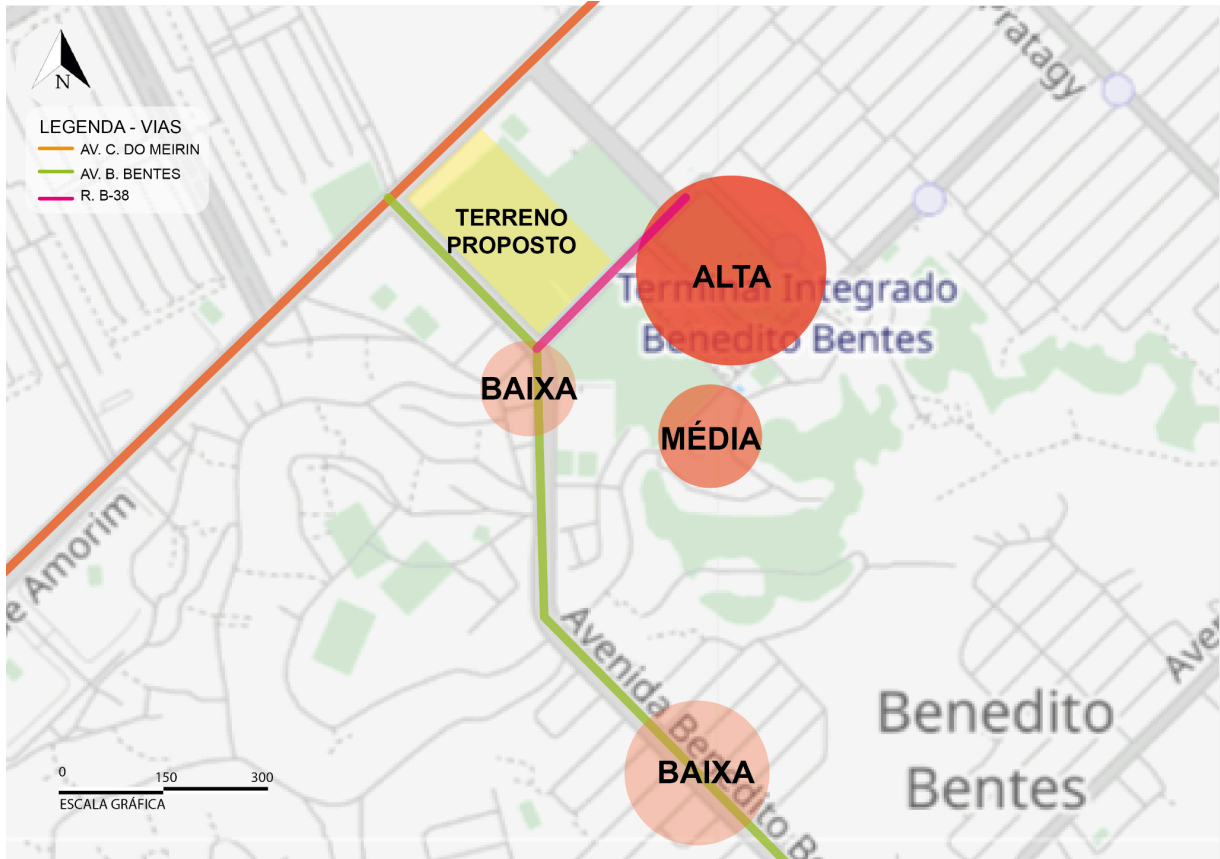
Fonte: Como fazer valer o direito das mulheres à moradia, 2012.

A partir dessas diretrizes, propõe-se a implantação do projeto em um local periférico e popular, a fim de ofertar melhorias diversas tanto para as residentes do Complexo quanto à comunidade próxima, contribuindo também para equidade social das moradoras do bairro. Estima-se que no bairro existam cerca de 45.772 mulheres, além de 26.866 crianças com idade entre 0 e 14 anos, que poderão ser beneficiadas com a implantação do Complexo.

Referente à população de rua no Benedito Bentes, observa-se que a dinâmica que existe no

bairro difere da que ocorre na parte baixa da cidade, pois é formada em sua maioria por homens de várias idades, sem crianças. A figura 17 demonstra os seus locais de permanência, classificando a concentração de pessoas entre alta, média e baixa.

Figura 17: Concentração de pessoas em situação de rua nas imediações do terreno proposto⁷.



Fonte: OpenStreetMaps, modificado pela autora, 2023.

Conforme a figura, observa-se baixa concentração de pessoas nas imediações de um supermercado do bairro e em um local onde há edificações com marquises, locais que essas pessoas procuram para se abrigar à noite. Também há uma concentração média nas imediações do Pronto Socorro e do Batalhão Policial, visto que há fluxo de pessoas nesses locais durante o dia.

Observa-se ainda alta concentração de pessoas em situação de rua nas imediações do Terminal Integrado, Praça Padre Cícero e do Mercado Público. Essa permanência acontece provavelmente pela maior circulação de pessoas e a consequente facilidade de se conseguir doação de comida e auxílio financeiro dos transeuntes.

Devido às atividades realizadas durante o dia e ao sistema de saneamento básico precário, acumula-se nas imediações da Feira e do Mercado bastante lixo, restos de comida, esgoto a céu aberto, animais detritívoros (ratos, pombos, urubus), etc., tornando o local extremamente insalubre.

Recentemente, foi implantada ao lado do Mercado uma feira livre permanente, derivada do despejo dos ambulantes das imediações da Avenida Rota do Mar. Estes foram realocados pela

Prefeitura de forma inadequada e irregular na Rua Cainha, o que causa a obstrução da via secundária e insatisfação dos feirantes e usuários da feira.

Vale ressaltar que, nos últimos 10 anos, esse é o segundo despejo de feirantes dessa região. Na ocasião anterior eles foram realocados no estacionamento do Mercado Público de forma precária (havia apenas uma marcação no chão indicando a área que cada feirante iria ocupar) e muitos já voltaram a ocupar a Via de acesso à Rota do Mar visto que, as condições oferecidas nessas realocações não são adequadas ao trabalho dos comerciantes.

4.5. Características geomorfológicas do terreno

Desde a implantação do Conjunto Habitacional do Benedito Bentes, o espaço escolhido para o projeto não tem uso definido e funciona, ocasionalmente, como campo de futebol, tendo sido instaladas traves para os jogos. Na época da implantação dos Conjuntos Benedito Bentes 1 e 2, em meados da década de 1980, o espaço era um dos locais destinados ao lazer dos moradores, porém o projeto nunca foi executado. Durante muito tempo, a área de 80.300 m² era totalmente deserta e sem nenhuma iluminação, cercada por plantações de cana, o que tornava seu entorno hostil.

Figura 18: Extensão total do recorte escolhido, sem cobertura nem pontos de iluminação.



Fonte: A autora, 2023.

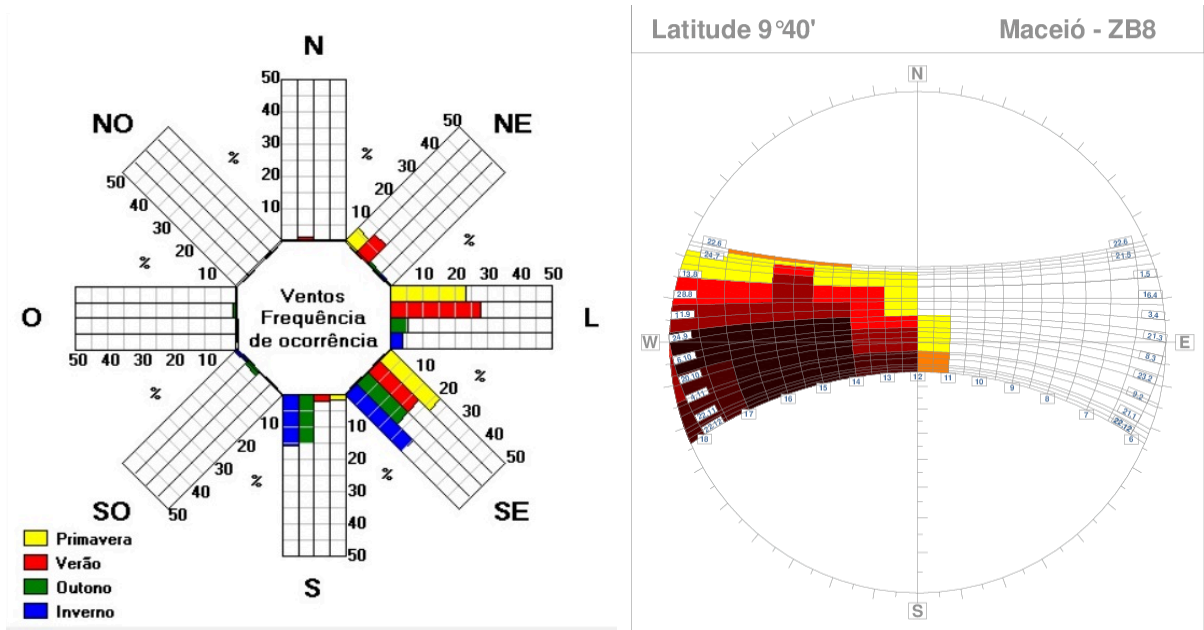
Para a implantação do projeto, foi escolhida uma poligonal do terreno mencionado com área de 45.590 m². A escolha de um lote com amplas dimensões se dá a partir da vontade de que a edificação seja toda térrea, para facilitar a acessibilidade a todas as usuárias, bem como manter a paisagem permeável, fator marcante em seu entorno imediato.

Nas figuras 19 e 20, estão representados respectivamente os dados de ventilação e insolação da cidade de Maceió. Sendo assim, as faces mais favoráveis para ventilação e insolação são as faces

⁷ Fonte dos dados: Observações de campo realizadas pela autora entre os anos de 2010 e 2023.

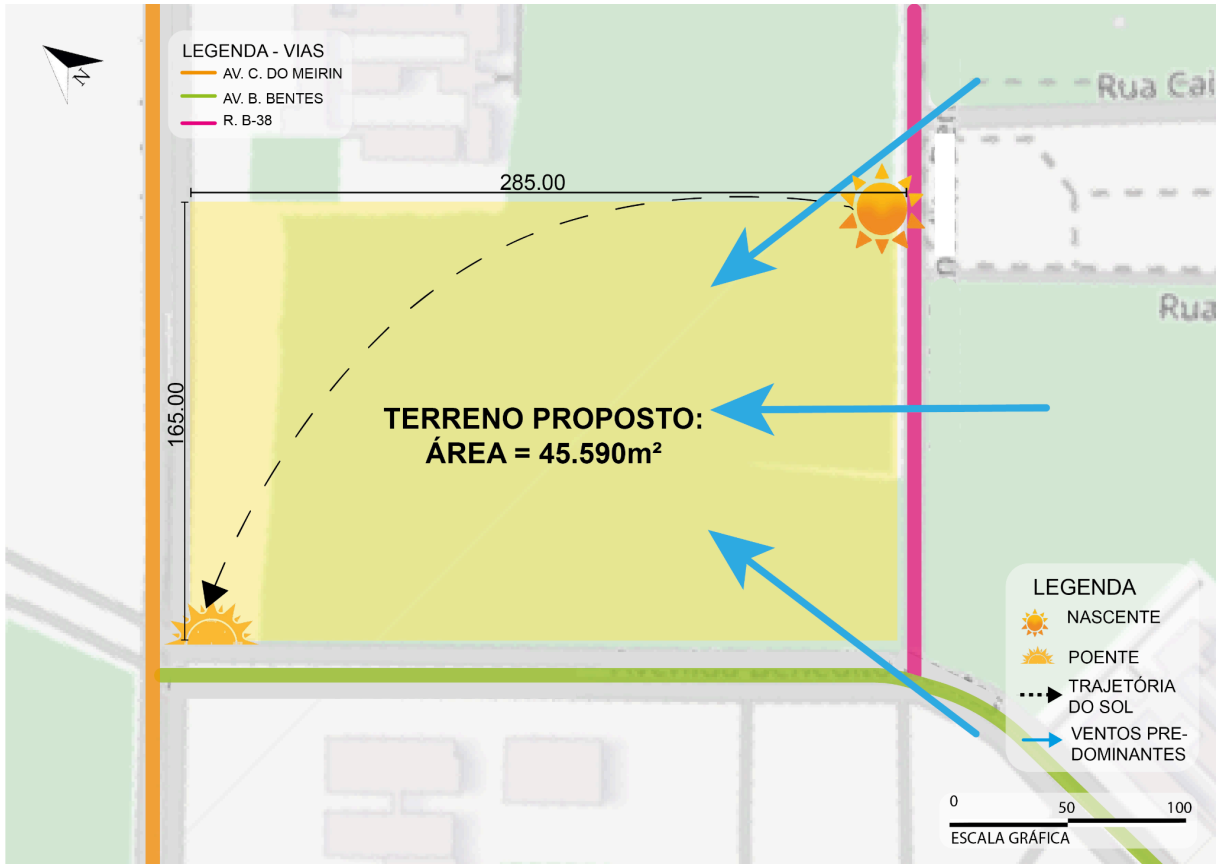
lateral direita, que recebem os ventos leste e posterior por estarem do lado nascente e recebem a incidência dos ventos leste, sul e sudeste conforme Figura 21.

Figura 19: Rosa dos ventos de Maceió. e Figura 20: Carta solar de Maceió.



Fonte: ResearchGate, 2014 e ResearchGate, 2010.

Figura 21: Ventilação e insolação do terreno.



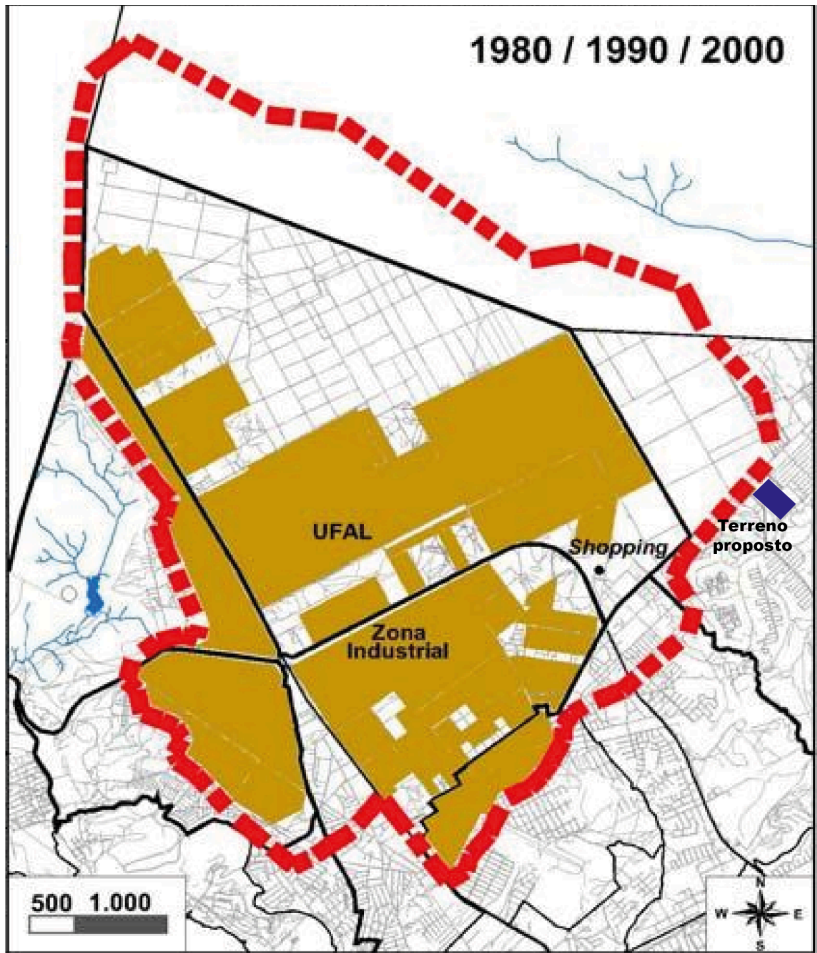
Fonte:OpenStreetMaps, 2023 (modificado pela autora)

A face frontal do lote (Noroeste), está voltada para a Avenida Cachoeira do Meirin, destacada em laranja, a face lateral direita (Noroeste), está voltada para a Avenida Benedito Bentes 2, destacada

em rosa, e a face posterior (Sudeste), para a Rua B Trinta e Oito, destacada em verde. A face lateral esquerda (Leste) é voltada para a extensão restante do lote e para a Escola de ensino integral, construída no próprio terreno. O terreno apresenta ainda baixíssima declividade, tendo provavelmente sido aplainado mecanicamente para a delimitação de campos de futebol.

Outra característica é que o lote apresenta elevado nível de alagamento no período de chuvas. Esse fato se deve à bacia endorreica de Maceió ter sido várias vezes aterrada para construção do Distrito Industrial, da Universidade Federal de Alagoas — UFAL, na década de 1960 e mais recentemente o Shopping Pátio Maceió, nos anos 2010, conforme Figura 22.

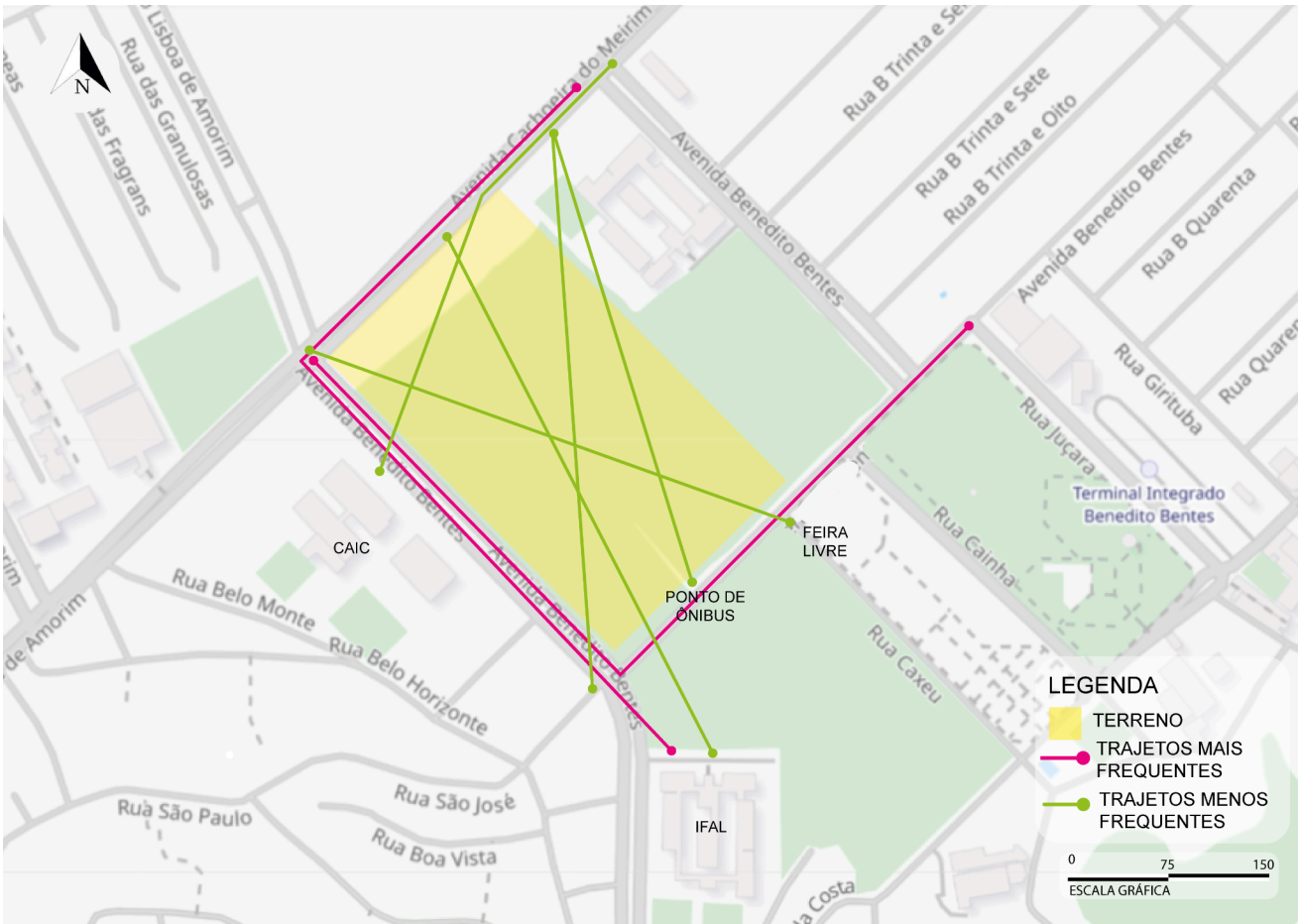
Figura 22: Demarcação de bacia endorreica do Tabuleiro dos Martins.



Fonte: Carvalho, 2012.

Mesmo o terreno estando fora da limitação da bacia endorreica, acredita-se que devido às características geomorfológicas e topográficas da mesma, — a não conexão com outros corpos hídricos, o que lhe confere a característica de bacia — as águas pluviais que se concentram em sua delimitação voltam para o lençol freático a partir da infiltração pelo solo. Com a impermeabilização e a movimentação de terra ocorridas dentro de sua delimitação ao longo dos anos, não há permeabilidade suficiente para sua drenagem natural. Carvalho (2012, p. 132) afirma que os espaços livres públicos e privados que contribuem para o escoamento de águas pluviais vêm sendo ocupados desordenadamente, causando acúmulo de água em outros locais, como é o caso do terreno citado.

Figura 30: Trajetos feitos pelos usuários do local.



Fonte: OpenMap Street, 2023 (modificado pela autora.)

4.8. Legislação

Segundo a Lei Municipal 5593 de 2007 — o Código de Urbanismo e Edificações de Maceió — o bairro Benedito Bentes está inserido na Zona Residencial 8 (ZR-8), tendo os parâmetros urbanísticos descritos no Quadro 01.

Observam-se no quadro as diretrizes construtivas do bairro. Não existem tais diretrizes que atendam a um projeto do porte que se está sendo proposto, tampouco que atendam a um terreno dessa dimensão, visto que, as dimensões mínimas exigidas de afastamento se tornam irrelevantes diante da extensão do projeto no terreno.

Também é importante ressaltar que na Lei Municipal 5486, de 2005 (Plano Diretor de Maceió), que está com 8 anos de atraso em sua atualização, não é citado nenhuma diretriz para desenvolvimento social da população do bairro, mesmo com alguns trechos e grotas do Benedito Bentes incluídas como Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS).

Quadro 01: Parâmetros urbanísticos da ZR-8.

QUADRO 1 - PARÂMETROS URBANÍSTICOS POR ZONAS E CORREDORES DE ATIVIDADES MÚLTIPLAS									
Zonas	Usos	Taxa de Ocupação do Terreno Máxima	Altura Máxima da Edificação (nº pavtos)	Testada Mínima do Lote (m)	Área Mínima do Lote (m²)	Recuo Mínimo		Coeficiente de Aproveitamento do Terreno	Vagas de estacionamento
						Frontal (m)	Laterais e de fundos (m)		
ZR-8	UR-1	70%	2			3,00	1,50	1,5	Espaço p/ guarda de 01 veículo. (*2)
	UR-4	Para condomínios horizontais, aplicam-se os critérios definidos para o uso UR-1; Para condomínios verticais, aplicam-se os critérios definidos para o uso UR-5.							
	UR-5	50%	8	---	---	$R = 3,5 + \frac{n-2}{2}$	$R = 1,5 + \frac{n-2}{2}$	4	AC: - até 100m²: 1 (uma) vaga por unidade. - acima de 100m² até 250m²: 2 (duas) vagas por unidade. - acima de 250m²: 3 (três) vagas por unidade.
	Com., Serv. e Ind. – Grupos I, II, III e IV	até 70m²: 90% até 300m² - 80% até 900m² - 70% acima de 900m² - 60%	2 (*8)	---	---	3 5	1,50 2	4	AC: - até 70m²: isenta; - de 400m² a 900m²: 1 (uma) vaga para cada 75m² de AC; - acima de 900m²: 1 (uma) vaga para cada 100m² de AC.

(*2) – Exigência para lotes ou terrenos com testada superior a 8,00m.
(*8) – Podendo chegar até 8 pavimentos, sendo que a partir do 3º piso obedece as regras do uso UR-5.
-Na ZR-8, para novos parcelamentos a testada mínima será de 5m e a área mínima será de 125m².
-Na ZR-8, para o Bairro do Centro coeficiente básico é 3,5 e máximo é 4. para uso UR-5

Fonte: SEMURB, 2005.

05

Mas deixe seu rastro, flor, pra eu poder te seguir

REFERENCIAIS ARQUITETÔNICOS



Durante a pesquisa foram encontradas diversas referências arquitetônicas desde abrigos, escolas e locais pensados principalmente para mulheres e crianças. Destas, foram escolhidas como estudo de caso as que são mais relevantes para a composição formal e estrutural do projeto.

O primeiro estudo é para referência formal da parte edificada do projeto e o segundo estudo é referência para a parte funcional dos ambientes de moradia. As demais referências foram apresentadas brevemente em seguida, explicando quais suas características foram tomadas como referência.

5.1. Escola para Garotas Rajkumari Ratnavati⁸

Escritório responsável: Diana Kellogg Architects

Ano de construção: 2021

Localização: Rajastão - Índia

A Escola para Garotas Rajkumari Ratnavati está localizada no deserto do Thar, na Índia, e atende cerca de 400 meninas de famílias em extrema pobreza. Seu programa de necessidades conta com salas de aula, espaço de artes, exposições, biblioteca e museu, além de uma cooperativa para tecelagem e bordado para as mães das alunas.

Segundo a arquiteta que projetou o complexo, Diana Kellogg, sua forma oval resulta de símbolos de força e representa a feminilidade. Além dos signos, a forma auxilia na circulação do ar dentro das dependências da edificação. Como as temperaturas no deserto de Thar podem chegar a 50°C, outros artifícios também foram empregados para resfriamento do edifício, tais como painéis solares e aberturas tipo jalis.

Figura 31: Vista da sala de aula e Figura 32: Vista do pátio.



Fonte: Archdaily, 2021.

⁸Grande parte das referências projetuais apreciadas pela autora para a proposta foram projetos infantis. Apesar de nem todas as referências estarem presentes neste trabalho, a autora acredita que isso se deve ao fato de que quando se projeta para crianças seja colocada em evidência a necessidade da criança de se sentir segura e acolhida, ponto em comum com as usuárias do Complexo proposto.

Figura 33: Fachada principal da escola e Figura 34: Vista aérea.



Fonte: Archdaily, 021.

As soluções de conforto empregadas neste projeto (formato arredondado do edifício e janelas zenitais para circulação de ar), a utilização de materiais locais, bem como sua forma e o cuidado e integração com a comunidade onde a escola foi inserida servirão como inspiração para a concepção arquitetônica e soluções de resfriamento ambiental à proposta deste trabalho. As atividades voltadas para a comunidade também estarão presentes no programa de necessidades do projeto.

5.2. Abrigo para Vítimas de Violência Doméstica

Escritório responsável: Amos Goldreich Architecture + Jacobs Yaniv Architects

Ano de construção: 2018

Localização: Tel Aviv-Yafo, Israel

O abrigo oferece em suas dependências jardim de infância, sala de informática, lavanderia, cozinha e refeitório. Cada família recebe uma moradia individual interligada apenas por corredores e áreas comuns, a fim de manter sua privacidade e a rotina minimamente normal. Também há uma creche de período integral para crianças menores. O pátio interno com gramado funciona como área de convívio entre as famílias.

No que tange aos cuidados com os residentes, possui psicólogos, terapeutas artísticos e uma ampla variedade de voluntários para serviços como esteticistas, cabeleireiros, massagistas, etc. para atividades recreativas.

Os funcionários contam com acomodação para descanso, áreas de escritório para o gerente do edifício e funcionários (incluindo assistentes sociais, um psicólogo infantil, chefes de casa, um trabalhador de cuidados infantis e um advogado em tempo parcial).

Inspirado na obra Okamoto, de Eduardo Chillida, o projeto apresenta fachada externa com aparência rústica e ambientes internos lisos e delicados, fazendo uma analogia à segurança (atribuída

a rigidez da parte externa) e ao cuidado (representado pela delicadeza interna, que se volta ao pátio central, que representa o coração da edificação).

Figura 35: Planta baixa dos dormitórios e Figura 36: Vista externa do abrigo.



Fonte: Archdaily, 2018.

Figuras 37 e 38: Vista interna do abrigo.



Fonte: Archdaily, 2018

A ideia de dormitórios individuais, bem como infraestrutura completa e atendimento especializado, são as inspirações trazidas ao programa de necessidades a partir desse estudo, juntamente com o pátio central, referência comum em vários outros projetos estudados e que também existirá na proposta.

5.3. Referências projetuais diversas e sua contribuição para a proposta

5.3.1. Centros educacionais do escritório Collingridge and Smith Architects: Centro Infantil New Shoots | Jardim de Infância de Kakapo Creek | Creche Chrysalis

Localizados na Nova Zelândia, os projetos de Collingridge and Smith Architects, especializado em centros educacionais infantis, têm propostas bastante parecidas, onde o edifício integra-se ao meio ambiente para facilitar a interação das crianças. O prédio principal é dividido em 4

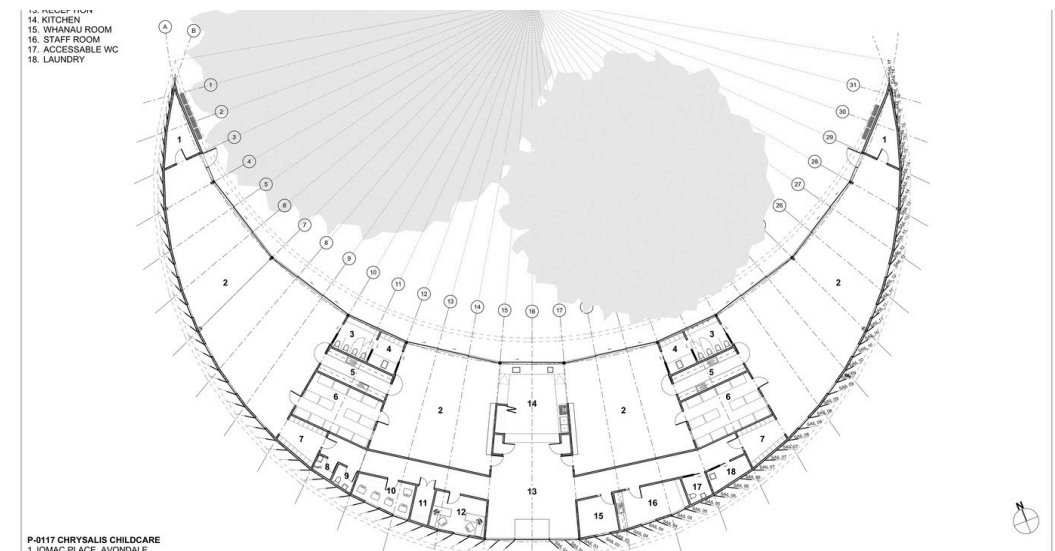
pavilhões unidos por um telhado único, que facilita a circulação entre eles, além de proteger a área de circulação e de convívio e permite diversas atividades ao ar livre.

Figura 39: Vista externa New Shoots e Figura 40: Pátio interno da Kakapo Creek.



Fonte: Archdaily, 2022

Figura 41: Planta baixa da Creche Chrysalis.



Fonte: Archdaily, 2022

As principais inspirações desses projetos são a cobertura única e a planta em forma circular, bem como o pátio central utilizado tanto para ventilação como para convivência.

5.3.2. Shabono

Inspirado nas técnicas construtivas dos povos Yanomami, o Shabono utiliza-se de uma estrutura coberta em formato circular para fins de moradia. Para reuniões, ritos religiosos, sociais e políticos na parte livre.

A principal inspiração vinda desse método construtivo é como os indígenas utilizam a centralidade da sua habitação como espaço coletivo para se viver em comunidade. Desta forma, os espaços terão em sua composição um vazio central e o formato circular, a fim de reproduzir a ideia trazida no conceito do voltar-se para o centro de si mesmo e proporcionar um espaço de encontro.

Figura 42: **Shabono Yanomami.**



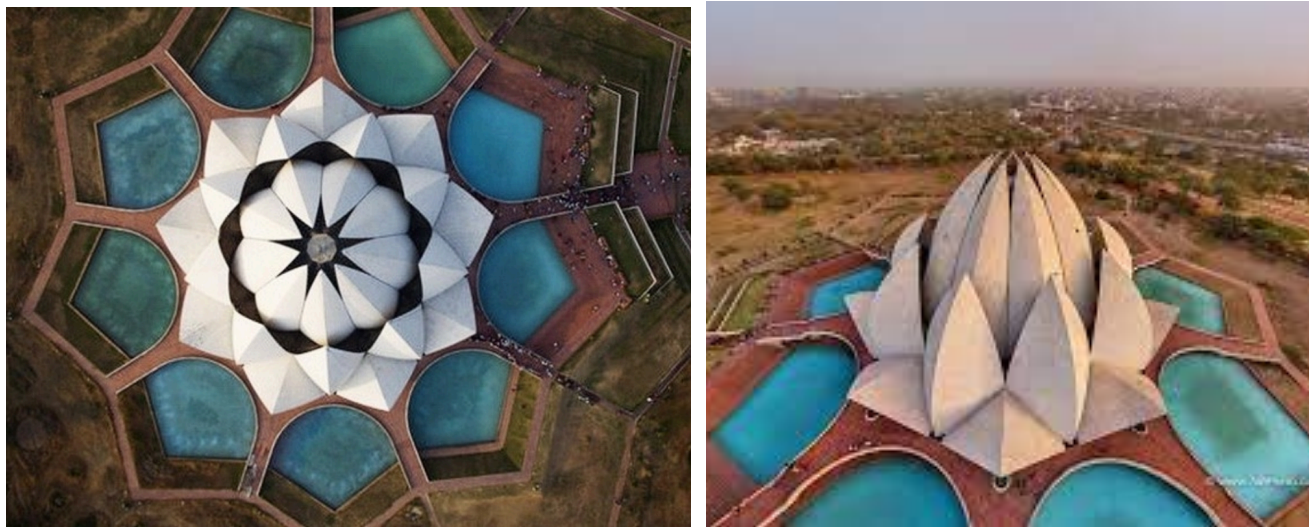
Fonte: Infobae, 2022

5.3.6. Templo de lotus

Localizado em Delhi, na Índia, o Templo de Lotus foi projetado pelo arquiteto iraniano Fariborz Sahba para funcionar como uma Casa de Adoração muçulmana.

Como o nome sugere, tem sua forma inspirada em uma flor de lótus, com 27 cascas em forma de “pétalas” formando 9 lados, somando 70 metros de diâmetro e 35 m de altura, o que lhe confere uma presença bastante imponente em seu entorno. A principal inspiração desse projeto se dá a partir do biomimetismo da edificação através da inspiração na flor.

Figura 43: **Vista de cima Templo de Lótus** e Figura 44: **Vista aérea Templo de Lotus.**



Fonte: Vitruvius, 2013.

Além disso, o Templo é cercado por 9 lâminas d'água, que também serão referências para a proposta com intuito de servirem como local de escoamento de águas pluviais.

5.3.3. Vãos livres do Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) e Parque Ibirapuera

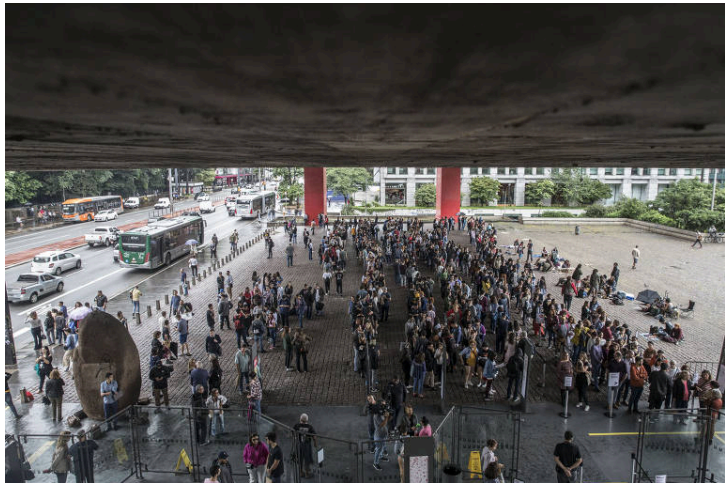
Esses espaços de convívio têm em comum o seu uso variável, definido de acordo com a apropriação pública do local e do momento. É comum acontecer manifestações culturais, protestos, apresentações variadas, feiras itinerantes e de artesanato, dando vida a esses espaços, mesmo que haja o atrativo do próprio prédio ao qual esse vão livre pertence.

Figura 45: **Marquise do Ibirapuera.**



Fonte: Arqtextos, 2006.

Figura 46: **Pilotis do MASP.** e Figura 47: **Pilotis do MAM RIO.**



Fonte: Folha - UOL, 2019 e MAM Rio, 2020.

5.3.4. Casa Folha

Para a composição formal da coberta a ser utilizada na proposta, foi utilizada como referência principalmente a Casa Folha. A Casa é projeto de Mareines + Patalano arquitetos e está localizada em Angra dos Reis. Além do sistema em forma de tirante para amarrar a estrutura de cada pétala, sua planta baixa também é pensada para integrar todos os ambientes da residência, tanto internos como externos, eliminando a existência de corredores.

Figura 48: Coberta da Casa Folha e Figura 49: Vista externa de Casa Folha.



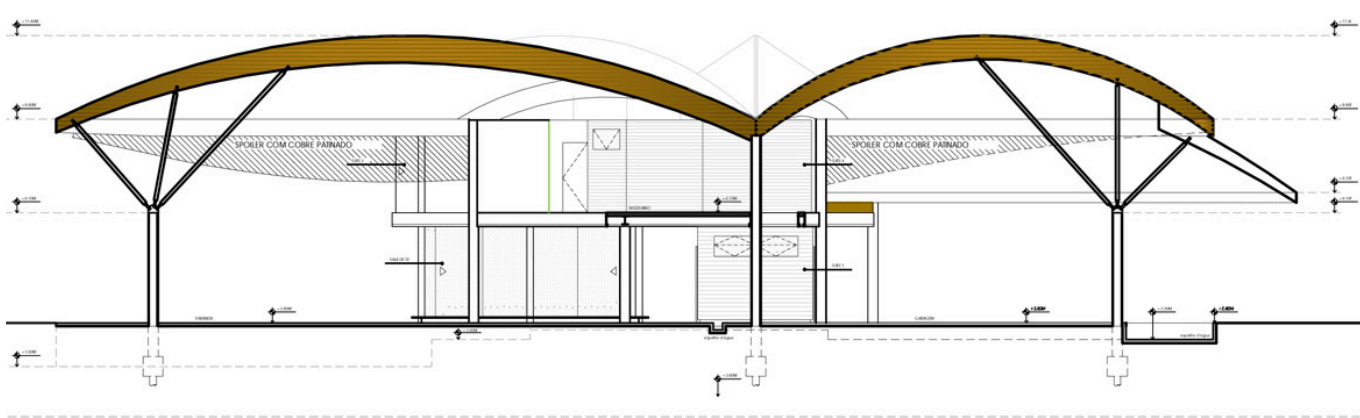
Fonte: Archdaily, 2011.

Figura 50 e Figura 51: Áreas de convívio da Casa Folha.



Fonte: Archdaily, 2011.

Figura 52: Corte longitudinal da Casa Folha.



Fonte: Archdaily, 2011.

5.3.5. Aeroporto Barajas em Madrid

O aeroporto de Barajas, localizado em Madrid, foi projetado pelo Estúdio Lamela, no ano de 2005. Com uma estrutura monumental, o que chama atenção como inspiração para a proposta são os pilares robustos que em muitos locais se integram com a edificação, por vezes formando um pórtico. Os pilares são dispostos de modo a sustentar a cobertura de madeira para que ela seja independente, garantindo sensação de amplitude na edificação. A autora também inspira nas claraboias distribuídas ao longo de toda a cobertura ondulada, que garantem iluminação natural.

Figura 53: Aeroporto de Barajas visto de fora



Fonte: Forbes España, 2021

Figura 54: Vista interna do aeroporto de Barajas.



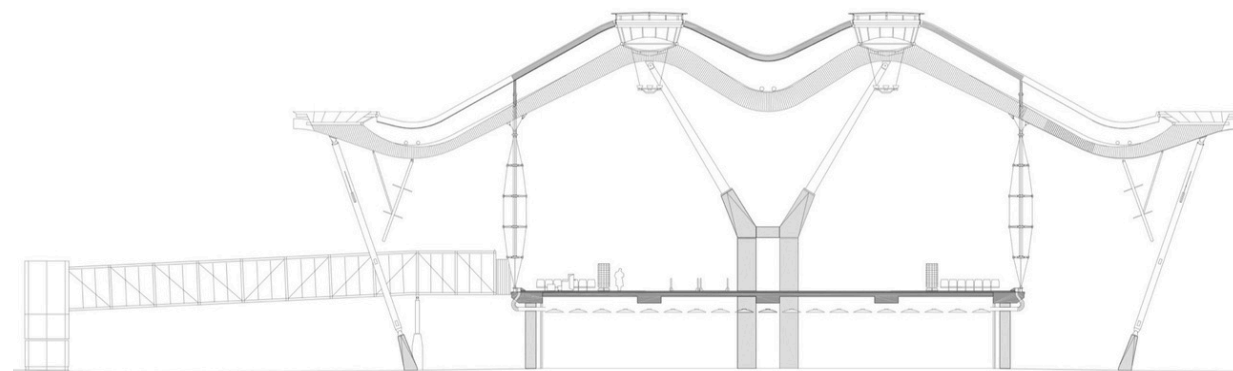
Fonte: O Globo, 2020.

Figura 55: Estrutura da cobertura do aeroporto de Barajas.



Esse mundo é nosso, 2020.

Figura 56: Corte longitudinal do aeroporto de Barajas.

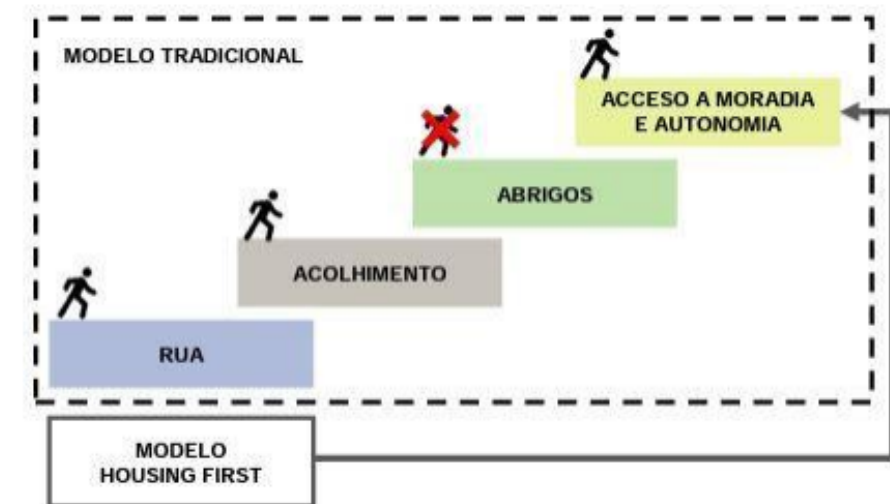


Fonte: Esse mundo é nosso, 2020.

5.3.7. Referência funcional para a habitação - O método Moradia Primeiro

A referência escolhida para a viabilização do projeto é o método conhecido no Brasil como ‘Moradia Primeiro’. Este método consiste em inverter o processo de intervenção social das pessoas em situação de rua: ao invés de entrarem em uma fila de espera para receber auxílio social, são primeiramente inseridas em uma moradia provisória, garantindo a melhoria da saúde física e mental, bem como o desenvolvimento de autonomia para reinserção delas na sociedade, como esquematizado na Figura 57. (Gouvea, 2023).

Figura 57: Modelo tradicional x Modelo Moradia Primeiro.



Segundo Gouvea (2023), as casas de passagem e abrigos tradicionais brasileiros atendem uma grande variedade de perfis ao mesmo tempo, e não têm um processo personalizado de acolhimento. Nestes locais, se utilizam regras que, para quem vem das ruas, são muito rígidas, o que faz com que a grande maioria não se adapte rapidamente e interrompa o tratamento.

Muitas das pessoas de rua nunca moraram em uma casa, portanto, atividades básicas, como utilizar um vaso sanitário, um chuveiro, um fogão, etc., são vistas com estranhamento por não fazer parte de suas rotinas. No sistema ‘Moradia Primeiro’, o usuário tem participação ativa no processo de mudança de comportamento graças ao acompanhamento individualizado, o que o possibilita ir se adaptando no seu próprio tempo, evitando novos traumas e desistências.

Gouvea (2023), afirma que, no que tange ao mercado de trabalho, o programa derruba um dos principais empecilhos para se conseguir emprego que seria o da necessidade de endereço fixo. Também faz parte do leque de serviços a capacitação do usuário através de cursos de diversos segmentos e ajuda psicológica, jurídica e assistência em saúde no geral, tirando a sua preocupação com a sobrevivência imediata e fazendo-o traçar um plano de vida com autonomia e segurança.

Além disso, nos países em que foi adotado, como Estados Unidos, Canadá, Espanha, Portugal, França e Dinamarca, percebeu-se a diminuição de atendimentos de pessoas em situação de rua em hospitais, tratamentos de reabilitação de uso de drogas, abrigos, casas de acolhida e cárcere.

No Brasil, o Programa está sendo testado na cidade de Curitiba-PR através de parceria entre o Instituto Nacional de Direitos Humanos da População de Rua — INRua, a Arquidiocese de Curitiba, a Casa de Acolhida São José e o MNPR, que em 2021 dispunha de quatro moradias ocupadas (Carvalho et. al, 2021, p. 10) Também existe desde o ano de 2017 na cidade do Rio de Janeiro através do Projeto Ruas (Gouvea, 2023).

5.3.8. Referências, inspirações e signos

— Brasão da luz:

Uma das minhas primeiras inspirações da vida, e a primeira inspiração para a composição formal da proposta, o brasão da luz é um dos signos do anime japonês Digimon - Digital monsters. Ele é entregue a personagem Hikari como símbolo de que onde há luz também há trevas e que essas duas energias devem se manter em equilíbrio dentro de nós.

O desenho remete a pétalas que se conectam a um círculo, uma espécie de mandala desconstruída, onde para mim, essas pétalas dão a impressão de estarem se expandindo de dentro para fora do círculo, o que acredito que deve acontecer no processo de empoderamento das mulheres atendidas no complexo. Além disso, o brasão representa a luz da vida, uma luz que não pode se apagar e para isso é necessário termos coragem e fé em nós mesmas.

— Girassol, margarida e flor-de-lótus.

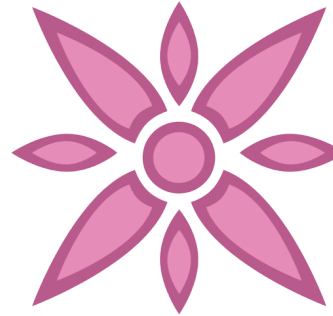
Como o conceito da proposta é baseado no florescer, foram escolhidas estas três flores para representarem características que acredito serem importantes para o processo de desenvolvimento das usuárias do local. As cores principais dessas flores também serviram como base para a definição da paleta de cores.

O girassol, conhecido como a “flor do sol” por acompanhar o seu movimento com o caule. Geralmente remete à felicidade, lealdade, vitalidade e entusiasmo. Possui um amarelo vibrante e pode chegar a 3 metros de altura, demonstrando a coragem e resiliência dessa flor para atingir o seu crescimento.

A margarida foi escolhida por, apesar de parecer frágil, se adaptar a vários tipos de solo. Possui folhas brancas ligadas a um anel central dourado ou amarelo. Além disso, é o nome da minha avó, tornando a escolha uma forma de homenageá-la.

A flor-de-lótus é conhecida por desabrochar em águas lodosas e insalubres num tom degradê de rosa e branco. Seu significado para a cultura oriental é a pureza de corpo e mente e o renascimento.

Figura 58: Brasão da luz



Fonte: Pinterest.

Figura 59: Flores escolhidas para a proposta.



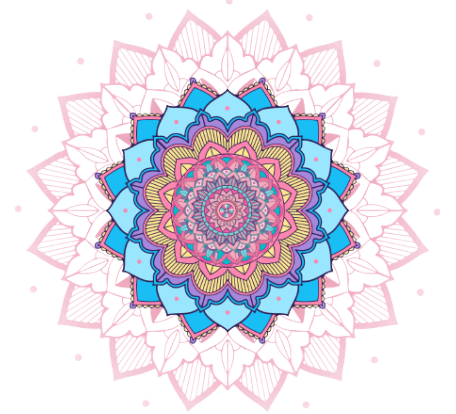
Fonte: elaborado pela autora, 2023.

— Mandala:

A mandala é um diagrama composto de formas geométricas concêntricas, utilizado como objeto ritualístico e ponto focal para meditação. A união desses símbolos frequentemente forma uma flor de cores e tamanhos variados.

Para Jung, ela é um círculo mágico que simboliza a luta do ser humano pela unidade total do EU, representada através dos níveis da consciência humana. Do centro para as bordas, ele define: 1. a essência do nosso ser; 2. o inconsciente pessoal e 3. o inconsciente coletivo.

Figura 60: Mandala



Fonte: Vecteezy, 2023.

06

Um novo tempo há de vencer para que a gente possa florescer

PROPOSTA ARQUITETÔNICA



Após serem estudadas as características do público-alvo e do local de inserção a fim de entender as necessidades deles e serem reunidas as referências para composição do projeto, foi elaborada a proposta arquitetônica a ser apresentada a seguir.

6.1. Quando se unem, são a flor que inspirou a canção - Princípios norteadores e o impacto esperado do empreendimento:

Diante das problemáticas apresentadas ao longo deste trabalho, percorreu-se um caminho de estudos do ambiente em que será inserido o Complexo. Também foram feitos estudos sobre a composição dos centros de acolhimento existentes em Maceió e quais as dinâmicas do público-alvo, a fim de entender quais as melhores decisões projetuais para a instalação do empreendimento e qual o seu impacto sócio ambiental.

Derivados desta análise e das condicionantes gerais apresentadas, foram elencados três princípios norteadores à proposta, que foram escolhidos por serem os âmbitos que mais poderão se beneficiar da implantação do empreendimento, conforme demonstrado a seguir:

1. Reinserção na sociedade de mulheres em situação de rua e de vulnerabilidade social extrema através de subsídios diversos:

A falta de moradia de qualidade é um problema que afeta majoritariamente mulheres, sendo o déficit habitacional brasileiro composto por 60% de mulheres. Para aquelas que não conseguem nenhum tipo de habitação, resta-lhes ocupar as ruas ou os albergues, que não oferecem condições mínimas de permanência nem oportunidade para mudança de vida.

Nesse sentido, espera-se que o Complexo ofereça moradia temporária e formação educacional e profissional para as usuárias, dando-lhes oportunidades de ascensão financeira e social. Além disso, espera-se que o empreendimento atue como ferramenta de auxílio ao cumprimento das políticas públicas para a população de rua já existentes, em especial no que tange aos direitos à moradia, lazer, segurança, trabalho e renda assegurados no já citado Decreto de Lei de n.º 7053. Também deseja-se que a partir desse equipamento seja possível prevenir várias mulheres em situação de vulnerabilidade extrema de, ao perderem suas moradias, irem para as ruas, possibilitando o equilíbrio da relação comer x se abrigar, já discutida anteriormente.

Outro ponto a ser melhorado na vida das mulheres atendidas é oferecer mecanismos que tragam para estas, proteção contra violência (doméstica, sexual, de gênero, etc.), além de proporcionar autonomia e empoderamento, contribuindo para diminuição de exclusão e desigualdade social, contexto em que estão inseridas.

No que tange às mulheres transexuais, o Complexo oferecerá oportunidade de trabalho, formação profissional e moradia, trazendo-lhes novas perspectivas de sustento, para além da prostituição, se assim desejarem, além de respeito e visibilidade, contribuindo para a redução do

preconceito e transfobia sofridos por elas.

2. Desenvolvimento e infraestruturação no bairro do Benedito Bentes através de variedade de atividades oferecidas em espaços públicos voltados à comunidade:

Jacobs (2000, p. 61–69) afirma que é no espaço público que as crianças brincam e têm suas primeiras lições de urbanidade e de vida pública no geral. O espaço público — neste caso, as calçadas — também é muitas vezes o primeiro contato que diversas mulheres têm com a vida pública e onde assumem, mesmo que por pouco tempo, a responsabilidade umas pelas outras.

Acredita-se que assim como defende Jacobs (2000, p.77), para os espaços públicos serem considerados de qualidade, é necessário apresentar 4 características fundamentais: a) complexidade — quantos e quais atrativos o local oferece para as pessoas poderem frequentá-lo; b) centralidade — local reconhecido pela maioria como o mais importante do parque/prça a partir de seus atrativos, concentrando quantidade expressiva de pessoas em diferentes horários do dia; c) bom nível de insolação — sombreamento necessário para garantir a permanência das pessoas no espaço abrigadas de intempéries e; d) delimitação espacial — extensão e localização adequadas, que atraiam pessoas.

Sendo assim, é imprescindível a existência de mecanismos que tragam qualidade aos espaços públicos, principalmente para atender as demandas de mulheres, crianças e idosos. Estes são os grupos que mais fazem trajetos curtos pelo entorno de suas residências, seja para ir a feiras, mercados, pagar contas na lotérica ou buscar seus filhos nas escolas próximas. Para esse público, pretende-se criar espaços públicos de qualidade, com locais para permanência e descanso, a partir de espaços idealizados para a realização de atividades de lazer diversas, conforme a demanda das usuárias.

Dessa forma, espera-se que o Complexo atue como agente de aumento de infraestrutura voltada ao cotidiano de um bairro majoritariamente habitacional. A sua implantação trará espaços públicos para lazer, além do restaurante, escola e o setor educacional, que contribuirão para o aumento da qualidade de vida das pessoas atendidas por esses serviços. Também espera-se diminuir os problemas que a expansão desordenada do bairro criou, como a própria falta de equipamentos públicos para atender à população e as áreas estigmatizadas por violência e insegurança.

3. Apropriação pública dos espaços do equipamento e adjacências, trazendo vitalidade e fluxo de pessoas ao local.

O local escolhido para implantação apresenta presença de atributos que o tornam um ambiente hostil, como: baixa incidência de iluminação, falta de vegetação e cobertas para abrigo de sol, além de alagamentos durante o período de chuvas. Esses fatores geram insegurança no local, devido à baixa permanência de pessoas.

Acredita-se que a implantação de um empreendimento público que pense essa problemática conseguirá mudar essa realidade. Assim, o impacto esperado do empreendimento na região é a apropriação de diversos públicos, atraídos pelas diversas atividades oferecidas pelo Complexo.

Espera-se que o mesmo traga mais vitalidade ao seu entorno imediato, trazendo mais sensação de segurança, acolhimento e conforto aos usuários e rompendo com o estigma de área violenta e perigosa.

Para isso, serão utilizados atrativos como parques infantis, lojas e lanchonetes que funcionem também durante a noite, bem como aulas ao ar livre, como incentivo a haver atividades em todos os horários para que dessa forma o equipamento urbano traga vitalidade e segurança desejados nos termos de Jacobs (2014, p. 73).

A partir da reflexão sobre essas diretrizes, foram tomadas as decisões projetuais e ambientais que nortearam o desenvolvimento da proposta e estão destrinchadas a seguir.

6.2. Há flores por todos os lados, há flores em tudo que eu vejo - Conceito e Partido:

O conceito que norteia o projeto é o processo que a semente passa até o seu florescer. Florescer é o ato de cobrir-se de flores, florear, fazer brotar flores. Figurativamente, significa prosperar, se desenvolver, ter sucesso e felicidade, e é exatamente o que se espera daquelas pessoas que passarem pelo Complexo de acolhimento.

O ciclo de vida das plantas é um processo vital para a sobrevivência e reprodução desses organismos. Ele engloba diferentes etapas, desde a germinação até a frutificação.

O ciclo começa com a germinação da semente, que acontece na presença de condições ideais de desenvolvimento. Em seguida, tem início a fase vegetativa, onde ocorre o crescimento e desenvolvimento de suas raízes, caule e folhas. Na fase de floração, ocorre o surgimento das flores, responsáveis pela produção de sementes, atraindo polinizadores que auxiliam na transferência do pólen entre as flores. Após a dispersão, as sementes entram em um período de dormência, no qual permanecem inativas até que as condições necessárias para a germinação sejam atendidas e o ciclo recomeça. (Kerbaui 2008, p. 386).

Fazendo uma analogia ao processo realizado pela semente, a germinação é representada por quando as mulheres chegam ao Complexo e começam a sua transformação, através dos cuidados oferecidos pela equipe, como acolhimento, moradia, serviços médicos, jurídicos e socioeconômicos que receberão.

Após se instalarem e receberem os cuidados imediatos, começam seu desenvolvimento através da inserção na comunidade atendida e na comunidade do entorno e nas atividades oferecidas, como aulas de pintura, culinária, aulas de preparação para o mercado de trabalho, aulas de ginástica (ioga, pilates, meditação, etc.).

Depois disso iniciam a etapa de floração, que seria representada pela aptidão em retornar a sociedade, com independência socioeconômica, através de inserção no mercado de trabalho, uma busca por moradia própria, liberdade de seus condicionantes limitantes, maior qualificação

profissional, ajuda psicológica e empoderamento.

Na etapa de amadurecimento, que é quando a pessoa estiver pronta para se desligar do atendimento social, ela continuará sendo amparada para conseguir dar seus primeiros passos em direção à sua nova vida. Assim, se encerra este ciclo, e a árvore representada pelo setor habitacional está pronta para iniciar um novo ciclo na vida de outras pessoas.

O complexo de acolhimento e empoderamento foi batizado de Casa Florescer a partir dessa ideia. Assim como as plantas, que renascem a cada primavera, carregando-se de flores e frutos, as pessoas que passarem pelo Complexo terão a oportunidade de receber os subsídios necessários para florescer em suas vidas, sejam eles no âmbito econômico, social, ambiental, cultural e educacional.

Da mesma forma que a terra acolhe as sementes para germinarem, a intenção da proposta é trazer a sensação de segurança e acolhimento para as pessoas que ocuparão esse lugar, visto que em grande maioria, elas vêm de lugares de sofrimento e violência. Propõe-se que elas recebam as condicionantes necessárias para se curar e ressignificar suas existências.

Assim, serão utilizados elementos arquitetônicos que materializam no projeto o aconchego que, segundo Bestetti (2014) são: iluminação e ventilação natural; iluminação artificial em tons quentes; cores claras, tons pastéis, que remetem a calma e tranquilidade; vegetação e contato com a natureza para promover paz e tranquilidade; uso de materiais naturais; espaços para estar em grupo; espaços privativos/íntimos; formas arredondadas que transmitem calma e segurança e; espaços “livres”.

Para materializar as ideias do conceito foram escolhidos como Partido as seguintes soluções:

- **Circularidade, a fim de transmitir a ideia de voltar-se para si**

No espiritualismo, o círculo representa a união de energias, onde toda a força é convertida para o centro, em um único propósito. Não há começo, nem fim, não há hierarquia. É em círculo que comunidades se unem para fazer suas preces, acreditando formar um elo que favoreça a junção de todas as energias empregadas naquele ato. Representa também a totalidade do universo e seus atributos.

As rodas típicas das músicas de origem africana e/ou indígena e as cirandas também se estruturam a partir dessa forma de organização espacial. A circularidade representa um conceito de interconexão e coletividade. Nessas manifestações culturais, a roda simboliza a união e a igualdade entre os participantes, que se reúnem em um círculo onde todos têm espaço e importância igual. A energia circular gerada por esse movimento contínuo cria uma sensação de comunidade e pertencimento, promovendo a celebração, a troca cultural e o fortalecimento dos laços sociais.

Por outro lado, o panóptico, idealizado por Jeremy Bentham em 1785 representa uma forma de controle social baseada na vigilância constante e na hierarquia de poder. Nesse modelo arquitetônico, a estrutura circular permite que um único vigilante, posicionado em uma torre central, possa observar

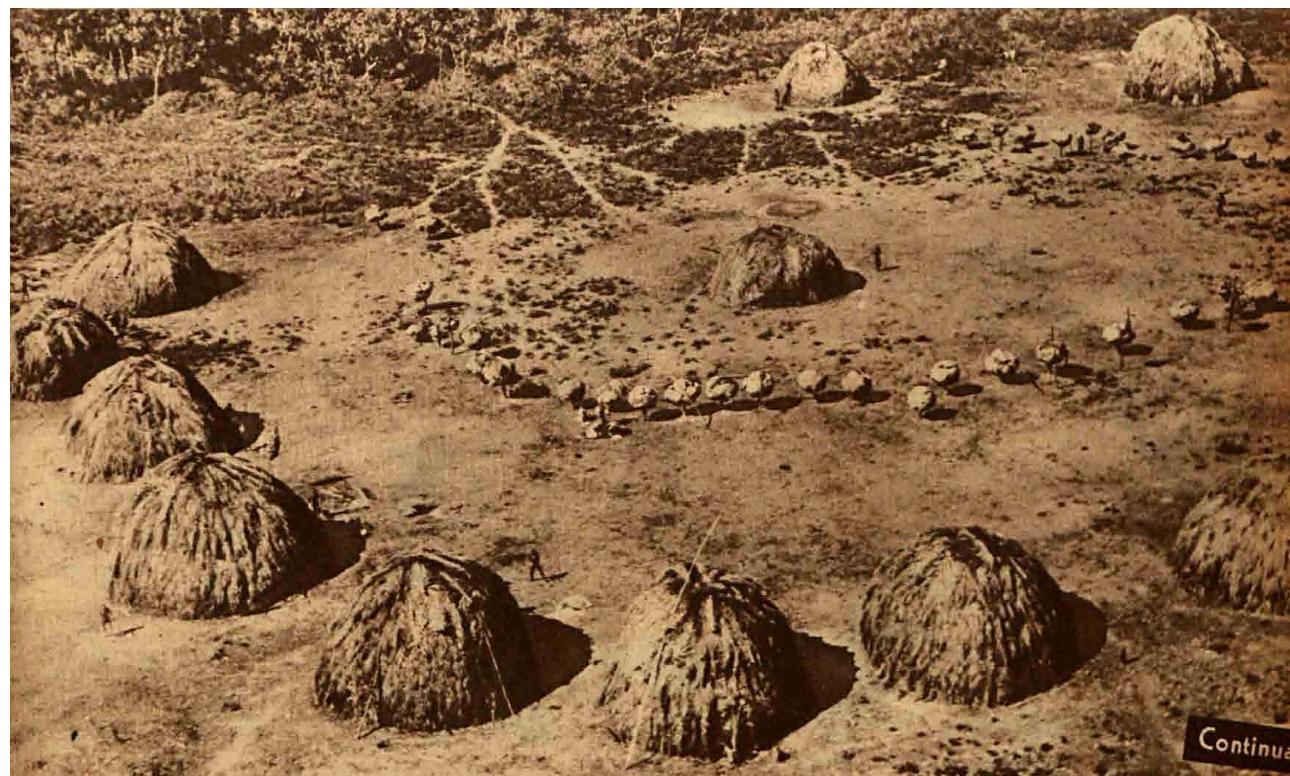
todos os prisioneiros ou ocupantes de um espaço sem ser visto, criando assim um ambiente de constante vigilância e controle. (Bentham, 1995).

O objetivo do panóptico era induzir o comportamento desejado através do medo da observação constante, criando uma sensação de estar sendo constantemente observado e punido em caso de desvio das normas estabelecidas. Bentham acreditava que esse modelo de controle poderia ser aplicado em diversas instituições, como escolas, fábricas e hospitais, como uma forma eficiente de manter a ordem e a disciplina entre os usuários.

Portanto, enquanto as rodas de música e as cirandas representam a circularidade como um símbolo de comunhão e igualdade, e o panóptico representa uma forma de controle hierárquico e disciplinador baseado na vigilância constante e no poder coercitivo do observador.

Segundo Aracy Lopes da Silva, o formato circular adotado pela maioria dos povos indígenas do Brasil Central não é apenas uma questão de conveniência ou tradição, mas sim uma manifestação profunda de sua cosmovisão e organização social. Mesmo após a colonização e a introdução de padrões arquitetônicos ocidentais, muitos desses povos mantiveram a concepção circular em suas representações da aldeia e na disposição de suas habitações.

Figura 61: Fotografia de uma antiga aldeia Xavante publicada na revista O Cruzeiro em 1946.



Fonte: Memória da Terra, 2022

Essa persistência não é arbitrária, mas reflete uma compreensão mais ampla e simbólica do espaço e da comunidade. O círculo, para essas culturas, não é apenas uma forma física, mas um símbolo de unidade, igualdade e interconexão entre os membros da comunidade. Ao adotar o formato circular para suas casas e aldeias, os povos indígenas expressam sua visão de mundo onde cada

elemento está interligado e onde a harmonia e a cooperação são valores fundamentais. Alguns povos, como os Xavante, “levam a ideia um pouco além: não só suas aldeias, como a própria planta das casas tradicionais, são circulares” (SILVA, 1983, p. 36).

Assim, para Silva (1983) o formato circular não é apenas uma questão estética, mas sim uma manifestação tangível de uma cosmovisão que valoriza a interdependência, a harmonia e a comunidade, como acontece na implantação do Shabono Yanomami, apresentado anteriormente nas referências arquitetônicas.

Na presente proposta, a ideia da planta em formato circular tem o intuito principal de criar integração tanto entre a comunidade local como também com as moradoras, como um meio de proteção e estreitamento de laços entre elas. A autora acredita que essa sensação pode ser potencializada através de edificações com a face principal voltada para um pátio central. Essa solução permite aos usuários se reunirem em uma área comum de fácil acesso, já que todos os ambientes estão de alguma forma conectados a esse pátio, criando assim a intersecção do individual e do coletivo.

Nesse sentido, é importante que as pessoas atendidas no Complexo tenham entre si a ideia de união para poderem apoiar-se mutuamente e crescer juntas. Os espaços coletivos, principalmente no setor habitacional, contribuem para o estabelecimento e fortalecimento dos laços entre elas.

Voltando para o conceito, onde no processo de desenvolvimento das plantas elas evoluem de dentro para fora, onde primeiramente precisam romper a sua casca, germinar e em seguida florescer e frutificar, num processo de desabrochar, representando o seu desenvolvimento pessoal.

A partir disso, a intenção é que se transmita a sensação de internalização de pensamento, onde as usuárias do Complexo voltem-se para dentro de si mesmas e acessem o seu poder interior, tornando-se capazes de transformar suas próprias vidas.

Os ambientes com o formato circular com as faces voltadas para o centro, onde fica geralmente o elemento mais importante, tem intuito de lembrar às usuárias de fazer esse movimento de olhar para si, para dentro, para o que é mais importante.

- **Edificações compostas a partir de composições de formas circulares, a fim de trazer sensação de acolhimento e união.**

Como dito anteriormente, as habitações individuais serão todas organizadas de forma que uma de suas faces esteja voltada para o centro, permitindo ampliar a sensação de comunidade, sem perder a sua individualidade e privacidade, tão necessárias nesse momento. Esse formato de planta em círculo é inspirado em métodos não tradicionais capitalistas, principalmente no Shabono dos povos indígenas. Esse formato permite que se observem as crianças a brincar, a se reunirem para eventos internos ou até para momentos de confraternização/socialização entre elas mesmas, dentre outras atividades que fortaleçam o senso de coletividade.

Tal configuração se abre para o interior ao mesmo tempo que se fecha ao exterior, protegendo

o espaço das possíveis agressões externas que possam enfrentar, ao passo que, podem encontrar umas nas outras o apoio necessário dentro daquela “semente” em que todas estão inseridas e passando por situações parecidas. Sendo assim, a forma circular também simboliza a igualdade e o comunal entre as usuárias.

Além dessas questões, a forma circular também permite o melhor aproveitamento do espaço disponível, fazendo com que seja possível percorrer distâncias mais curtas dentro da edificação, além da redução de perda de calor em decorrência da redução de área superficial.

Observa-se que após a pandemia de Covid-19, quando as pessoas saíram do isolamento social se depararam com uma maior necessidade de integração e contato com seus pares, houve uma maior valorização do coletivo de maneira geral, reunindo-se em conjuntos grandes de pessoas, seja para trabalho, estudo ou diversão. Observou-se então uma maior popularização de coworkings e colivings com esse intuito de integração, trazendo lentamente uma tendência na mudança nas formas construtivas das edificações coletivas, a fim de manter ambientes de integração.

- **Mandala, a fim de unir a centralidade com o florescer:**

Como já mencionado nas referências, a mandala é uma forte referência formal da proposta, visto que ela é composta pelos principais elementos trazidos no conceito.

No projeto, além do desenho em planta baixa derivado do formato da mandala, a horta comunitária proposta no programa de necessidades também será implantada no sistema de produção mandala, onde os canteiros são dispostos em forma de círculos concêntricos.

6.3. Flores na cabeça e pétalas no coração - Aspectos funcionais do Complexo

- **Natureza do projeto:**

Trata-se de um espaço que mistura edificações térreas e áreas de convívio abertas, com intuito de abrigar e acolher todas as mulheres (cis ou trans) com ou sem filhos, que estão em situação de rua ou vulnerabilidade social e que por algum motivo não conseguem estar inseridas socialmente, mas têm este desejo.

No espaço serão ofertados: locais para moradia temporária, com direito a dormitórios individuais e por família; refeições para as moradoras e pessoas da comunidade que necessitem; assistência médica, psicológica, social e jurídica, quando necessárias; apoio educacional; encaminhamento para aquisição de emprego, seja através de parceria com comerciantes e empresas do entorno ou outros; além de facilitação de aquisição de moradia própria através de programas sociais do governo.

- **Função do equipamento:**

Implantado no bairro Benedito Bentes, que sofre com a periferização e marginalização de seus

habitantes, terá como função trazer desenvolvimento econômico, cultura, lazer e educação ao bairro, acarretando assim a melhoria de vida das mesmas.

Trará como consequência o aumento na segurança do local, visto que atualmente os arredores do terreno não possuem grande circulação de pessoas. Além disso, são muito mal iluminados, não possui nenhum atrativo a população. O Complexo contará com áreas de lazer, comércio e alimentação, trazendo fluxo de pessoas em diferentes momentos do dia.

Em relação às residentes, o equipamento tem a função social de trazer aumento da qualidade de vida das mesmas, bem como atuar como agente facilitador de reinserção na sociedade, através de moradia digna e aquisição de renda própria.

O intuito deste projeto é contribuir para o empoderamento feminino, visto que as empoderar para participarem de todos os setores tanto econômicos quanto sociais, é essencial para: construir economias fortes; estabelecer sociedades mais estáveis e justas; atingir os objetivos de desenvolvimento, sustentabilidade e direitos humanos internacionalmente reconhecidos; melhorar a qualidade de vida para as mulheres, homens, famílias e comunidades e; impulsionar as operações e as metas dos negócios. (ONU Mulheres, 2017).

O empreendimento também se propõe a agregar valor social, cultural e ambiental ao local de implantação, trazendo espaços de qualidade para utilização dos moradores da comunidade do entorno do equipamento.

- **Público-alvo:**

Devido às problemáticas enfrentadas por mulheres em situação de vulnerabilidade social e de rua, apresentadas no capítulo 3, tais como: maior incidência de violência; maior dificuldade de manter uma residência digna e; até mesmo um trabalho que sustente a si e os seus dependentes, em comparação aos homens, os serviços oferecidos pelo Complexo serão destinados exclusivamente às mulheres e seus dependentes.

Sendo assim, a oferta de serviços foi dividido da seguinte forma:

Para acolhimento, abrigo, apoio educacional, inscrição em programas sociais e acompanhamento da saúde:

— Mulheres cisgêneras, mulheres transsexuais, solteiras ou em casal de mulheres, a partir de 14 anos;

— Mães-solo com filhos até 18 anos, independente do gênero dos menores (filhos homens acima de 18 anos não poderão ser aceitos como residentes);

— Também haverá a possibilidade de, caso houver vagas, serem atendidas mulheres que trabalhem no setor comercial do Complexo e precisem de abrigo temporário, caso venham de outras cidades, por exemplo.

Para alimentação, atividades coletivas (aulas de dança, de costura, artesanato, exercícios, etc.);

— Prioridade às mulheres abrigadas.

— Qualquer pessoa em situação de vulnerabilidade social, mediante cadastro prévio e comprovação da condição. Caso haja sobra das vagas oferecidas, estas podem ser disponibilizadas às pessoas sem cadastro prévio;

Para utilização de praças, biblioteca, espaço cultural, horta e demais espaços comunitários:

— Toda a comunidade.

• **Permanência no setor habitacional:**

Pensando em atender seus diversos perfis e necessidades, o Complexo oferecerá subsídios que as ajudem a manter-se e/ou voltar para a sociedade. Enquanto são cuidadas, recebem auxílio com questões socioeconômicas durante o processo, além de assistência à saúde mental e física e suporte educacional, que será definido de acordo com a realidade de cada uma.

Para viabilizar a autonomia das mulheres atendidas, foi escolhido como modelo de funcionamento do setor habitacional o já citado Método Moradia Primeiro, que tem lentamente ganhado visibilidade no Brasil.

Carvalho (*et. al*, 2021. p. 2) defende a necessidade da implantação desse método no Brasil, visto que “a falta de soluções permanentes, atrelada à falha das etapas transitórias de acolhimento em abrigos, resulta na ineficiência das políticas públicas aplicadas pelo Estado”.

Esse método relata uma adaptação mais lenta daqueles que saem da rua para uma residência tradicional. Assim, o tempo de permanência estipulado para a transição ocorrer naturalmente, mas contemplando também aquelas que vêm de situação de vulnerabilidade e não precisam de adaptação, será personalizado conforme as necessidades individuais de cada moradora. Será realizado um acompanhamento e respaldo por parte dos profissionais de saúde e assistência social do complexo para definir essa questão.

6.4. Passei por tantas flores, não foram só espinhos - Caminhos para a concepção da proposta

O processo para definição final da forma foi longo e desafiador. A primeira premissa que eu tinha era que esse projeto teria que passar uma sensação de aconchego e, para representar isso, foi escolhido como elemento visual o útero, primeiro lugar onde estamos seguros. Nesse intuito, o desenho do útero foi feito em planta baixa no piso.

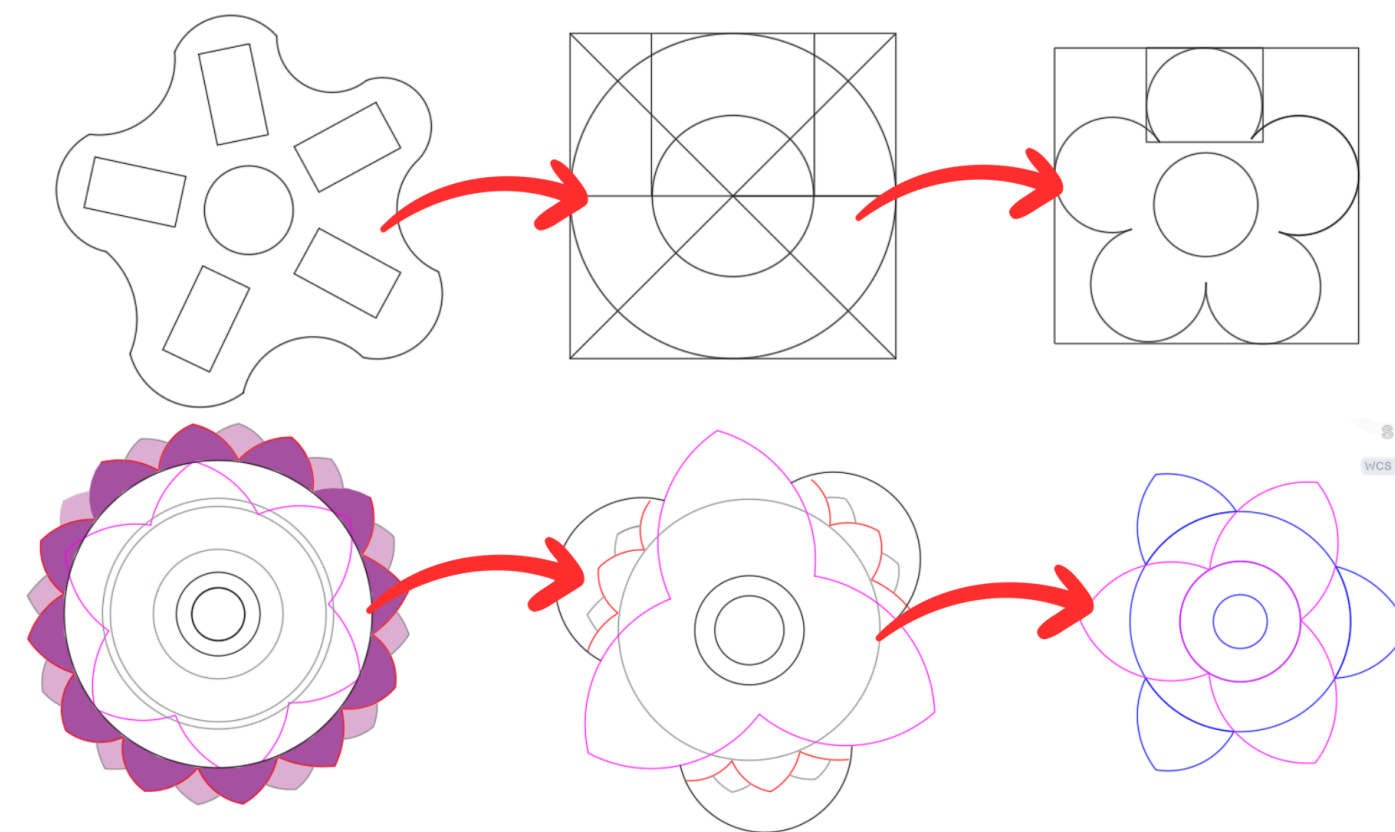
Assim foi a primeira proposta, cheia de referências desconexas entre si, vindas de uma conceituação que ainda não estava bem definida.

Após evoluir a ideia e pensar melhor em como representar o conceito por meio do partido, decidi manter as edificações circulares e repensar o (re)nascimento por meio da lógica da germinação da semente. Foi onde surgiu o nome Casa Florescer e todas as referências atreladas a flores existentes

na proposta. Numa tentativa de mudar de perspectiva, comecei a criar em 3D no SketchUp. Nessa nova proposta, o setor habitacional foi para o centro do terreno e as edificações adjacentes ficaram ao seu redor, ficando mais parecido com a versão atual.

Depois de algumas orientações, decidimos que seria interessante a elaboração de uma edificação única, onde as paredes dos fundos da habitação central seriam também as paredes dos outros setores. Esse formato auxiliaria a resguardar o espaço habitacional (uma necessidade de seguranças para as mulheres vítimas de violência) sem ter que desenhar muros, isto é, usando a disposição do programa de atividades para segregar os ambientes. A cobertura única também surge nessa etapa. Para isso, a forma dessa edificação sofreu um processo de transformação, demonstrado na Figura 62.

Figura 62: Evolução da planta baixa da edificação.



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Definida a forma em planta, voltei ao 3d para prosseguir com a volumetria e, após alguns ajustes na forma, cheguei num resultado que atendia os desafios da proposta e correspondia com o conceito e as decisões projetuais tomadas anteriormente.

Com a volumetria definida, iniciou-se a fase de concepção da cobertura. Foi definido que a cobertura geral seria independente da edificação, com intenção de ser um elemento visualmente único. Para compreensão desse volume, foram realizados alguns croquis durante orientação e também uma maquete física de papelão, conforme as figuras a seguir.

Figuras 63: Croquis da concepção da coberta.



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figuras 64: Croqui da concepção da coberta.



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Figura 65 e Figura 66: Evolução da maquete física da coberta.



Fonte: A autora, 2023.

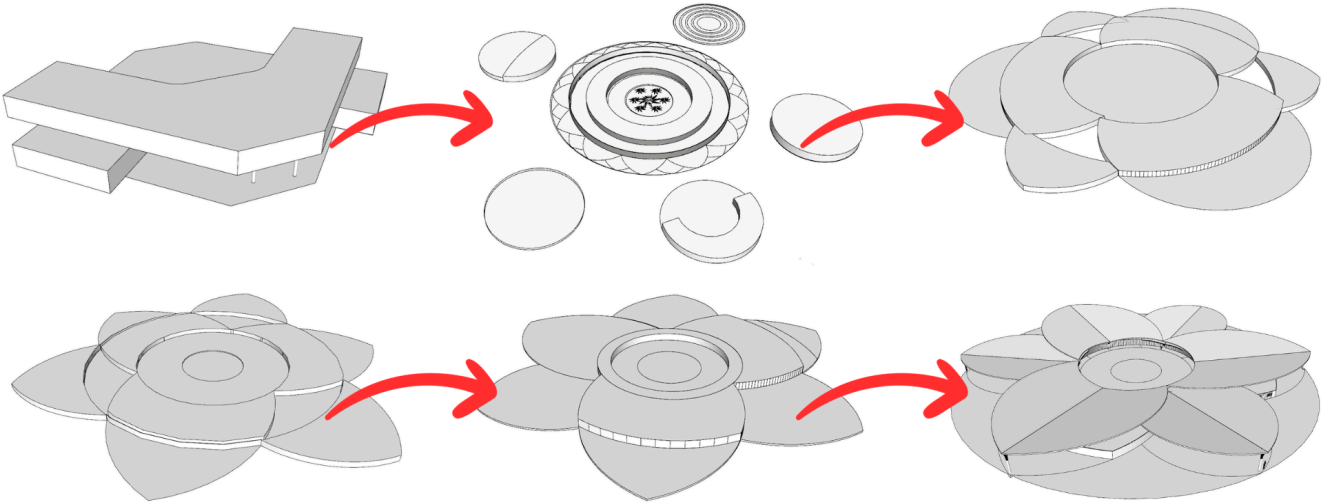
Figura 66: Evolução da maquete física da coberta



Fonte: A autora, 2023.

Definida a cobertura, foram ajustadas as proporções, o tamanho, o caimento de água e as inclinações, bem como o seu sistema estrutural e demais características, que resultaram na forma final. A evolução volumétrica da área edificada do projeto descrita está condensada na Figura 67.

Figura 67: Evolução volumétrica da área edificada.



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

6.4.2. Painel Semântico

Definidos os elementos construtivos da proposta, partiu-se para os elementos materiais do projeto. Para isso, foram agrupadas as principais referências e materiais a serem utilizados, com os demais detalhes gráficos necessários à composição formal do projeto. Todas essas informações foram condensadas no Painel semântico a seguir, juntamente com imagens das principais referências projetuais mencionadas.

Figura 68: Painel Semântico.



Fonte: elaborado pela autora, 2023.

— Paleta de cores: A partir das flores selecionadas, foram escolhidas cinco cores para a paleta, sendo dois tons de rosa retirados do degradê da flor de lótus, um tom de amarelo da margarida e do girassol e dois tons de verde oriundos do caule das folhagens das flores. Essas cores estão presentes em todas as partes gráficas da proposta e utilizadas também no zoneamento e setorização do projeto.

— Materiais: remetem aos utilizados na implantação do bairro, nas reformas feitas pelos moradores em suas casas, como forma de resgate da identidade visual e cultural do local, que atualmente mescla entre o tradicional, da época e o moderno. São eles:

- Piso em cimento queimado — prática comum nos anos 80 e que voltou a ser utilizada atualmente. Será utilizado no setor habitacional, nas áreas comuns e dormitórios, a fim de trazer um resgate dos métodos construtivos locais. Nas áreas edificadas do complexo serão utilizados pisos de alto tráfego e, nas áreas livres, piso drenante, para auxiliar no processo de escoamento pluvial.
- Paredes e pisos mosaicos — conhecidos como piso de “caquinho”, por ser feito a partir de pequenos fragmentos de piso cerâmico. Essa prática, muito vista nas paredes e pisos nos primórdios do Benedito Bentes, também será trazida à proposta para a composição de detalhes estéticos do projeto;
- Janelas e aberturas zenitais com gradis em ferro, neste caso em formato de flor, conforme demonstra o painel semântico. O gradil trabalhado servirá para a proteção da abertura zenital, evitando a entrada de animais e pessoas sem comprometer a circulação de ar e iluminação natural no setor habitacional, além de conferir ganho estético na edificação;
- Cobogós para ventilação: nas áreas permeáveis do setor habitacional (onde não há outros setores ao redor), haverá aberturas compostas por cobogós retangulares, conforme os ilustrados no painel semântico, para auxiliar na circulação natural de ar dentro da edificação;

— Mobiliário: o mobiliário público proposto para o projeto consiste em bancos que se integrem à

6.4.4. Setorização

A partir do zoneamento prévio, foi definido onde seriam alocadas as zonas e também definidos os setores de acordo com a atividade predominante, conforme Figura 69.

Os setores definidos foram: a) Setor de atendimento inicial, onde é feita a triagem das pessoas atendidas para entender quais são as suas necessidades e como elas podem ser ajudadas por meio do Complexo; b) Setor educacional, que condensa as atividades educacionais, biblioteca e brinquedoteca comunitárias, podendo ser acessado por toda comunidade; c) Setor habitacional, onde estão concentrados os serviços destinados exclusivamente as residentes; d) Restaurante escola, onde serão preparadas as refeições de almoço e jantar e as residentes inscritas no curso de culinária terão aulas e; e) Setor comercial, onde os comerciantes cadastrados poderão vender os seus produtos.

Alguns setores, como o restaurante escola e o de atendimento inicial, tiveram mistura de zonas e por isso estão representados por mais de uma cor, em degradê. Como os ambientes de manutenção (banheiros, copas, área de serviço, etc.) são essenciais ao funcionamento do complexo, eles estão presentes em todos os setores edificados. As atividades de armazenamento e preparo de alimentos do restaurante escola também são consideradas serviços de manutenção.

Além desses setores, também foram definidas as áreas comunitárias: área de vegetação, área de eventos, playground e uma área destinada ao escoamento pluvial, através de jardins de chuva.

natureza, com canteiros e jardineiras, a fim de trazer enriquecimento paisagístico ao projeto. Além disso, nos arredores do restaurante escola, serão dispostas mesas coletivas para refeição.

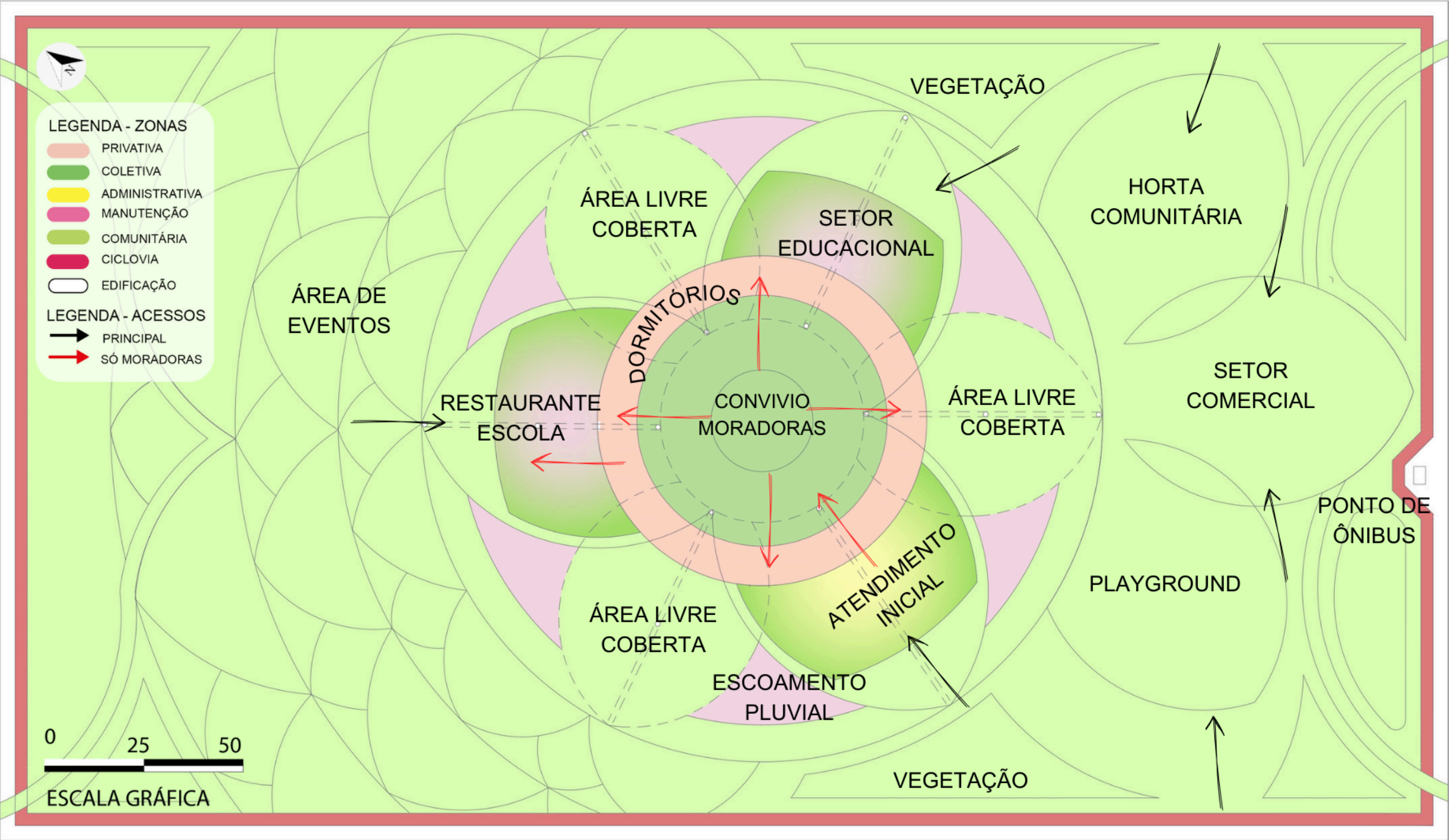
6.4.3. Zoneamento

Propõe-se a divisão dos usos através de cinco zonas principais, discriminadas por cor, de acordo com a paleta de cores do projeto. Dentro dessas zonas, serão distribuídos os ambientes do Programa de necessidades, segundo o público a utilizar cada ambiente:

Quadro 01: **Zoneamento dos ambientes.**

Zona	Descrição
ADMINISTRATIVA	Localizados os serviços burocráticos referentes aos funcionamento dos serviços ofertados no Complexo;
MANUTENÇÃO E SERVIÇOS	Localizados os setores fundamentais para a manutenção dos espaços físicos do complexo, bem como as instalações sanitárias.
PRIVATIVA	Localizados os dormitórios individuais com acessos exclusivos pelas usuárias do setor habitacional e serão isolados de ambientes comunitários e coletivos;
COLETIVA	Alocados espaços de uso destinados apenas às moradoras do complexo, para utilização conjunta ou individual.
COMUNITÁRIA	Alocados espaços que atendem tanto as moradoras quanto a comunidade e realizadas atividades abertas à população, bem como o setor que oferecerá os serviços educacionais.

Figura 69: Esquema de setorização.



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

6.4.3 Programa de necessidades e pré-dimensionamento:

Avaliadas todas as referências projetuais, foram listados os principais ambientes que seriam capazes de fomentar a resolução da problemática da falta de moradia do público-alvo e sua consequente reinserção na sociedade, além dos equipamentos e serviços que pretende-se ofertar à comunidade. Estes dados foram condensados no Programa de necessidades a seguir, classificados de acordo com o zoneamento anterior. O pré-dimensionamento foi definido pela quantidade de pessoas que se pretende atender segundo as dimensões do terreno:

Quadro 02: Programa de necessidades.

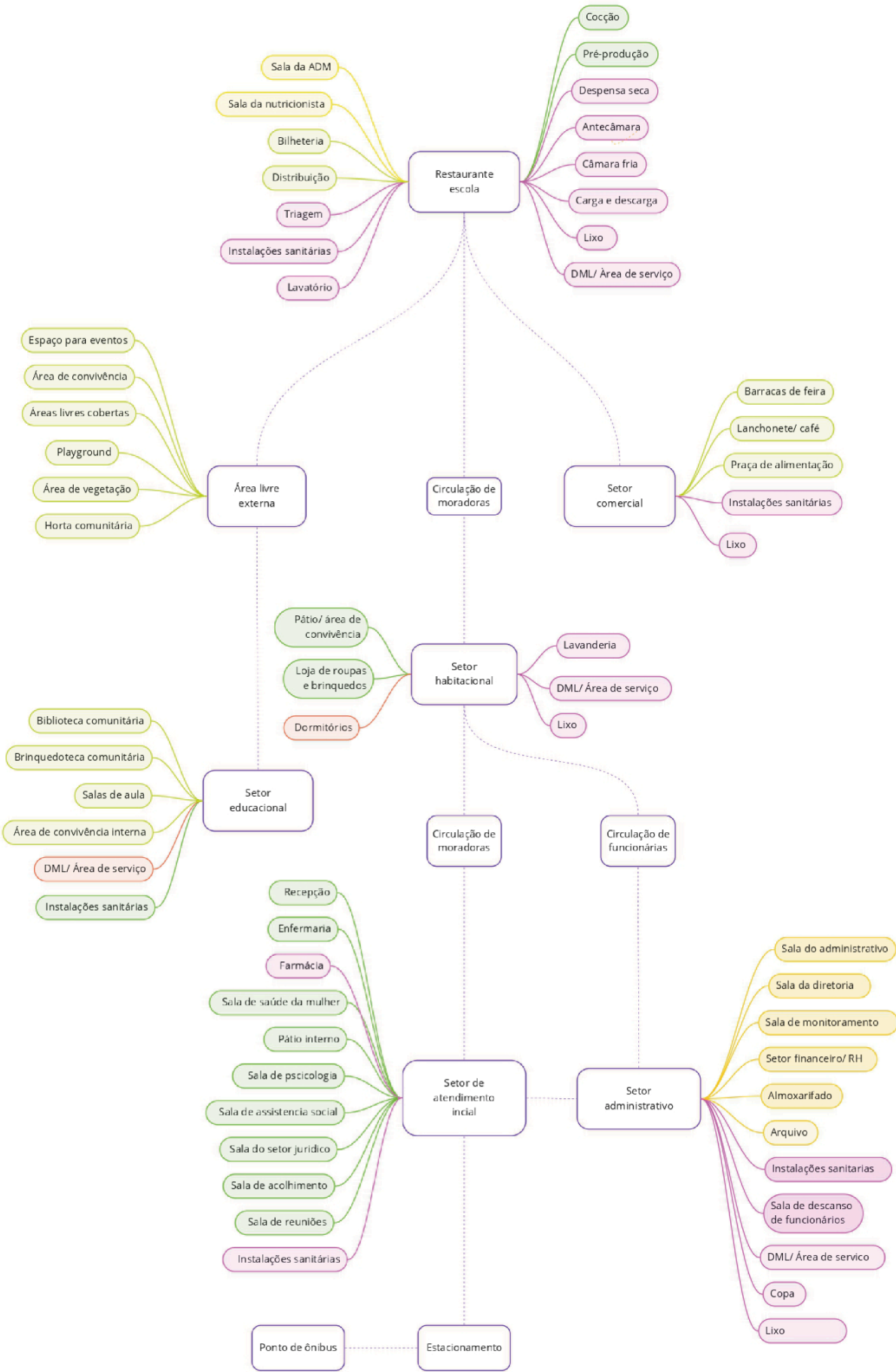
Zona	Ambientes	Pré-dimensionamento
ADMINISTRATIVA	Sala do administrativo; Sala de reuniões; Sala da direção; Sala de monitoramento; Sala setor Financeiro/ RH; Sala de descanso de funcionários; Arquivo; Almoxarifado.	200m²
MANUTENÇÃO E SERVIÇOS	Depósito; Armazenamento de lixo; Depósito de material de limpeza (DML) ; Área de serviço; Lavanderia; Instalações sanitárias; Copa dos funcionários; Preparo de alimentos do Restaurante-escola; Despensa; Jardins.	390m²
PRIVATIVA	22 Dormitórios distribuídos em dois blocos, sendo um bloco com 7 dormitórios com acessibilidade. As demais disposições dos cômodos serão flexíveis, feitas por divisórias de correr.	2000m²
COLETIVA	Recepção; Sala de acolhimento; Sala de psicóloga; Enfermaria; Sala de saúde da mulher; Sala de assistente social; Sala setor jurídico; Loja de roupas e brinquedos para residentes; Área de convivência/ pátio interno.	3000m²
COMUNITÁRIA	Estacionamento; Salas de aula: alfabetização para adultos, corte e costura, cabelo e maquiagem, música; Biblioteca; Brinquedoteca; Área de convivência; Local para aulas ao ar livre; Restaurante escola com salão de alimentação; Horta comunitária; Playground; Espaço para eventos; Lanchonete/café e Lojas	40.000m²

6.4.5. Fluxograma - Acessos e caminhos:

Ao reunir os dados de zoneamento, setorização e programa de necessidades, foi elaborado o fluxograma, para melhor visualização do agrupamento de ambientes e como os setores se conectam entre si.

Cada ambiente está identificado através da cor da zona à qual o ambiente pertence, conforme representado a seguir na Figura 70.

Figura 70: Fluxograma de espaços do Complexo.



Fonte: elaborado pela autora, 2023.

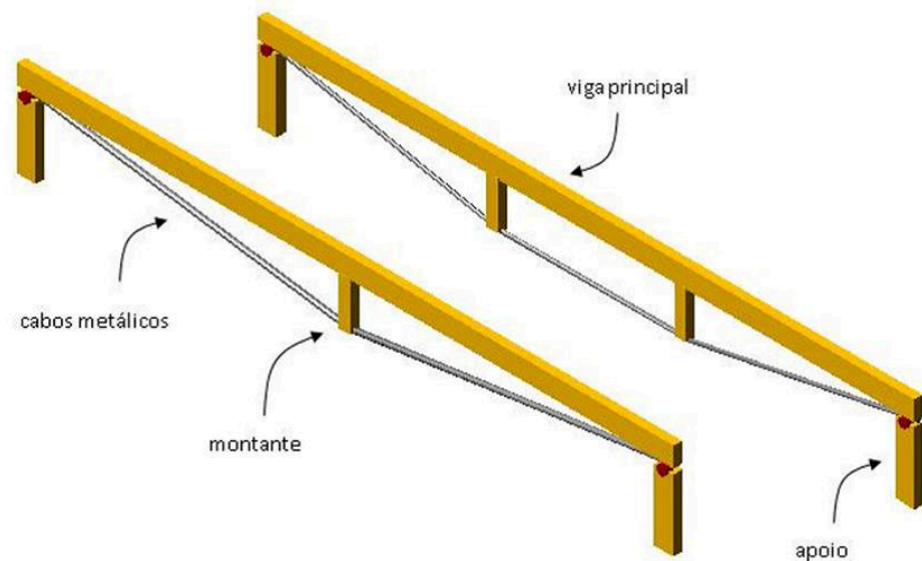
6.5. Ser duplamente flor: encanta, colore e faz bem - Elementos projetuais:

6.5.1. Decisões formais da área edificada

- Coberta:

A cobertura do projeto será formada estruturalmente por um sistema de viga vagão de montante único. Esse sistema consiste em barras de aço fixadas aos pilares, com ligação de uma extremidade da viga com a outra, por meio de tirantes de aço que passam pelos montantes, sendo os tirantes empregados como um reforço à tração para o sistema, como na Figura 71.

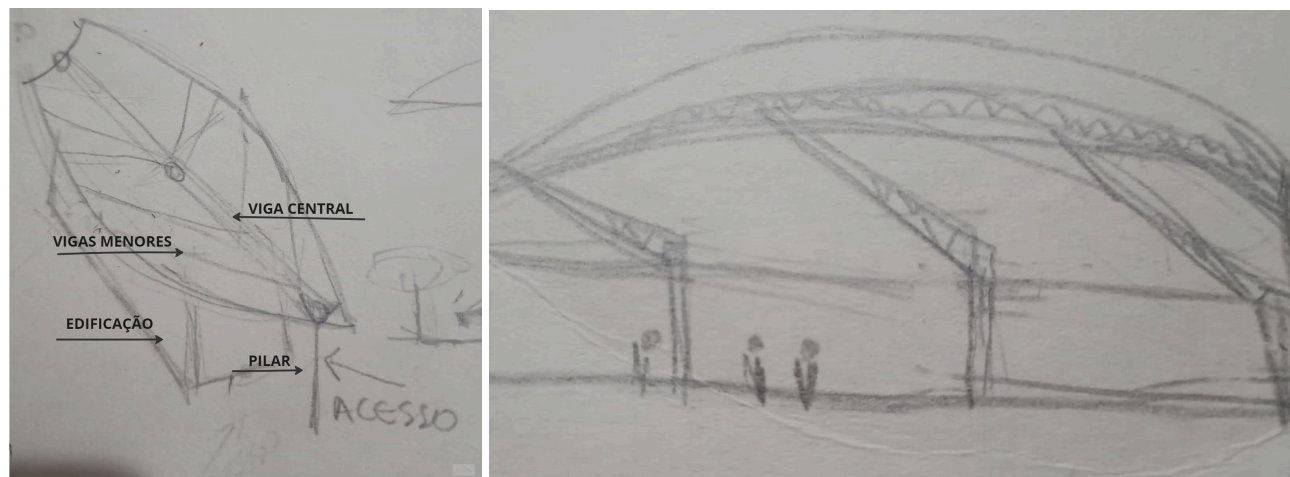
Figura 71: Esquema de amarração da cobertura.



Fonte: Blogspot, 2014.

No sistema escolhido para este projeto, haverá três vigas-vagão apoiadas em uma viga central, que estará apoiada em três pilares (Figura 72), mantendo-as unidas e formando uma estrutura curva e inclinada (Figura 73). Esse sistema de vigas e pilares estruturais permitirá a existência de grandes vãos.

Figura 72: Esquema de amarração da cobertura. e Figura 73: Croqui estrutura de cobertura da proposta.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Como a cobertura é extensa e para não ser necessário um sistema grosseiro e visualmente pesado para sustentar os grandes vãos, será utilizado o pilar árvore. Este é um pilar que se ramifica gradativamente em sub pilares inclinados e menores, recriando os galhos de uma árvore, (Zhaus, 2015) como representado nas Figuras 74 e 75.

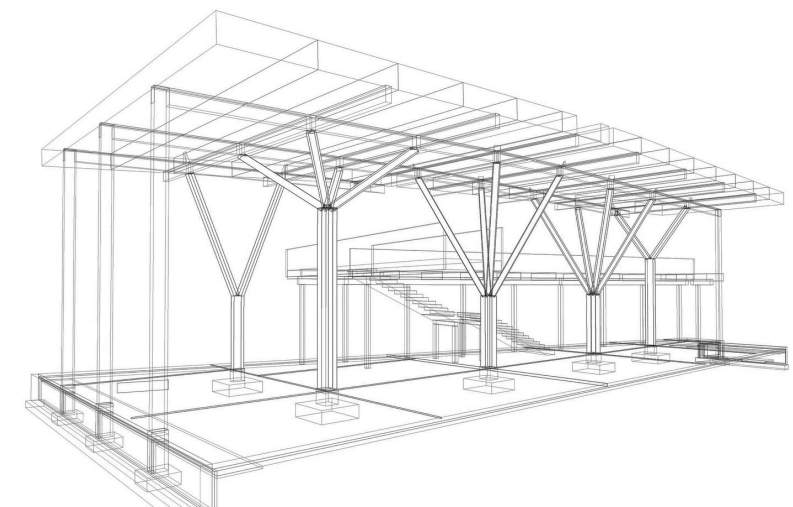
Figuras 74 e 75: Sistema de pilar árvore no Terminal Parque Olímpico - RJ.



Fonte: Galeria da arquitetura, 2016.

Na Figura 77, apresenta-se a amarração de um sistema formado por vigas e pilares árvore. No caso apresentado, a cobertura que o sistema sustenta é plana, já a cobertura proposta neste projeto será inclinada. Porém, a lógica construtiva de sustentação utilizada nas duas propostas é a mesma.

Figura 76: Esquema estrutural de amarração por pilar árvore em cobertura plana.

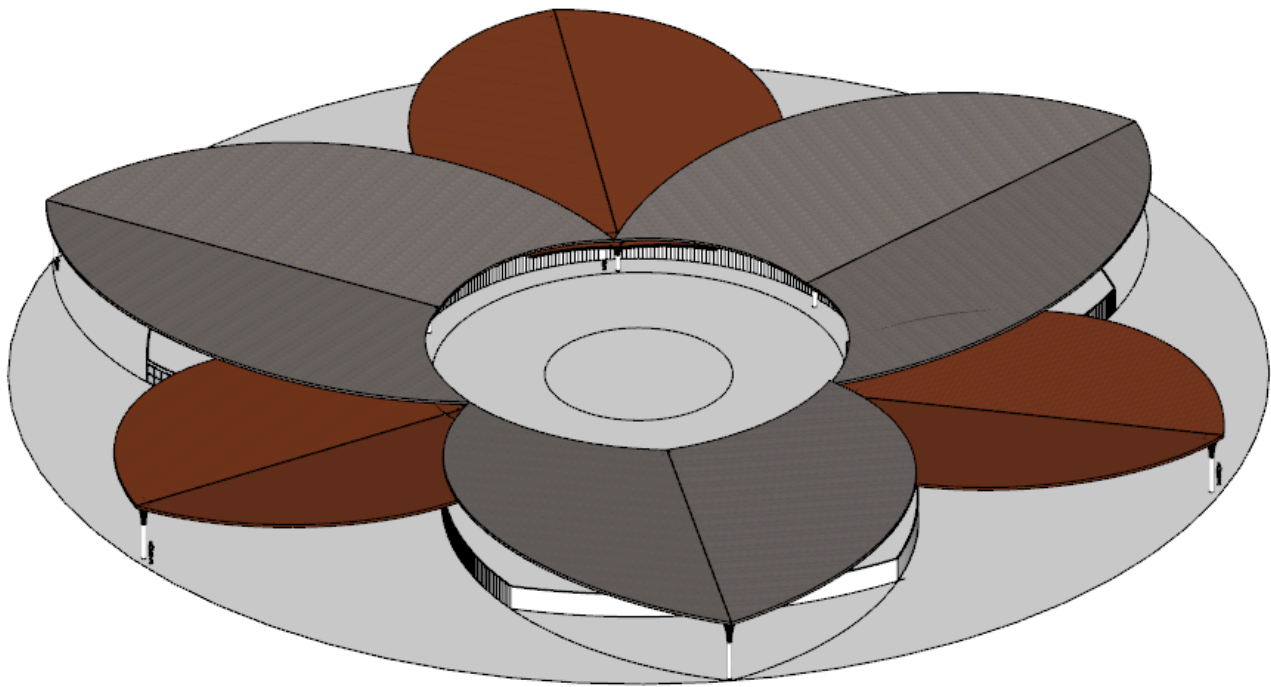


Fonte: Archdaily, 2017.

Esse sistema se repetirá nas seis “pétalas” da cobertura, que com uma amarração central resultam em uma cobertura única, em formato de flor. A cobertura é independente da edificação e, através da amarração, ela garante a integração de todos os ambientes, tanto na parte habitacional como na parte comunitária edificada, conforme demonstra o croqui da Figura 77.

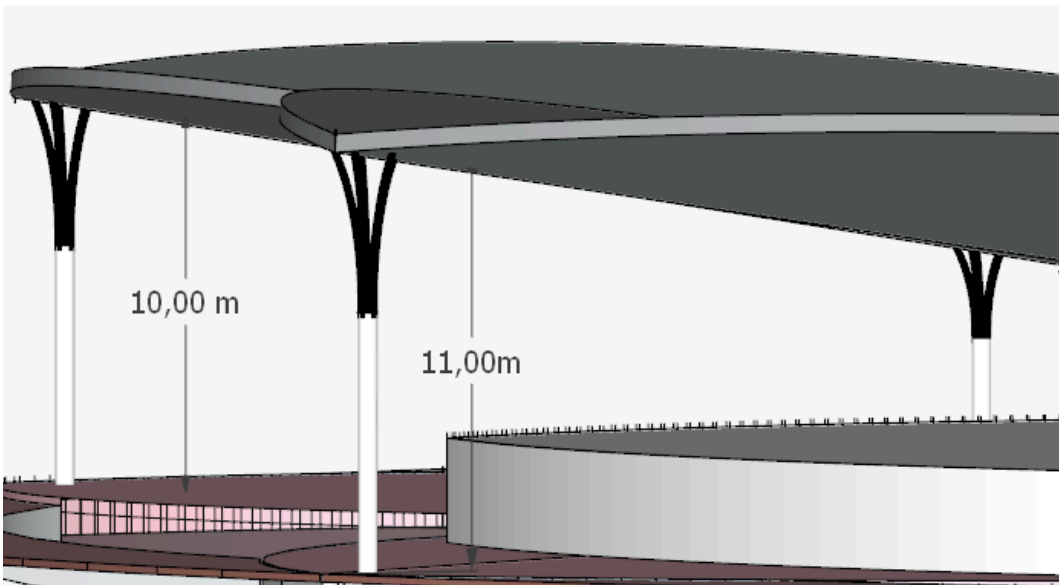
No estudo volumétrico, foi definido que os elementos em formato de pétalas que compõem a cobertura serão dispostos para intercalar, sendo três “pétalas” maiores e três menores. As coberturas maiores são mais elevadas e as menores são mais baixas, dando sensação de sobreposição de alturas.

Figura 77: Vista aérea da área edificada com cores diferentes para cobertas mais altas (cinza) e mais baixas (marrom)



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

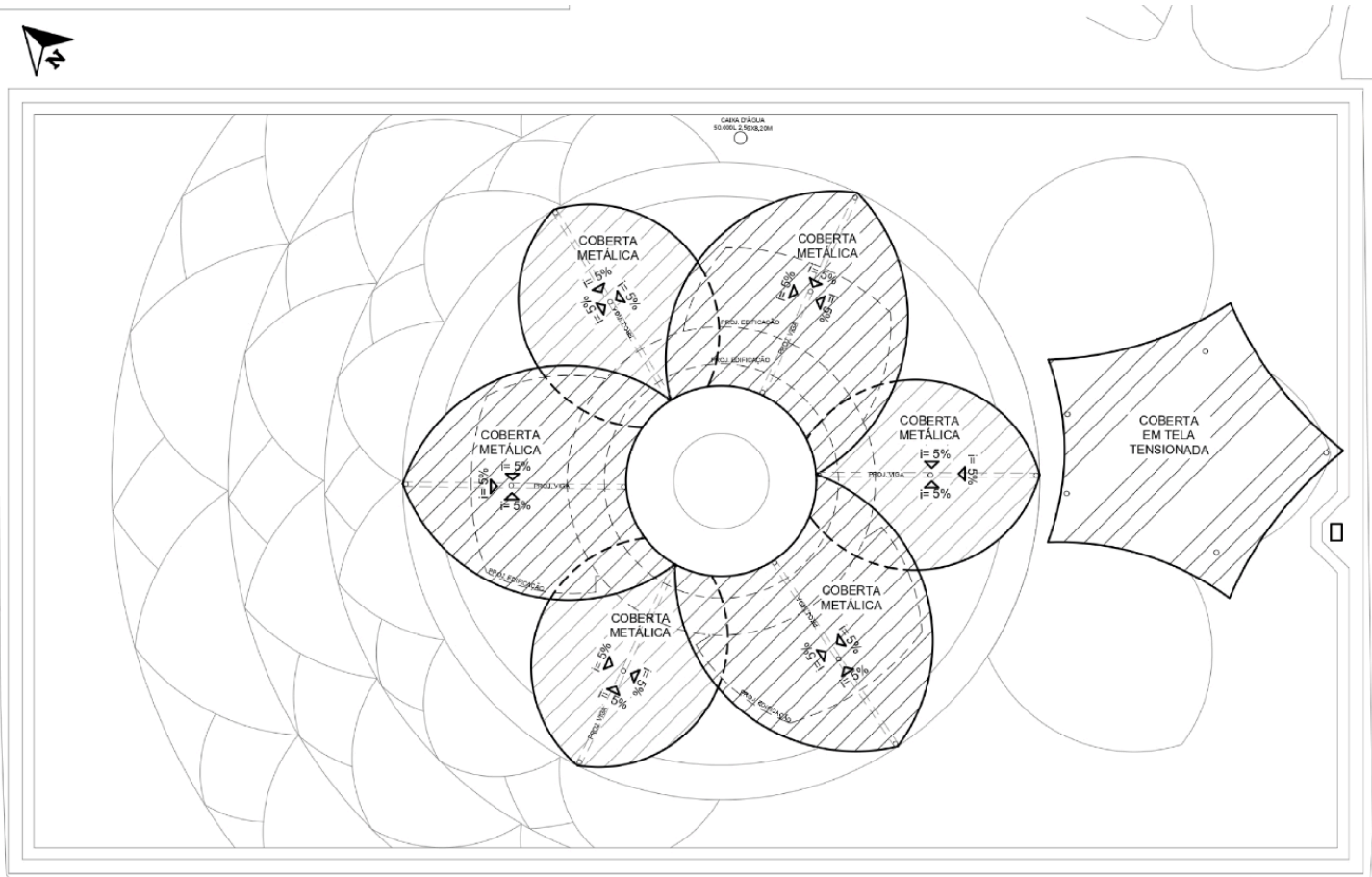
Figura 78: Representação esquemática da altura da cobertura.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A cobertura proposta terá uma inclinação de 5% a fim de facilitar o escoamento de águas pluviais através da mesma. Seu caimento se dará em duas direções: uma das bordas para o centro e a outra em direção ao jardim central do setor habitacional, onde será conduzida para um sistema de drenagem subterrâneo, conforme demonstra a figura a seguir.

Figura 79: Planta baixa esquemática de localização e cobertura.



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

— Acessos e caminhos:

Como demonstrado durante a análise do local de implantação, o terreno escolhido apresentava-se bastante inóspito tanto para permanência quanto para a circulação de pessoas, por não apresentar nenhuma iluminação ou cobertura para abrigo de intempéries e do sol. Essas características acabam gerando insegurança e desconforto aos usuários, o que os faz preferirem contornar o terreno ao invés de cruzá-lo, tornando os trajetos ainda maiores.

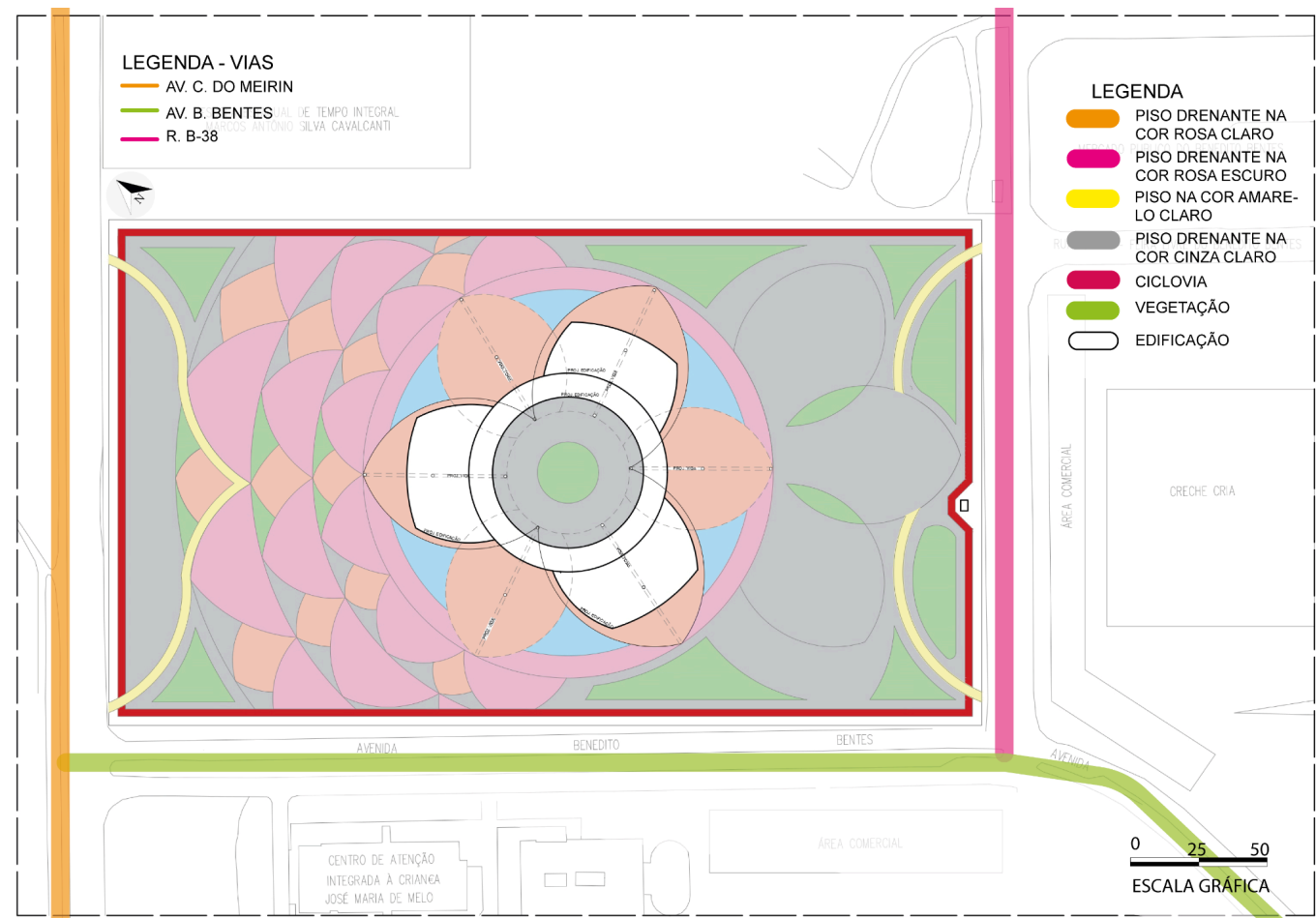
Diante disso, já que existem múltiplos caminhos que podem ser percorridos cruzando o terreno, os caminhos foram pensados a fim de indicar direções, ao invés de delimitar os percursos, pois como a intenção é manter a planicidade atual do terreno, é possível fazer diversos trajetos diferentes dos indicados.

Os trajetos indicados seguem o desenho projetado no piso, fazendo uma composição visual e conduzindo aos principais elementos do complexo, que são a edificação central e o setor comercial. A edificação é central justamente para dar essa multiplicidade de caminhos, sem atuar como barreira limitante a percursos. Além disso, ao longo do espaço livre existem árvores e áreas de descanso

cobertas, como bancos e canteiros, que servem como proteção e descanso para as usuárias.

A paginação do piso foi definida a partir da repetição de elementos presentes no projeto, como as pétalas das flores, os elementos circulares e a mandala presente no conceito. O resultado da combinação de elementos está demonstrado na Figura 80.

Figura 80: Planta baixa esquemática de piso do Complexo.

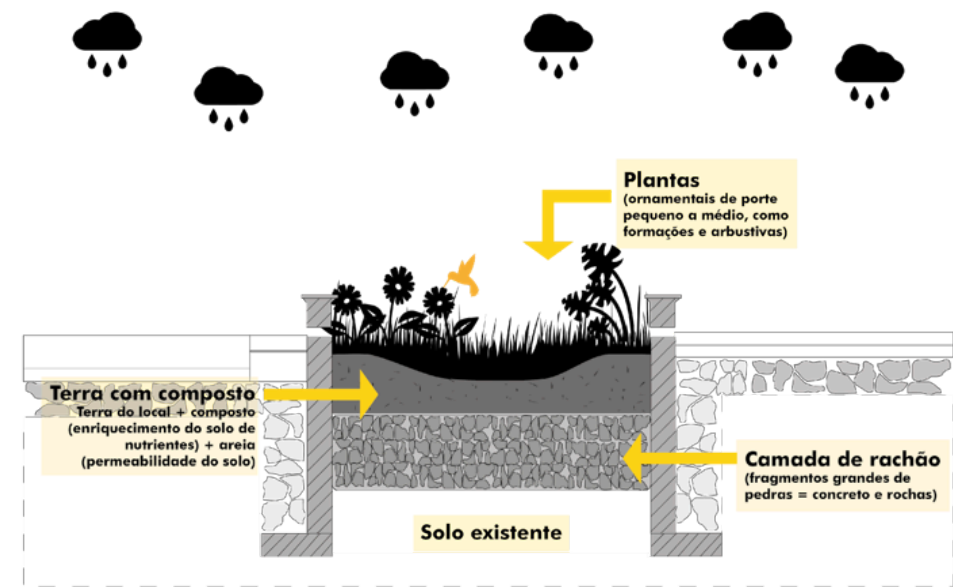


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

— Jardins de chuva

É um jardim alagável, mais rebaixado, que retém a água da chuva e leva-a de volta ao solo por meio de inclinação e do plantio de diversas espécies no terreno. Alguns de seus benefícios são: alimentação do lençol freático, irrigação de plantas e árvores, economia de água, aumento da umidade do ar por meio da transpiração das plantas, diminuição de ilhas de calor e auxílio ao combate de enchentes. (Rocha, 2022).

Figura 81: Esquema de funcionamento de jardim de chuva.



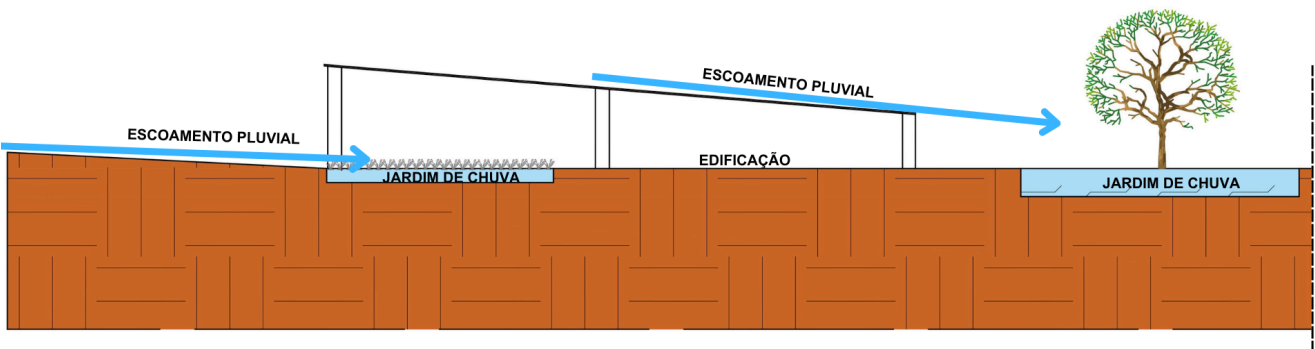
Fonte: Prefeitura de São Paulo, 2022.

Serão implantados jardins de chuva ao redor da edificação, criando valas de um metro de profundidade para a formação de alagamentos controlados, como no esquema da Figura 82.

Para que a água da chuva escoe para essas valas, será implantada uma inclinação de 5% partindo das extremidades laterais em direção ao centro do terreno, onde estarão localizados os pontos de escoamento. Após o escoamento da água para os jardins, a água será canalizada de volta para o lençol freático através de sistema de drenagem subterrâneo.

Essa decisão se dá para resolver o problema de alagamento que ocorre em toda extensão do terreno, conforme mencionado anteriormente.

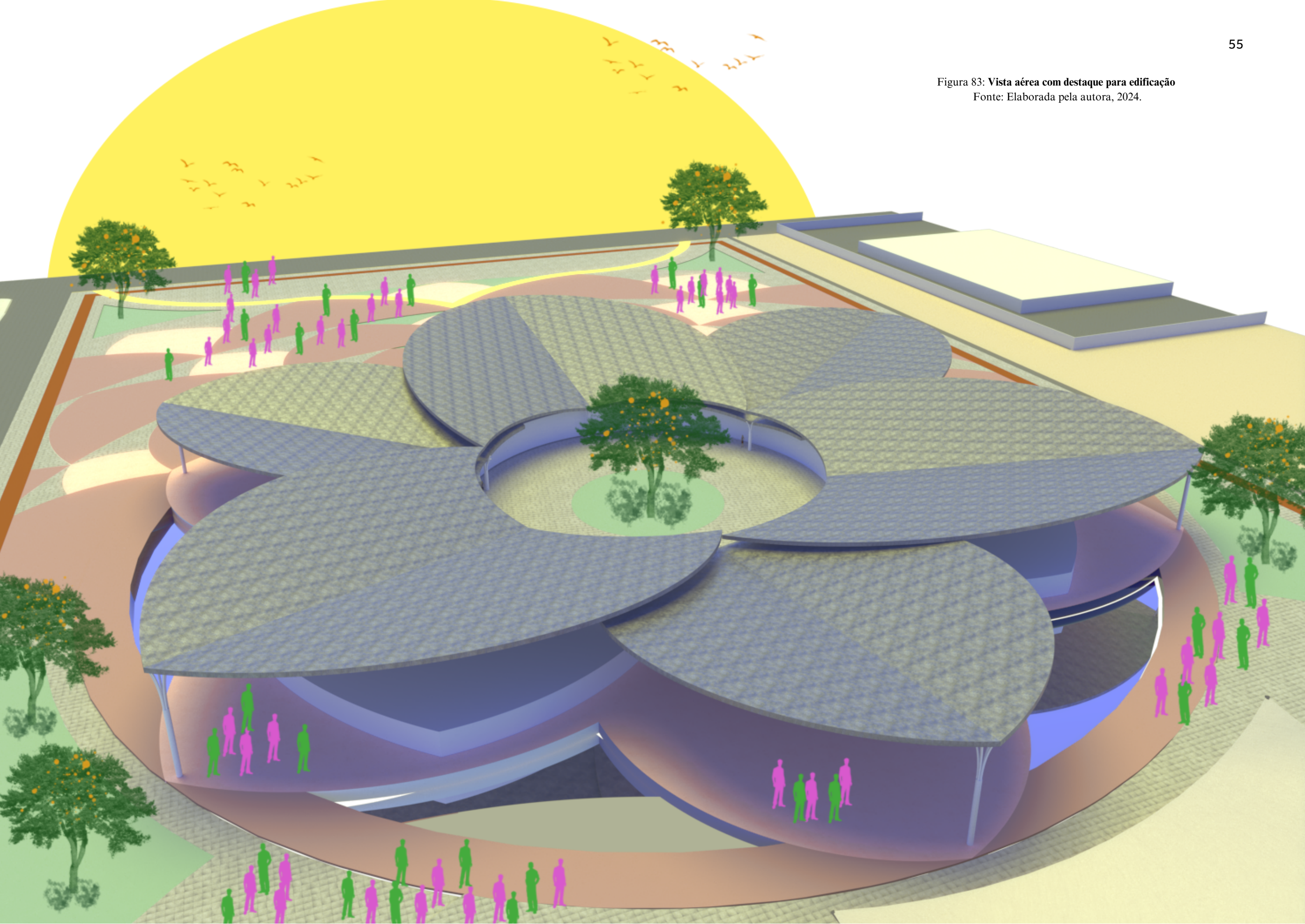
Figura 82: Esquema de escoamento de águas pluviais.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Para melhor compreensão total da ambientação espacial da proposta, foram reunidas algumas imagens a seguir a nível de estudo de massa:

Figura 83: Vista aérea com destaque para edificação
Fonte: Elaborada pela autora, 2024.



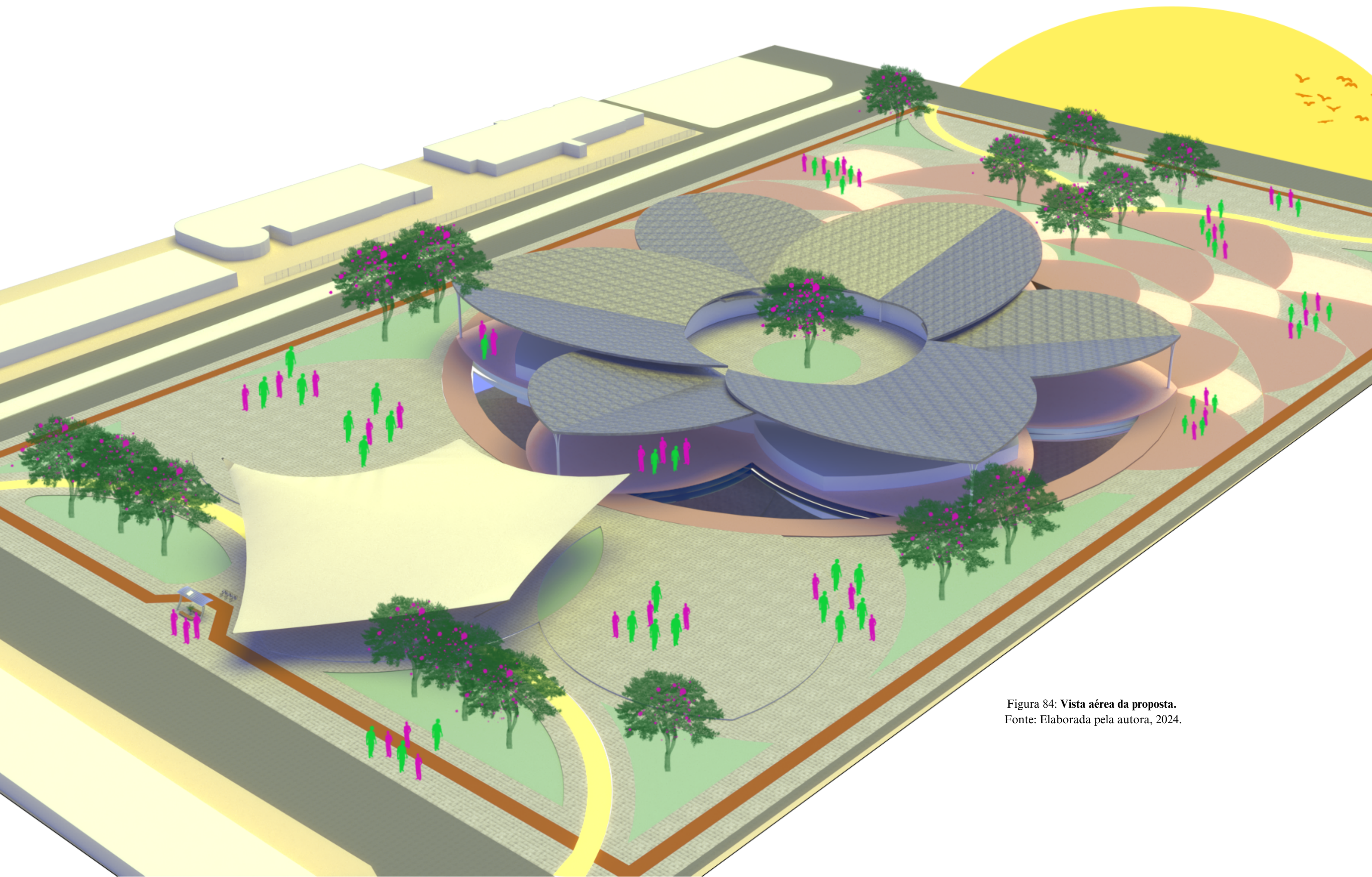


Figura 84: Vista aérea da proposta.
Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

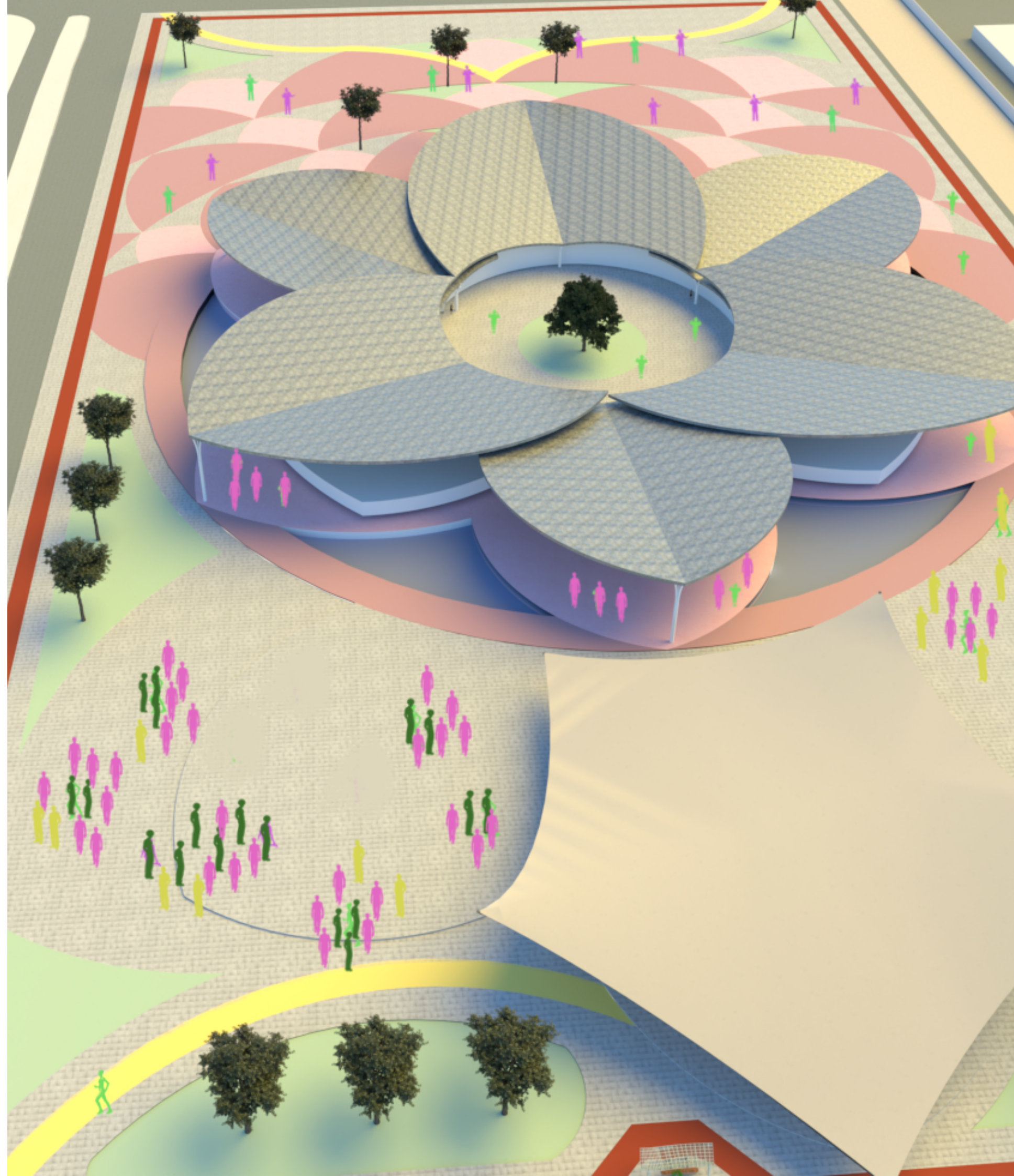
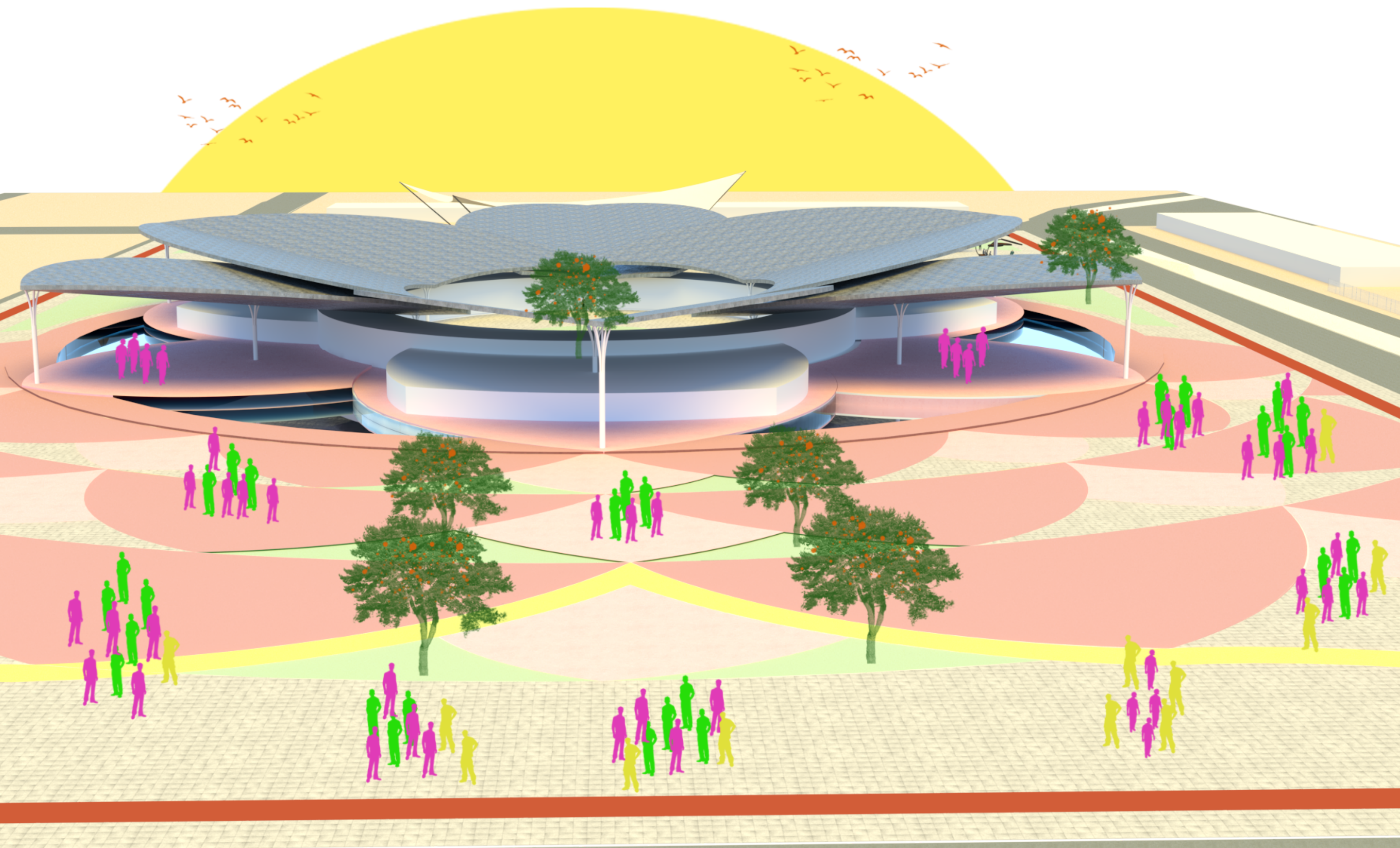


Figura 85: Vista aérea - Estudo de massa.
Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

Figura 86: Vista aérea da fachada principal do restaurante escola.
Fonte: Elaborada pela autora, 2024.



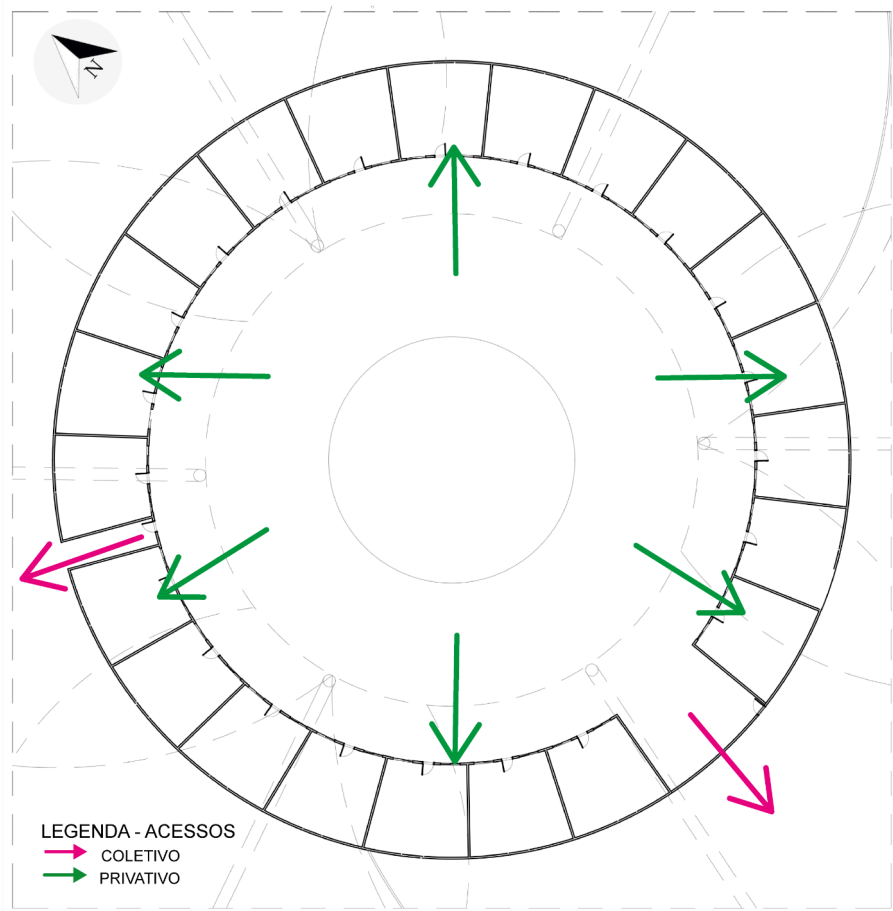
6.5.2. Intenções construtivas para os setores e seus ambientes

— Setor habitacional:

Neste setor estão localizados os dormitórios e os serviços exclusivos às moradoras, como brinquedoteca infantil, loja de roupas e brinquedos, lavanderia, etc.

A parte habitacional do Complexo será construída em formato circular, onde todos os dormitórios estarão voltados para o pátio central, para que, conforme o conceito, remete ao ato de voltar-se para dentro de si. Na Figura 87, estão representados os principais fluxos realizados neste setor, sendo o fluxo para entrada e saída da área residencial através do setor de atendimento inicial e do restaurante escola representados na cor rosa, e o fluxo individual feito por cada residente ao seu dormitório na cor verde.

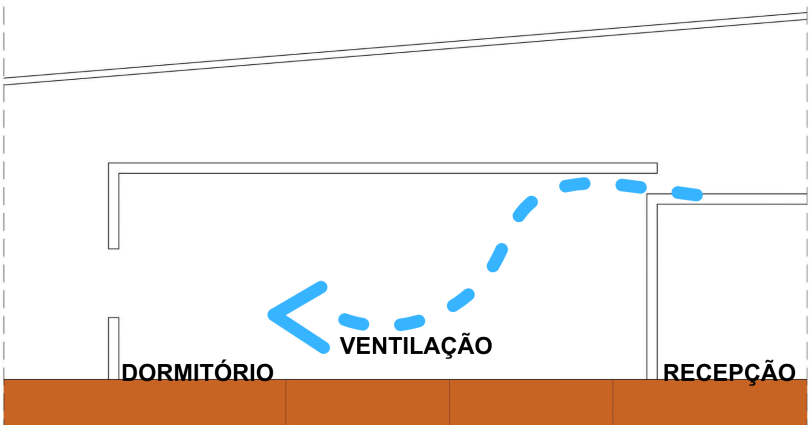
Figura 87: Esquema de fluxos do setor habitacional.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Assim, o pátio também será o principal elemento de entrada de ventilação das faces Norte e Oeste, bem como atuará como saída de ar nas faces Leste e Sul, visto que são as faces predominantes dos ventos em Maceió. A ventilação dos dormitórios será cruzada e a saída de ar será através de aberturas zenitais que se estenderão por toda a limitação do setor:

Figura 88: Esquema de ventilação no setor habitacional.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

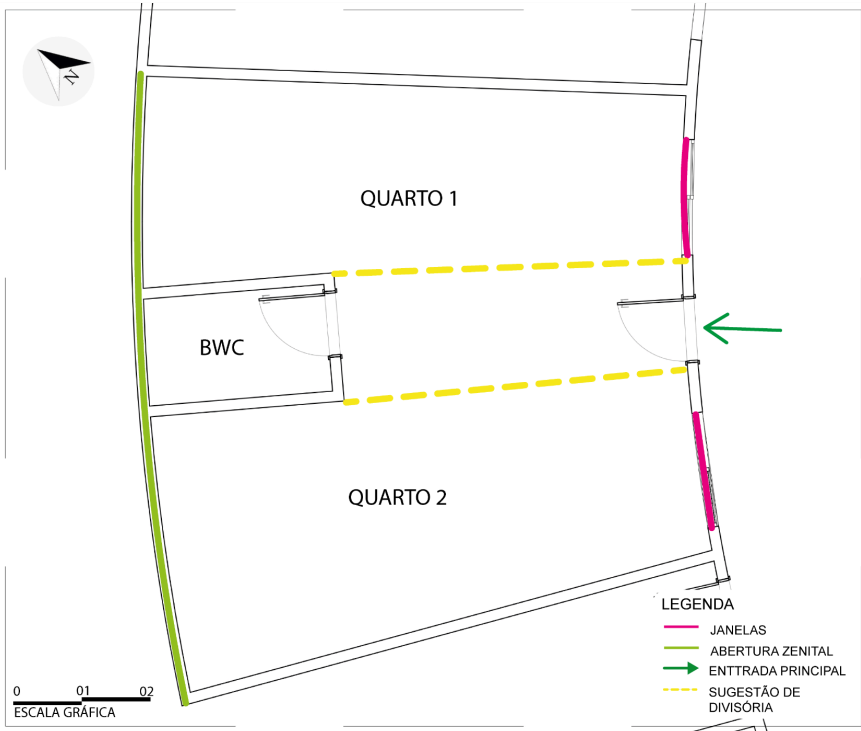
Também possui acesso à ala médica, que fica alocada junto ao setor de atendimento inicial. Na parte médica, pretende-se que as consultas sejam realizadas por agendamento e haverá uma enfermaria para emergências.

— Esquema para planta baixa de dormitório com divisórias internas

Devido às diversas formas de existência e diversas configurações de famílias presentes no público-alvo, principalmente as que vêm de rua, pensou-se em fazer uma planta de dormitórios flexível, com diversas opções de configuração.

Dessa forma, os dormitórios apresentam banheiro acessível, copa completa e configuração de um a três quartos, de acordo com a necessidade das moradoras.

Figura 89: Esquema de dormitório com divisórias internas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

— Atendimento inicial:

Como o nome sugere, é onde é feito o atendimento de mulheres que desejam ingressar na moradia e para inscrição nos cursos ofertados. Estas podem procurar atendimento por conta própria ou encaminhadas por qualquer serviço de assistência social.

Estarão alocadas a parte administrativa, a parte de atendimento e a entrada para o setor habitacional. Essa entrada foi disposta junto ao atendimento inicial, a partir da recepção, para ser mais fácil o controle do acesso à habitação, garantindo a privacidade das usuárias. Também terá a principal área para funcionários, contendo copa, vestiários e sala de descanso, e os equipamentos de uso coletivo das moradoras, como lavanderia e loja de roupas.

— Restaurante escola:

A parte edificada abrigará somente as áreas de produção da comida e aulas de culinária para as residentes. As pessoas da comunidade contempladas pelo recebimento de refeições não terão acesso ao prédio. Estes pegam a ficha de acesso na bilheteria, em seguida servem-se na parte de distribuição e podem optar por comer nas mesas dos espaços livres, ou então levar a refeição para comer em outro local, se assim desejarem. Tanto a bilheteria quanto as áreas de distribuição terão aberturas para fora do prédio, protegidas de condicionantes externas para evitar contaminação. A fila para essas áreas também será na parte externa do prédio, sob a cobertura principal da edificação.

Figura 90: Estudo de massa Fachada principal do restaurante

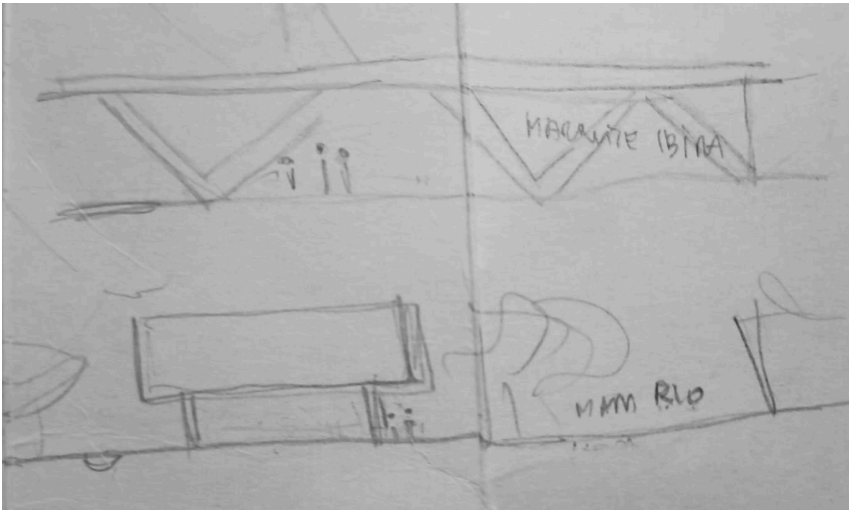


Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

- Áreas livres cobertas:

Na parte edificada haverá mobiliários urbanos e estes espaços serão utilizados para atividades diversas, como as marquises dos projetos referenciais citados anteriormente.

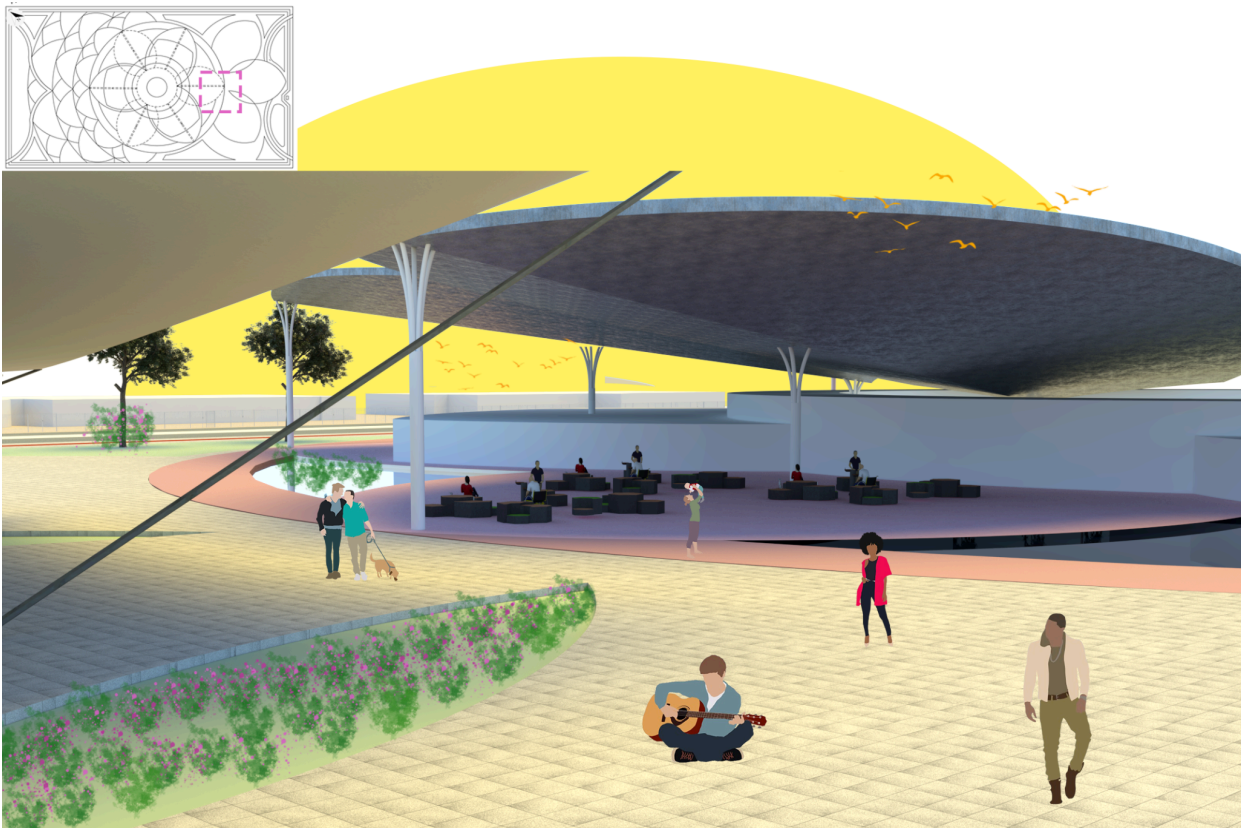
Figura 91: Croqui de espaço de convívio do MAM e Ibirapuera..



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Os espaços poderão ser utilizados para atividades diversas como andar de skate, bicicleta, patins, realizar exposições de arte, feiras de pequenos produtores, etc., bem como utilizar do mobiliário para sentar, jogar dominó, baralho, etc. e fazer as refeições, tanto do restaurante quanto das lanchonetes do setor comercial.

Figura 92: Espaço de convívio coberto.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

— Setor educacional:

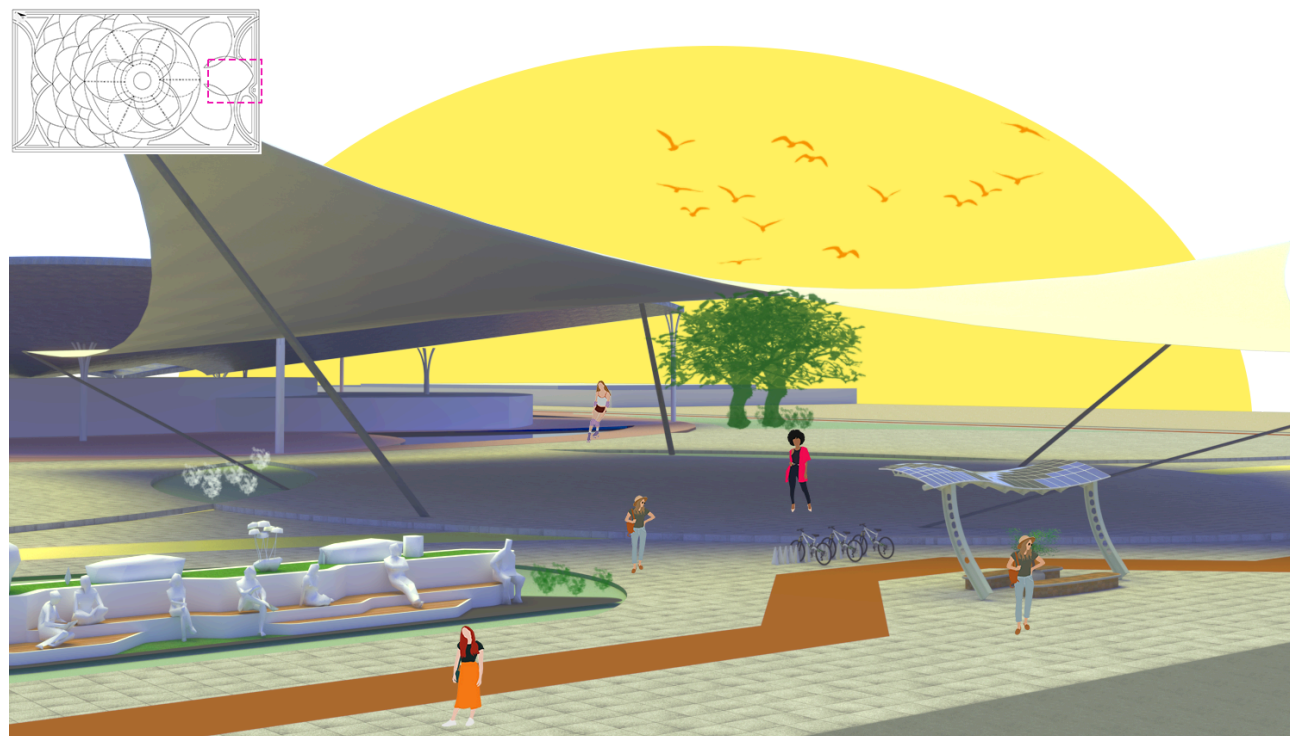
Neste setor estão alocados os ambientes para realização de aulas, tanto para as moradoras quanto para a comunidade. Devido à variedade de atividades ofertadas neste setor, pensou-se na construção de espaços para salas de aula flexíveis, alterados através de divisórias internas, para que o uso e o tamanho do ambiente seja adequado à atividade realizada. De início, pretende-se ofertar aula de dança, teatro, defesa pessoal, ioga, bem como cursos de pintura, artesanato e reciclagem.

Também haverá a biblioteca comunitária, com livros adquiridos por doação, e uma brinquedoteca interativa, onde as crianças terão acesso a jogos educativos a fim de aprenderem de forma lúdica.

— Setor comercial:

Ficará localizado próximo ao ponto de ônibus e funcionará como uma feira, onde os expositores poderão utilizar as barracas fornecidas pelo Complexo, bem como vender lanches em espaços apropriados, como caminhões de comida.

Figura 93: Ponto de ônibus próximo ao setor comercial.



Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

A decisão dessa configuração de feira, ao invés de lojas no setor comercial, foi pensada para dar ideia de mais proximidade aos costumes do bairro, visto que, observa-se nos locais de feira fechados, como o Mercado Público do Benedito Bentes, uma circulação muito baixa de pessoas.

A feira visa realocar os ambulantes expulsos da Avenida Benedito Bentes, que foi alargada para dar passagem de veículos até a Avenida Rota do Mar, bem como atrair novos vendedores e novas

atividades comerciais desenvolvidas no espaço, fazendo a economia local circular.

A feira ambulante mencionada era bem diversificada e ofertava diversos produtos e serviços, como venda de frutas, verduras, remédios naturais, frutos-do-mar, roupas, serviço de chaveiro, conserto de celular, etc., tudo ao ar livre e em barracas. Também havia uma pastelaria e um churrasquinho que eram bastante frequentados pelos moradores da região.

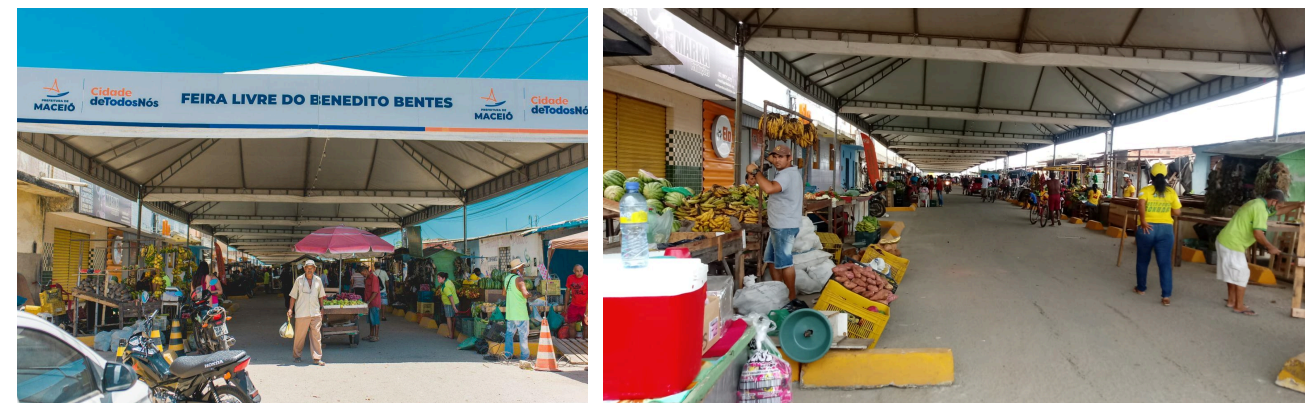
Figuras 94 e 95: Feira da Avenida Benedito Bentes antes de ser removida.



Fonte: Google Maps, 2019 e 7segundos, 2017.

Deseja-se que haja um resgate dessa feira, em dimensões maiores e de forma mais organizada, visto que hoje os ambulantes se encontram em situação irregular e precária na Rua Caxeú, que fica em frente ao terreno proposto.

Figuras 96 e 97: Realocação da feira para área irregular na Rua Caxeú.



Fonte: Prefeitura de Maceió, 2021.

Devido a essa proximidade do terreno com a localização atual, sua realocação não traria novos prejuízos aos usuários e comerciantes da feira. Sendo assim, o setor comercial será ocupado de forma orgânica pelos feirantes locais, com os segmentos definidos por eles.

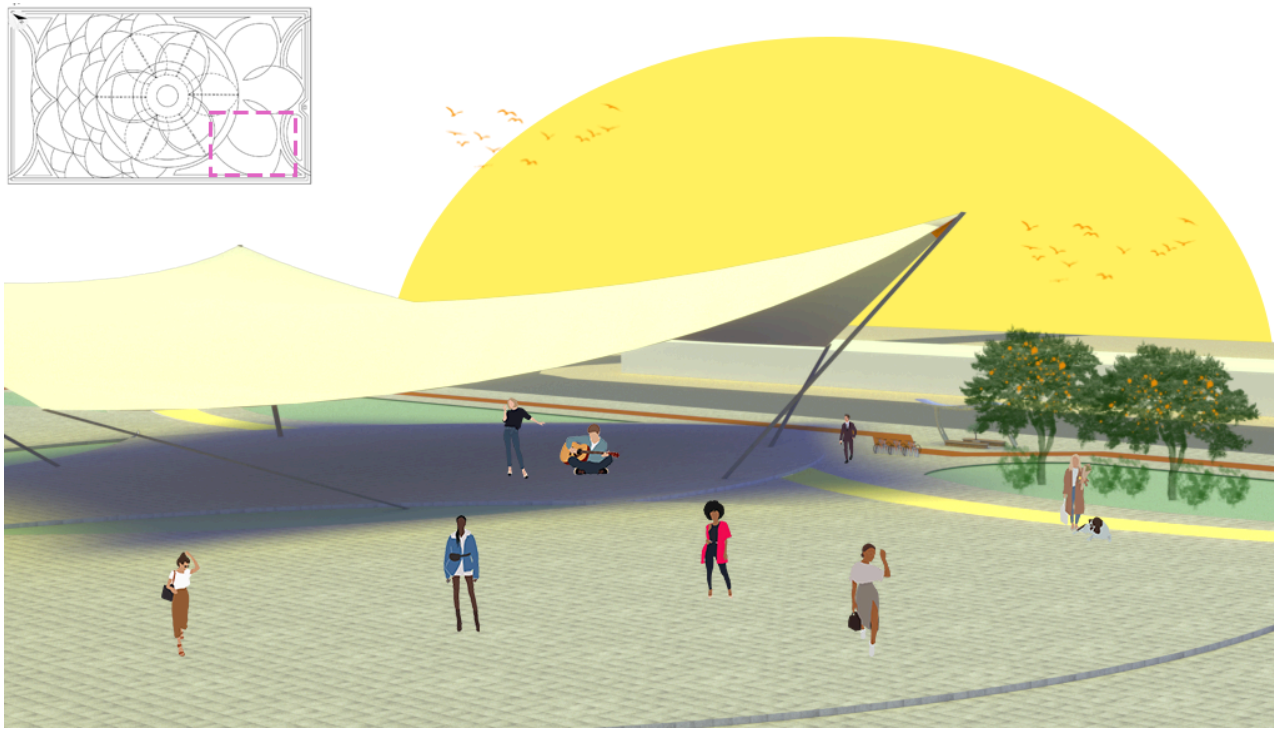
Figura 98: Localização antiga e atual da tradicional Feira do Benedito Bentes.



Fonte: OpenMap Street, 2023 (modificado pela autora.)

No que tange a concepção formal da área de feira, pretende-se delimitá-la através de uma cobertura tensionada para abrigo de intempéries, com intuito de atrair mais pessoas para as atividades desenvolvidas de forma livre como exemplificado na Figura 99.

Figura 99: Estudo de massa do Setor comercial.



Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

07

Pra não dizer que não falei das flores

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A ideia inicial deste Trabalho Final de Graduação era a entrega de um projeto arquitetônico voltado a atuar como suporte das pessoas em situação de rua em retomarem um lugar digno na sociedade. Ao avançar dos estudos e pesquisas, percebeu-se a complexidade do tema e a fragilidade presentes nas existências dessas pessoas, em especial das mulheres, que têm suas vivências ainda mais prejudicadas seja por violência, insegurança ou discriminação, evidenciadas ainda mais no contexto de sociedade patriarcal vigente.

Com o cruzamento dos dados de público-alvo e local de implantação, identificou-se que as problemáticas de ambos partem da mesma base: a segregação, seja ela espacial, como no bairro Benedito Bentes, ou socioeconômica, como das pessoas em situação de rua. Sendo assim, as abordagens resolutivas de ambas as situações podem — e devem — ser pensadas em conjunto, já que o objetivo das ações aplicadas é reduzir as desigualdades enfrentadas pelos dois públicos.

Uma dificuldade encontrada durante a pesquisa foi a escassez de estudos sobre os abrigos e os dados referentes à população de rua, sobretudo no caso de mulheres. Costa (2010, p.6) atribui esse fator ao fato de que a maioria da bibliografia acadêmica referente a esse tema preocupa-se em retratar os perfis e comportamentos dos sujeitos, ao invés de refletir sobre o sistema que produz o indivíduo de rua. Dessa forma, a sociedade e o poder público são induzidos a vê-los como um problema e não como vítimas do problema real.

Os dados sobre essa população, bem como notícias, documentos oficiais, etc. não estão disponíveis de forma acessível à sociedade, e quando existem são bastante desatualizados, impossibilitando ter levantamentos quantitativos fidedignos à realidade da situação, dificultando inclusive a elaboração de projetos sociais que atendam de fato as suas demandas. Outro fator é os dados serem bastante voláteis, dado a fragilidade das circunstâncias em que os mesmos se encontram.

Diante disso, observa-se o descaso por parte do poder público em relação às minorias e aos marginalizados, sendo aplicadas nessa situação em específico apenas medidas paliativas e que não resolvem em definitivo as suas questões. Pode-se atribuir a ineficiência das ações justamente a essa falta de conhecimento de causa e do desinteresse na produção de dados oficiais dessa população, o que ajudaria a conhecer melhor as suas demandas para atendê-las duradouramente.

É papel da sociedade cobrar das instituições competentes o cumprimento das políticas públicas existentes, para garantir o direito à dignidade de todas as populações, para assim contribuir com a equidade social e uma maior qualidade de vida em geral.

A partir dessa realidade, o objetivo do trabalho foi sendo ressignificado até que se tornou um modelo referencial de espacialização de um Complexo de acolhimento. Este modelo será voltado à reinserção social de mulheres em situação de vulnerabilidade, instaladas em bairros periféricos, com intuito de trazer aumento da qualidade de vida da população local e das mulheres que passarem pela moradia de formação profissional, social e de empoderamento.

A intenção é que as diretrizes e o modelo volumétrico apresentados fomentem a discussão da utilização dos espaços públicos existentes e futuros, bem como embasar a elaboração das definições arquitetônicas que materializem os equipamentos e espaços idealizados neste texto.

Como visto, a arquitetura tem um papel fundamental na experimentação das cidades, já que possui um poder de atrair ou repelir usuários dos espaços, conforme sua aplicação. Se faz necessário um maior comprometimento com essa responsabilidade por parte dos arquitetos existentes e em formação. Além disso, é importante o fomento ao debate enquanto sociedade e enquanto comunidade acadêmica, sobre o porquê, para quê e, acima de tudo, para quem se está projetando.

É imprescindível garantir o aprimoramento e a qualidade dos espaços que estão sendo entregues às comunidades, sobretudo às mais carentes, que, por vezes, têm nos espaços públicos o principal elemento de lazer e de melhoria de vida. Mas, para além disso, é necessário pensar em soluções arquitetônicas e urbanísticas para aqueles que têm os espaços públicos como único local de pertencimento e habitação.

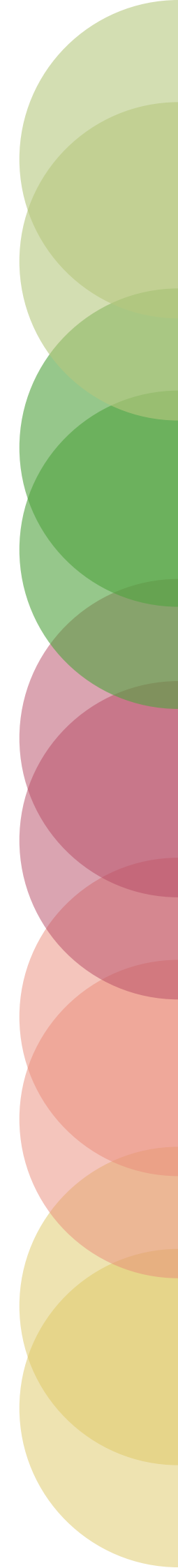


Eu vou lhe dar um prato de flores e no seu ventre vou fazer o meu jardim, que vai florir
Quando os espinhos lançarem as dores do cheiro forte do jardim que não tem fim
E o seu umbigo ainda em flor vai mexer com o tempo, vai matar a dor de novo [...]
Eu vou lhe dar um prato de flores e no seu ventre vou fazer o meu jardim.
(Prato de flores - Nação Zumbi)

08

A flor que muito pensa, a flor que fecha ao sol

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BARBOSA, Jair. **Benedito Bentes tornou-se um bairro, mas parece uma cidade**. Disponível em: <http://www.bairrosdemaceio.net/bairros/benedito-bentes>. Acesso em: 28 Dez 2020.

BENTHAM, Jeremy (1995). The Panoptic Writings. [S.l.: s.n.]

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. 2014 **Ambiência**: espaço físico e comportamentos Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2014; 17(3):601-610

CALHEIROS, Valdete. Maceió tem estimativa de 4.500 pessoas em ruas. **Tribuna Hoje**, Maceió, 28 de jul. de 2023 Disponível em: <https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2023/07/28/123906-maceio-tem-estimativa-de-4500-pessoas-em-ruas>. Acesso em: 16 Set 2023.

CAMPOS, Andreino. Do quilombo à favela a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARVALHO, Lina Martins de. **Processo de urbanização em área de bacia endorreica**: caracterização dos padrões de ocupação dos espaços construídos e dos espaços livres de construção em Maceió-AL. Orientador: Verônica Robalinho Cavalcanti, 2012. 141p. Dissertação de mestrado ((Bacharelado em arquitetura e urbanismo) Universidade Federal de Alagoas, 2012.

COSTA, Daniel De Lucca Reis. Nem dentro nem fora do albergue: transformações e usos de um dispositivo da assistência", In: CUNHA, Neiva Vieira; FELTRAN, Gabriel de Santis (orgs.), Sobre periferia. **Novos conflitos no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2010.

DUARTE, Artur de Souza. **Enviadescer**: Casa 1 e a ancoragem LGBT no Bixiga, São Paulo. Orientador: Renato Cymbalista. 2021. 169 p. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em arquitetura e urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

FERREIRA, Frederico Poley Martins.; MACHADO, Sulamita Crespo Carrilho. **Vidas privadas em espaços públicos**: os moradores de rua em Belo Horizonte. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Editora Cortez, n. 90, ano XXVII, junho de 2007.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Deficit habitacional no Brasil – 2016-2019 / Fundação João Pinheiro. – Belo Horizonte: FJP, 2021

HELENE, Diana; BERNARDES, Vanessa; LEITE, Eduarda. **A cidade como extensão da casa**: espaços livres, e vida cotidiana em habitações de interesse social de Maceió. In: III Colóquio Lote e Quadra, Cidade e Território, 2021, Niterói. Caderno de Resumos, 2021.

HELENE, Diana. **Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia**. Cad. Metrop. São Paulo , v. 21, n. 46, p. 951-974, Dec. 2019 .

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **População em situação de rua cresce e fica mais exposta à Covid-19**. 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811. Acesso em: 11 Jul 2021.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

KERBAUY, Gilberto Barbante. **Fisiologia Vegetal**. 3ª ed., Rio de Janeiro (Rj), Guanabara Koogan, 2008.

LACERDA, Larissa; SANTORO, Paula Freire; GUERREIRO, Isadora. **Por que o déficit habitacional brasileiro é feminino**. São Paulo, 22 abr. 2021. Disponível em: <http://www.labcidade.fau.usp.br/por-que-o-deficit-habitacional-brasileiro-e-feminino/>. Acesso em: 16 Ago 2021.

Lei Padre Júlio Lancelotti que proíbe a arquitetura hostil é aprovada pela Câmara. Archdaily Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/992728/lei-padre-julio-lancelotti-que-proibe-a-arquitetura-hostil-e-aprovada-pela-camara>. Acesso em: 5 Jun 2023

MARICATO, Erminia. **Metrópole na periferia do capitalismo**: ilegalidade, desigualdade e violência. Front Cover. Erminia Maricato. Editora Hucitec, 1996

PASTORINI, Alejandra. **A categoria “questão social” em debate**. São Paulo: Cortez, 2004

Pilares em Árvore ou Cobertura Arbórea. Blogspot, 2015. Disponível em: <https://felipeschmitzhaus.blogspot.com/2015/04/pilares-em-arvore-ou-cobertura-arborea.html>. Acesso em: 22 Set 2023

PRATES, Jane; PRATES, Flavio; MACHADO, Simone. **Populações em situação de rua**: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. Noralis, Brasília (DF), ano 11, n.22, p.191-215, jul./dez. 2011.

RICHWIN, Iara; ZANELLO, Valeska. **"Desde casa, desde berço, desde sempre": violência e mulheres em situação de rua**. Revista Estudos Feministas. 31. 2023

ROCHA, Giovanna Veloso; Camila Nayane Santos FERREIRA; OLIVEIRA, Layse Emily Tavares de Magalhães; ARAÚNA Raiane Rebeca dos. **A manutenção da segregação socioespacial em conjuntos Minha Casa Minha Vida**: Um estudo de caso do Residencial Parque dos Caetés em Maceió-AL. In: Asociación De Escuelas Y Facultades Públicas De Arquitectura De América Del Sur, 2019, Belo Horizonte. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2019.

ROLNIK, Raquel; REIS, Joyce; PIRES, Mariana; IACOVINI, Rodrigo. **Como fazer valer o direito das mulheres à moradia?** Relatoria Especial da ONU para o Direito à Moradia Adequada, 2011. Disponível em: http://www.labcidade.fau.usp.br/download/PDF/2011_ONU_Direito_das_Mulheres_a_Moradia.pdf. Acesso em: 07 set 2023

SILVA, Aracy Lopes da. Xavante: casa – aldeia – chão – terra – vida. In: NOVAES, Sylvia Caiuby (org). **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

SOUZA, Eduardo; PEREIRA, Matheus. **Arquitetura hostil: A cidade é para todos?** ArchDaily Brasil, 2018. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/888722/arquitetura-hostil-a-cidade-e-para-todos?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all. Acesso em: 5 Jun 2023.

TICIANELI, Edberto. Benedito Bentes, o homem que eletrificou Alagoas. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/benedito-bentes-o-comerciante-que-eletrificou-alagoas.html#>. Acesso em: 20 jul 2023.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, gênero e dispositivos**. Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.